

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

FLÁVIO JUSTINO ROSA

**A VISÃO DE EUSÉBIO DE CESARÉIA (SÉC. IV) SOBRE AS DISSIDÊNCIAS
CRISTÃS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA IGREJA.**

**GOIÂNIA
2019**



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Flávio Justino Rosa.

Título do trabalho: A visão de Eusébio de Cesaréia (séc. IV) sobre as dissidências cristãs no processo de desenvolvimento da Igreja.

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Flávio Justino Rosa

Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

Amélia Maria de Souza
Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 19 / 06 / 19

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

Flávio Justino Rosa

**A VISÃO DE EUSÉBIO DE CESARÉIA (SÉC. IV) SOBRE AS DISSIDÊNCIAS
CRISTÃS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA IGREJA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.
Linha de Pesquisa: História, Memória e Imaginários Sociais.
Orientadora: Prof. Dra. Armênia Maria de Souza

Goiânia,
2019.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rosa, Flávio Justino

A visão de Eusébio de Cesaréia (séc. IV) sobre as dissidências cristãs no processo de desenvolvimento da Igreja. [manuscrito] / Flávio Justino Rosa. - 2019.

105 f.

Orientador: Profa. Dra. Armênia Maria de Souza. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,

Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2019.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

1. Eusébio de Cesaréia. 2. História Eclesiástica. 3. História do Cristianismo. 4. Heresia. I. Souza, Armênia Maria de, orient. II. Título.


CDU 94(100)

PPGH
PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA UFG

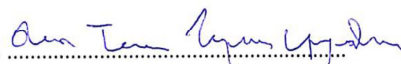

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA


UFG

Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Flávio Justino Rosa**. Aos 21 (vinte e um) dias do mês de maio de dois mil e dezenove (2019), com início às 14h, nas dependências da Faculdade de História, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Flávio Justino Rosa**, cujo título foi **“A VISÃO DE EUSÉBIO DE CESARÉIA (SÉC. IV) SOBRE AS DISSIDÊNCIAS CRISTÃS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA IGREJA”**. A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº 027/2019-PPGH, de 20 de maio de 2019, pelos seguintes Professores Doutores: **Armênia Maria de Souza (Presidente)**, **Eduardo Soares de Oliveira (UEG)**, **Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)**, e, como suplente **Renata Cristina de S. Nascimento (UFG/PUC-GO)**. Os Examinadores arguíram na ordem acima citada. Às ~~16:35~~ horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido o candidato

..... *Aprovado*
Prof. Dr. Eduardo Soares de Oliveira (UEG) Ass.: 

Decisão (..... *Aprovado*)

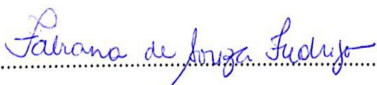
Prof. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG) Ass.: 


Decisão (..... *Aprovado*)

Presidente da Banca Prof. Dra. Armênia Maria de Souza Ass.: *Armênia Ms de Souza*

Decisão (..... *Aprovado*)

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Cintila Alves Garcia, secretário do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenadora: 
Prof. Dra. Fabiana de Souza Fredrigo

Secretária: 
Cintila Alves Garcia

A meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de estudo. A minha família pelo apoio e amor. Ao meu amigo Augustus Luiz de Souza Barbosa que tanto me ensinou sobre a vida. A minha orientadora Profa. Armênia Maria de Souza, que mesmo quando eu desisti, ela não desistiu de mim. A ela minha gratidão. A Professora Ana Teresa Marques Gonçalves e ao Prof. Eduardo Soares de Oliveira, por toda a ajuda e por compartilharem os seus vastos conhecimentos comigo. A minha querida amiga Cleusa Teixeira de Sousa que tanto se preocupou comigo. Aos meus amigos Wendryll, Johnny, Hugo, Lu e Ana, que se esforçaram tanto para se aproximar de mim. Ao Programa de Pós-Graduação em História e a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, da qual recebi bolsa de estudos, o que possibilitou a execução desta pesquisa. A todos meus sinceros agradecimentos.

Vaidade das vaidades – diz Coélet – vaidade das vaidades, tudo é vaidade. Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol? (Ecl 1, 2-3)

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar a forma como Eusébio de Cesaréia se portou diante as várias formas de cristianismos presente no quarto século. Neste período de conflito e transformações Eusébio teve de lidar com autoridades seculares e religiosas, mediando os interesses destas esferas tendo em vista um bom andamento para a Igreja que se fortalecia. Nesta empreitada usaremos como fonte documental a obra *História Eclesiástica* onde Eusébio apresenta sua visão acerca das vicissitudes enfrentada pela Igreja. Tentarei demonstrar através deste texto como os bispos atuaram frente às várias formas de interpretação e prática dos cristianismos que surgiram ao longo dos primeiros séculos. Como as divergências doutrinárias dentro da própria Igreja foram tratadas e se Eusébio alcançou seu propósito de escrever uma obra que seja útil aos estudiosos da história.

Palavras-Chave: História eclesiástica; Eusébio de Cesaréia (c. 260-339); História do Cristianismo (IV); Heresia.

RESUMEN

Esta investigación busca analizar la forma como Eusebio de Cesarea se portó frente a las diversas formas de cristianismos presentes en el cuarto siglo. En este período de conflicto y transformaciones Eusebio tuvo que lidiar con autoridades seculares y religiosas, mediando los intereses de estas esferas con vistas a un buen progreso hacia la Iglesia que se fortalecía. En esta obra utilizaremos como fuente documental la obra *Historia Eclesiástica* donde Eusebio presenta su visión acerca de las vicisitudes enfrentada por la Iglesia. Intentaré demostrar a través de este texto cómo los obispos actuaron frente a las diversas formas de interpretación y práctica de los cristianismos que surgieron a lo largo de los primeros siglos. Como las divergencias doctrinales dentro de la propia Iglesia fueron tratadas y si Eusebio alcanzó su propósito de escribir una obra que sea útil a los estudiosos de la historia.

Palabras Clave: História eclesiástica; Eusebio de Cesarea (c. 260-339); História del Cristianismo (IV); Herejía.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
-------------------------	----

CAPÍTULO I

EUSÉBIO DE CESARÉIA E A ELABORAÇÃO DA <i>HISTÓRIA ECLESIASTICA</i>	25
1.1 A vida e a obra de Eusébio de Cesaréia (260-337)	27
1.1.1 Educação e influências intelectuais	30
1.2 A relevância de sua obra na política: a escrita de Eusébio, como testemunha de seu tempo e espaço	33
1.2.1 A noção de ἐκκλησία	37
1.2.2 Cesaréia no tempo de Eusébio	41
1.3 O propósito de Eusébio com a <i>História Eclesiástica</i>	48
1.3.1 Questões externas	49
1.3.2 Questões internas	51

CAPÍTULO II

A ATUAÇÃO DE EUSÉBIO BISPO DE CESARÉIA (SÉC. IV)	59
2.1 A atuação dos Bispos na Antiguidade Tardia	60
2.2 Os Imperadores Diocleciano e Constantino	69
2.3 A preservação de documentos de interesse eclesial em Eusébio	72
2.4 A compilação dos documentos seculares a favor da Eclésia	74
2.5 O concílio de Niceia	80

CAPÍTULO III

HERESIARCAS E APOLOGETAS NA <i>HISTÓRIA ECLESIASTICA</i>	82
3.1 A noção de heresia	84
3.1.1 A Etimologia da noção de Heresia	88
3.1.2 Apostasia	90
3.2 Os bispos e as dissidências acerca dos preceitos da igreja	91
3.3 Dissidências tidas como heréticas por Eusébio de Cesaréia	94
3.3.1 A heresia de Simão	97
3.3.2 Os movimentos gnósticos	97
3.4.3 Arianismo	100

CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
-----------------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
-----------------------------------------	-----

ANEXOS

Anexo 1: Quadro de documentos citados por Eusébio de Cesaréia em sua obra <i>História</i> <i>Eclesiástica</i>	115
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Anexo 2. Quadro de heresias citado por Eusébio de Cesaréia em sua obra <i>História</i> <i>Eclesiástica</i>	118
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Anexo 3: Mapa: Império Romano no período de Constantino	120
---------------------------------------------------------------	-----

Anexo 4: Cronologia: Eusébio e a História Eclesiástica	121
--------------------------------------------------------------	-----

Anexo 5: Representação artística da cidade de Cesaréia Marítima	122
-----------------------------------------------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

No último quartel do século três, nascia Eusébio de Cesaréia (260/9-339) um dos mais importantes personagens da Igreja¹ cristã. Um homem cujo trabalho lançaria luz aos fatos mais relevantes e caros aos cristãos dos primeiros séculos. Ele buscou preservar relatos das dificuldades e sucessos da comunidade cristã, compilando-os num importante documento mnemônico, cujas repercussões ecoam até os nossos dias. Para ele era importante preservar essas experiências de qualquer possibilidade de esquecimento, dado o trabalho que teve em compendiar um vasto conteúdo para instrução das próximas gerações. Assim, traçou um paradigma de como proceder frente às barreiras a serem superadas pela Igreja diante das adversidades que a relação entre os homens nos apresenta. Para muitos foi considerado um homem de grande erudição, inaugurando uma nova forma de literatura baseada na narrativa religiosa que foi acatada e consultada pelos estudiosos que o seguiram.

Neste estudo, pretendemos analisar e compreender as divergências quanto às diversas ideias de cristianismos de acordo com a visão de Eusébio e, por conseguinte, perceber em seus escritos como a Igreja lidou com suas dificuldades internas² e externas³ que se apresentaram nos quatro primeiros séculos de sua história, a qual teve seu ápice no início do processo de institucionalização da Igreja⁴ iniciado no tempo do imperador Constantino (272-337). Para tanto, utilizaremos como fonte principal a *História Eclesiástica*, escrita por Eusébio de Cesaréia; trabalho este entendido como a primeira obra histórica pensada e redigida com o fito de preservar a memória da Igreja Cristã ocidental desde sua gênese até a época do seu autor. Seu trabalho atendia a dois públicos diferentes ao mesmo tempo, ou seja,

¹ No decorrer deste trabalho surgiu a necessidade de diferenciar as várias formas de agrupamentos cristãos. A primeira e mais simples seria a “comunidade cristã” para aqueles que professam os mesmos dogmas reconhecidos por Eusébio. Para uma comunidade cristã que esteja organizada e seja dirigida por um bispo usaremos o termo “igreja”. Quando nos referimos a igreja após o favorecimento de Constantino faremos o uso do termo “Igreja”. Por fim, usaremos a expressão “dissidentes cristãos” para nos referimos às comunidades cristãs, igrejas ou qualquer outro tipo de assembleia que professam ideias não reconhecidas por Eusébio. Outro ponto a ser observado no decorrer do trabalho é o uso do termo “textos escriturísticos” que será usado para aludir aos documentos escritos pela comunidade cristã que se tornariam o conjunto de textos que conhecemos hoje como o Novo Testamento.

² As dificuldades internas abrangem as discussões doutrinárias, litúrgicas, dogmáticas e burocráticas do funcionamento cotidiano da Igreja. O combate às interpretações divergentes ao que é majoritariamente aceito pela Igreja. O foco está direcionado para esta dificuldade, uma vez que gera as heresias.

³ As dificuldades externas compreendem todos os tipos de perseguições sendo elas oficializadas ou não pelas autoridades seculares.

⁴ Este processo iniciou-se a partir do Edito de Milão (313) com o imperador Constantino sendo consolidado por volta do ano 380 quando o imperador Teodósio instituiu o cristianismo ortodoxo como religião oficial.

aos interesses do meio secular e aos dos eclesiásticos. Neste documento o bispo de Cesaréia, provavelmente pensando em deixar para a posteridade os ensinamentos religiosos próprios de seu tempo, escreveu sobre os eventos relevantes relativos às adversidades pelas quais passava a igreja, como um meio de preservar o testemunho de muitos que morreram em prol deste propósito. Numa tentativa de reconhecer e demonstrar seu respeito por aqueles que lutaram contra as heresias e os inúmeros erros que fervilhavam naquele período.

Eusébio deixou para a posteridade um manual para os adeptos da fé cristã saberem como deviam proceder em sua fé. Além disto, segundo Eusébio, este documento demonstra como a providência divina favoreceu a Igreja, inserindo em seu seio Constantino (272-337), entendido pelo autor como um imperador piedoso, que assumiu o legado benévolo de seu pai para com os cristãos, sendo logo proclamado imperador por seus soldados e pelo próprio Deus, em suas palavras:

[...] O imperador Constâncio que, durante toda sua vida, tivera para com seus súditos disposições mais suaves e benignas, e para com a doutrina cristã sentimentos mais amigáveis, deixou para substituí-lo o próprio filho Constantino [...] tendo sendo logo proclamado imperador absoluto e Augusto pelos soldados e ainda bem antes deles, pelo próprio Deus⁵.

O fato desse imperador se interessar pelo cristianismo possibilitou o desenvolvimento de uma relação entre os meios seculares e eclesiásticos, contudo, sem esquecer as perseguições e injúrias cometidas no meio secular. O estreitamento da relação entre o meio secular e o eclesiástico, contribuiu para a preservação do maior número de documentos relativos à Igreja, favorecendo os interesses eclesiásticos. Trata-se de um período em que grandes vicissitudes se apresentavam exigindo respostas às mudanças em processos.

Assim, a maior contribuição deste trabalho para a história consiste em perceber e analisar o modo como Eusébio elaborou respostas e as deu forma nesse documento-monumento⁶, as quais foram norteadas pelas questões que ele mesmo suscitou, sobre a organização interna da Igreja e as problemáticas que essa instituição sofreu em seu tempo. Em seus escritos esse autor preocupou-se ainda, em registrar seus apontamentos e reflexões sobre

⁵ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. P. 422.

⁶ Segundo Le Goff os monumentos são constituídos pela herança do passado, o que Catroga chamou de traços, vestígios do passado. Os documentos seriam as escolhas do historiador ao confrontar estes vestígios. A formulação dos documentos é influenciada pelas condições de sua produção e atende aos interesses presente no seu tempo. O monumento seria a perpetuação de um dado fato, que permite uma revisitação, um legado a memória coletiva. Deste modo a *História Eclesiástica* pode ser entendida como um documento monumento uma vez que é constantemente revisitada pelos estudiosos. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. P. 526.

o agir, o pensar, o proceder e o bem viver dos cristãos. Neste ponto devemos nos lembrar dos ensinamentos de Jacques Le Goff em sua obra *História e memória* de que “[...] o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada⁷”, tal escolha é influenciada pelas circunstâncias em que o autor se encontrava e pelas ferramentas da ciência histórica. No decorrer deste trabalho teremos em mente que tanto os documentos quanto os monumentos são ao mesmo tempo verdadeiros, posto ser nosso ponto de referência do passado, quanto falso, visto a possibilidade de falhas no olhar do Historiador. Ao analisarmos os vestígios do passado as ausências são tão importantes quanto o que foi preservado, pois como pondera Catroga “[...] todo monumento é traço do passado, consciente ou involuntariamente deixado⁸”, portanto, é preciso uma mediação, um confronto entre estes elementos, a fim de chegarmos o mais próximo possível do significado destes vestígios.

Na redação da *História Eclesiástica*, o bispo de Cesaréia percebeu que seus registros seria uma forma de preservar os documentos institucionais eclesiásticos, bem como os ensinamentos cristãos do século IV. Assim, esta obra como outras de autores de igual envergadura se tornou uma referência para se compreender a História da Igreja, as relações internas e externas que a envolviam, além de uma fonte de estudos interdisciplinar, contribuindo nos campos da história e teologia, o que nos permite manter o diálogo entre essas duas vertentes, de modo a enriquecer nossas discussões.

O estudo sobre a história de Eusébio é uma tarefa difícil, uma vez que dispomos de poucos documentos que tratam de sua vida⁹. O tempo nos legou apenas fragmentos vindos das narrativas da história da Igreja, na qual Eusébio está inserido, e relatos de outros personagens que compartilharam parte de sua vida. Contudo, muitos dos seus escritos superaram o teste do tempo sendo amplamente utilizados e citados. Esta grande utilização proporcionou a preservação de suas obras para consultas e criou um número significativo de referência sobre as mesmas, tornando-se assim uma das principais fontes da memória escrita do seu tempo. Sobre o autor destacamos a capacidade de adaptar-se ao mundo que o cerca, tendo como perspectiva e interesse o bem-estar da Igreja que caminhava no seu processo de institucionalização.

⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 525.

⁸ CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: Memória e o fim do fim da história*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. P. 22.

⁹ Quanto a dificuldade de se encontrar documentos acerca da vida de Eusébio de Cesaréia podemos citar como exemplo o comentário do teólogo e historiador Justo L Gonzalez em sua obra “Historia del cristianismo” tomo I pagina 176, quando ele se refere a impossibilidade de se achar dados fidedignos de sua família e afirma que Pânfilo foi quem causou impacto relevante na vida do jovem Eusébio.

A sociedade contemporânea ainda é norteadada por pressupostos religiosos que se manifestam no cotidiano, no modo de pensar, de agir, nos campos éticos e morais. Entender como se deu a estruturação da Igreja nos permite perceber como a sociedade ocidental foi influenciada por estes preceitos em seu desenvolvimento.

No percurso acadêmico, ao estudarmos a história da Igreja, o nome de Eusébio, bispo de Cesaréia é recorrente, assim como seu principal trabalho *História Eclesiástica*. Sendo um grande estudioso de sua época, Eusébio conseguiu negociar uma relação aceitável entre uma Igreja em franca ascensão, que estava no meio de uma sociedade hostil e em crise, e um império abalado que necessitava de um ponto aglutinador. Seu trabalho nos fornece um excelente campo para investigarmos a formação da Igreja institucional e suas transformações. Um processo que se repetiu ao longo da história e que é útil para pensarmos nosso próprio mundo. A isto acrescentamos o fato de Eusébio inaugurar a historiografia eclesiástica estabelecendo um modelo literário que se tornaria normativo e amplamente compilado por outros estudiosos eclesiásticos ao longo tempo.

Outro fator que legitima o estudo desta obra e seu autor é a questão de que Eusébio foi relevante erudito da Igreja cristã. Seus escritos foram, em grande parte, preservados por serem extensos, abrangentes, e contar com uma forma de escrita clara e concisa, aliada a uma ampla utilização de excertos e citações de diversas obras como a *Apologia* de Justino Mártir (100-165) e a *História dos Hebreus* de Flávio Josefo (37/8-100). Contudo, devemos ter em mente a ressalva de Argimiro Velasco-Delgado¹⁰ de que, embora as citações feitas por Eusébio sejam importantes, a utilização e as conclusões que o bispo de Cesaréia apresentou a partir destes excertos devem ser analisadas com cuidado.

Adiciono a estas razões, o nosso grande interesse pela História da Igreja, sobretudo os primeiros séculos de sua existência. Neste período inicial se apresentam uma infinidade de dificuldades, dúvidas e obstáculos, que forçaram os cristãos a sentarem e refletirem sobre sua fé. Algumas questões instigaram esta pesquisa: Como se deu o processo de transformação do movimento iniciado por Cristo e dirigido pelos apóstolos, num movimento religioso capaz de influenciar a sociedade romana do período imperial? Como este se desdobrou em uma multiplicidade de cristianismos? Como eram as relações entre estes múltiplos cristianismos? Como atuavam os líderes destas comunidades cristãs? Como os líderes definiram seus ideais e doutrinas? O que eles consideraram heréticos e como lidaram com aqueles que denominaram de heresiarcas? Nossos estudos no campo da História e da

¹⁰ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*: Texto Bilingue. Version, introduccion y notas: Argimiro Velasco-Delgado, O.P. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010. P. 56.

Teologia sempre foram norteados por este problema. Assim, o estudo sobre Eusébio e sua obra atenderam aos nossos anseios, uma vez que nos permitiu elaborar respostas aos problemas formulados a partir desta inquietação.

Sobre o tema na bibliografia, destacamos que Eusébio criou a primeira obra referente à história da Igreja e uma das principais fontes dos eventos ocorridos nos quatro primeiros séculos da era cristã. Conquanto alguns teólogos argumentaram que os textos de Lucas e dos Atos dos Apóstolos podem ser considerados textos históricos, o objetivo de Lucas (provável autor destes textos) era fazer uma narrativa apologética, que foi especificamente endereçada a Teófilo. Nesta missiva seu provável intuito foi o de confirmar os eventos ocorridos com Cristo e os Apóstolos, dando uma legitimidade ao que lhe foi ensinado¹¹.

O teólogo e Historiador Justo Gonzalez comenta em sua obra “História del cristianismo” que: “Se Eusébio não tivesse feito outra coisa em sua vida que escrever a História Eclesiástica, isso já seria suficiente para ele ser contado entre os "gigantes" da Igreja no século IV¹²”. Isso ilustra o papel desempenhado por Eusébio na preservação da memória referente à Igreja. O bispo de Cesaréia foi um bibliotecário coletando, catalogando e propagando informações, sobretudo as referentes ao cristianismo.

Para Claudio Moreschini e Enrico Norelli “A importância histórica de Eusébio consiste em ter dado vida a uma historiografia eclesiástica, fornecendo deste modo, o modelo de um novo gênero literário que permanecerá normativo por longo tempo, [...]”¹³. Esta opinião corrobora a de Justo Gonzalez quanto à importância do trabalho de Eusébio que, no decorrer do seu texto, apresenta argumentos ilustrando este método como, por exemplo, o arquivo e transcrição de citações e documentos inteiros na elaboração da *História Eclesiástica*, muitos dos quais só sobreviveram nesta obra, preservando importantes trabalhos relativos a Igreja, salvando do esquecimento autores como Sexto Júlio Africano (160-240)¹⁴.

No mesmo parágrafo citado acima, alusivo à “História da literatura cristã antiga grega e latina” os autores apresentam um novo e importante argumento “[...] ter-se posto como porta voz teológico da visão constantiniana, quanto às relações cada vez mais envolventes entre império e igreja”. O que demonstra os dois pontos principais de nossa

¹¹ Lc 1,1; At 1,1.

¹² GONZALES, Justo L. *História del cristianismo*. Miami: Editorial Unilit, 2008, p. 177.

¹³ MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina: I - de Paulo à era Constantiniana*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p 542.

¹⁴ Sexto Júlio Africano foi um historiador cristão de língua grega que atuou como cronista e sacerdote entre os séculos II e III, cujo trabalho influenciou Eusébio. ADLER, William. Sextus Julius Africanus and the roman near east in the third century. *The Journal of Theological Studies*, v. 55, n. 2, p. 520-550, out. 2004.

pesquisa: as relações de poder entre o Império na pessoa do Imperador Constantino e a Igreja em ampla ascensão na pessoa de Eusébio de Cesaréia. Relação explícita na obra “*História eclesiástica*”, que foi pensada a partir de sua revisão e ampliação após os eventos do concílio de Niceia, para ser a memória dos dogmas da Igreja, mas também, adequada às necessidades do Império. E, de certo modo um seguro para a frágil posição da Igreja naquele tempo. Eusébio preservou os favores e as promessas do imperador Constantino em sua literatura, transcrevendo e guardando cópias das cartas, editos e leis produzidas pelo imperador atinentes a esta instituição que se estruturava.

Outro tema comum discutido na obra do bispo de Cesaréia é a apologética. Foram atribuídas a autoria de Eusébio a um grande número de obras dogmáticas e apologias que, infelizmente não chegaram até os nossos dias. Dentre os temas referentes à defesa da igreja temos o caso de Ário (256-336), amigo de Eusébio, que defendia algumas noções referentes à pessoa de Cristo divergentes do comumente aceito. Como exemplo, citamos a discussão quanto consubstancialidade da pessoa de Cristo que gerou inúmeros conflitos entre as comunidades cristãs. A postura de Eusébio frente ao caso e sua articulação entre o sagrado e o secular é também objeto de estudo neste trabalho. Caso semelhante se apresenta na biografia do Imperador Constantino. Após os eventos do Concílio de Niceia (325), Eusébio se tornou o biógrafo oficial do imperador sobre quem escreveu em a “Vida de Constantino”, com um apêndice na “*História Eclesiástica*” completando esta obra.

Ao analisarmos a *História Eclesiástica*, podemos observar duas discrepâncias de grande relevância no trabalho de Eusébio. A primeira divergência diz respeito ao propósito inicial do autor, conforme apresentado no primeiro capítulo de sua narrativa. Segundo Eusébio seu propósito era relatar a sucessão dos santos apóstolos, expondo o número dos que se sobressaíram no governo das Igrejas mais importantes, dos que foram embaixadores da palavra de Deus, dos que a perseguiram, daqueles que morreram por esta causa, assim como, a magnitude dos feitos registrados pela “*História Eclesiástica*”. Este propósito foi seguido até o capítulo VII, dando espaço a uma narrativa voltada para à situação política do seu tempo, a partir da qual podemos observar a história de governantes, o anexo contendo as cartas e as leis seculares que, mesmo tratando de questões que envolviam a Igreja são claramente documentos do governo secular.

A segunda divergência se refere à questão do pensamento doutrinário de Eusébio. O desenvolvimento da narrativa presente nos livros I ao VII de sua obra é uma apologia a fé cristã. Após o concílio de Niceia em 325, o autor demonstra uma mudança de pensamento, uma revisão aos seus preceitos e discurso. Após criar a base do credo niceno (325) sob o olhar

atento do imperador e seus iguais, os bispos membros da Igreja, é plausível pensarmos que todo o seu trabalho sofreu uma revisão atenta, a fim de evitar qualquer divergência entre as ideias recém aprovados na assembleia de Niceia e os formados pela compilação dos vestígios que resultou na *História Eclesiástica*.

Ao problema da influência política e da mudança no pensamento doutrinário, somamos a questão da perseguição, que certamente deixou marcas na formação de Eusébio pois, ele foi testemunha dos sofrimentos pelos quais os mártires passaram, tendo ainda perdido seu mentor Pânfilo que, mesmo preso trabalhou defendendo a fé Cristã, sendo observado e ajudado por seu pupilo. Com a mudança de posição demonstrada pelos governantes surgia uma oportunidade, uma esperança de paz para os cristãos, um fator que poderia influenciar nas escolhas e decisões de Eusébio. As quais podem ser observadas tanto da negociação política quanto na revisão de sua doutrina, constituindo-se como mais uma problemática a ser verificada.

Por fim, temos a questão de que, antes de tudo, Eusébio era um homem religioso. Suas crenças eram estabelecidas sob o viés da soberania de Deus acima de todas as coisas e de todos os homens. Atentando-se ao relevo do papel da Igreja, como principal transmissora das “boas novas”¹⁵ a todos os povos. Assim, seguimos, numa busca constante de tentar entender e identificar o alcance religioso que esse autor deu ao seu trabalho. Indagando tanto os seus escritos, quanto realizando a observância da sua participação na formação da Igreja em processo de institucionalização. Este será, sem dúvida, o problema mais difícil de ser verificado.

Tendo em mente que Eusébio é um sacerdote, um homem comprometido com os interesses da Igreja, sobretudo com a sobrevivência de seus ideais, podemos entender os motivos de tais divergências. Na primeira parte de sua obra, esse autor buscou relatar as dificuldades que a igreja passou mediante as perseguições. Em sua narrativa, preocupou-se também, em revelar as normativas criadas nesse tempo, para defender a fé cristã das discordâncias, seitas, heresias e heresiarcas que se fizeram presentes na história do cristianismo. Deixando-nos relatos completos do método como os bispos lidaram com os obstáculos a eles apresentados, assim, como uma grande gama de referências dos escritos desenvolvidos para lidar com as constantes lutas ocorridas contra o desenvolvimento da Igreja.

¹⁵ No grego Κοίνη εὐαγγέλιον, palavra esta que traz o sentido de boas novas, uma notícia ou proclamação de algo que seja considerado bom. No contexto bíblico do Novo Testamento estas boas novas seriam a mensagem deixada por Jesus o Cristo, que após sua morte deveria ser anunciada a todos os povos pelos seus discípulos. O anúncio do evangelho é um dogma básico da Igreja desde o seu início.

No segundo momento, aproveitando-se do favorecimento aos cristãos pelo imperador, Eusébio dedicou atenção às questões mais voltadas para a política. Nesta narrativa ele torna a escrever sobre as perseguições priorizando as histórias pessoais dos mártires¹⁶, usando-as como um testemunho que ilustra a postura cristã frente às divergências doutrinárias, às leis seculares, aos caprichos daqueles que exercem o poder e aos próprios sentimentos de dor e dúvida que uma vida cristã impunha aos que a seguia. Seguida de um panegírico ao imperador que, simpático aos cristãos, ligou-o à providência divina, atendendo os interesses da Igreja e do império ao mesmo tempo. Contudo, Eusébio precaveu-se compilando e transcrevendo o maior número possível de documentos seculares que tinham ligação com a Igreja, sobretudo os que a beneficiava, fornecendo uma sólida proteção aos interesses e à sobrevivência.

Desta forma, Eusébio consegue costurar as aparentes discordâncias e mudanças de tons no seu trabalho. Os objetivos traçados por Eusébio parecem ter sido alcançados. Ele nos legou um documento mnemônico que apresentava as doutrinas em desenvolvimento na Igreja¹⁷, as pessoas nos meios seculares e eclesiásticos que trabalharam para a sobrevivência e crescimento da mesma, as dificuldades que a comunidade cristã fora exposta, e a providência divina trabalhando a favor de seu povo. O que demonstra que Eusébio soube negociar e articular as oportunidades que lhe apresentaram, buscando cumprir suas obrigações como cristão, divulgar o evangelho e ensinar a palavra de Deus. Nosso problema é averiguar como isto se apresenta na fonte *História Eclesiástica*.

Todavia, a partir do relato de Eusébio é possível inferirmos suas principais preocupações, as quais estiveram alicerçadas sobre cinco pilares, sendo eles: 1) a sobrevivência da Igreja e o seu bem-estar; 2) a preservação dos eventos relevantes e significativos da *História Eclesiástica*; 3) lembrar a atuação daqueles que lutaram, sofreram e morreram pelo cristianismo; 4) defender a fé e suas ideias; 5) evitar o esquecimento de todas essas premissas. Essas vertentes norteiam as análises que pretendemos desenvolver ao longo desta investigação.

A diversidade e qualidade de suas obras demonstram o que alguns Historiadores como Justo Gonzales e Enrico Norelli chamaram de uma prodigiosa erudição. Seus estudos na biblioteca de Cesaréia sob a orientação do presbítero Pânfilo, suas viagens (muitas em virtude

¹⁶ Como exemplo citamos as narrativas do mártir Fileas presente na *História Eclesiástica* 8, 10, 2.

¹⁷ A memória que Eusébio preservou em suas obras englobam os ensinamentos e as doutrinas aceitas tanto pelas comunidades cristãs quanto pela Igreja que se institucionalizava. O uso do termo Igreja nesta parte do texto expressa o caráter articulador entre os diversos elementos que estavam compondo o processo de institucionalização da Igreja. Contudo este documento mnemônico foi usado ao longo do tempo pelas diversas formas de cristianismos.

das perseguições), seu trabalho na organização política eclesiástica e seu sacerdócio forjaram uma mente capaz de avaliar e se adaptar às necessidades do seu tempo.

Refletindo acerca dos problemas propostos, juntamente com os objetivos desta pesquisa, nossa hipótese sugere que o trabalho executado por Eusébio de reunir e compilar os vestígios da história da Igreja desde a vinda de Cristo até a sua época foi amplamente influenciado pelas circunstâncias políticas do seu tempo. Sua obra “*História Eclesiástica*” é o resultado de uma negociação entre os religiosos e o Imperador Constantino I, que tinha como objetivo deixar um registro mnemônico das bases, dos ideais da fé cristã e o árduo caminho para a sua preservação às gerações futuras.

Por último, há a possibilidade de que as ações de Eusébio referentes à sua posição política tenham sido motivadas pela crença de que Constantino fosse um instrumento da vontade divina enviado a terra para proteger a Igreja e favorecê-la, depois de toda a perseguição e sofrimento que os cristãos haviam passado. Levando em conta a documentação¹⁸ e a opinião de estudiosos como Daniel Rops¹⁹ e Philip Schaff²⁰, podemos pensar que naquela época se tinha sempre em mente a questão da vontade divina e suas implicações. Deste modo a superstição²¹ é um forte elemento presente no pensamento de Eusébio e Constantino, que não pode ser esquecido. O fator religioso faz parte do caráter humano influenciando-o. Com o intuito de entender este fator a partir do século XIX a história da religião começou a se desenvolver como disciplina científica com método e objeto próprio.

Para esta pesquisa trabalhamos com os métodos heurístico, hermenêutico e o exegético. Utilizamos o método heurístico para o levantamento dos dados referente à temática, para a investigação e análise dos textos e a descoberta do tema na historiografia e seus debates. O método hermenêutico é empregado de duas formas: a hermenêutica bíblica é

¹⁸ Quanto a documentação nos referimos a fonte estuda, sobretudo nos dois capítulos finais e a *A vida de Constantino*.

¹⁹ ROPS, Daniel. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 412.

²⁰ SCHAFF, Philip (Ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*: Eusebius Pamphilus: Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal, [200-]. Disponível em : <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.html>>. Acessado em: 18 maio 2018.

²¹ Superstição é um termo usado para se referir a um conjunto de crenças ou práticas consideradas irracionais não fundamentadas em verificações de qualquer espécie. A palavra é frequentemente relacionada ao contexto religioso e suas ações fundamentada no temor ou na ignorância frente ao que consideram sagrado. Pode, também, denotar um conjunto de ideias e práticas de uma sociedade baseada em tradições populares. No que concerne a Eusébio e Constantino o termo se refere ao contexto religioso, como exemplo citamos Daniel Rops que em sua obra “A igreja dos apóstolos e dos mártires” (p 404), descreve Constantino como uma pessoa mais voltada ao instinto e a superstição. Rops cita como documento que possibilita esta ideia, inscrição presente no arco do triunfo erguido em 313 em honra a seu sucesso que a vitória de Constantino se deu por inspiração divina. Quanto a Eusébio Rops apresenta a narrativa presente no livro IX de sua *História Eclesiástica*, em suas palavras: “Eusébio declara formalmente que, na sua luta contra Maxêncio, Constantino invocou Cristo e a Ele deveu a vitória.

utilizada para interpretar os textos das Sagradas Escrituras citados na fonte; já a hermenêutica tradicional visa apreender o sentido empregado no discurso do autor.

Quanto à exegese incluímos este método entendendo a mesma como uma interpretação profunda dos textos bíblicos, eclesiásticos e literário, extraindo o que temos mais próximo da verdade ao investigarmos desde as raízes das palavras em suas línguas originais, até a forma como as mesmas são utilizadas em suas variações. Tal forma de interpretação se faz necessária na pesquisa histórica do campo eclesiástico, conforme a orientação do Historiador e teólogo francês Michael de Certeau em sua obra *A escrita da história*.

No decorrer de nossa pesquisa nos deparamos com alguns conceitos que entendemos serem vitais para o desenvolvimento da mesma, como a questão do poder e as relações de poder, a memória e em menor escala o imaginário²². Esclarecer estes conceitos nos permitirá compreender melhor os atores e suas escolhas nas dobras de seu tempo.

Quanto à memória inicialmente usaremos como referência a obra do filósofo Frances Paul Ricoeur: *A memória, a história, o esquecimento*. A escolha é devido a opção do autor em refletir as questões culturais e históricas de uma perspectiva hermenêutica e abrangente, traçando um diálogo com vários outros pensadores que trabalharam o mesmo tema como, por exemplo: Michael de Certeau, Jacques Le Goff²³, John Van Seters²⁴. O trabalho de Ricoeur é extenso e rico, nos dá subsídios sobre o que foi pensado quanto a memória, fornecendo assim uma vasta bibliografia sobre este tema. Outra importante obra utilizada para elucidar este conceito foi redigido por Jacques Le Goff em sua *História e memória*, no qual o autor aborda o tema de maneira objetiva o que facilita a compreensão da temática.

Sobre o poder e as relações de poder faremos uso do trabalho do professor Dr. José Antônio de C. R. de Souza em suas obras *As relações de poder na Idade Média Tardia*²⁵ e *O reino e o sacerdócio: o pensamento político na Alta Idade Média*²⁶ que, embora trabalhe em um recorte temporal distinto nos ajuda a pensar como se deram o pensamento político, as relações de poder assim como a manutenção desta ordem entre o poder secular e eclesiástico.

²² Quanto a questão do imaginário, neste momento do desenvolvimento da pesquisa o termo estará ligado a questão da mística e superstição.

²³ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exodux, 1997.

²⁴ SETERS, John van. *Em busca da história: Historiografia no Mundo Antigo e as Origens da História Bíblica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

²⁵ SOUZA, José Antônio de C. R. de. *As relações de poder na Idade Média Tardia; Marsílio de Pádua, Álvaro Pais O,Min e Guilherme de Ockhan O. Min*. Porto Alegre: EST Edições; Porto, Po: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

²⁶ SOUZA, José Antônio de C. R. de (Org.). *O reino e o sacerdócio: O pensamento político na Alta Idade Média*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

Acreditamos que o trabalho do professor José Antônio nos ajuda a compreender a gênese desta relação em que se deu no processo de institucionalização da Igreja.

Outra obra importante que usaremos para refletir as questões de poder é o trabalho do sociólogo francês Georges Balandier em sua obra *O poder em cena*. Sua reflexão acerca da teatralização das relações de poder nos permite um novo olhar sobre as relações entre Eusébio e Constantino narradas em nossa fonte.

Por fim temos a questão do imaginário e da identidade que embora não faça parte do âmago do trabalho proposto, surgiu no decorrer das reverberações. O Historiador Francês Daniel Rops leva em conta no seu discurso a problemática em torno da mística e do imaginário, o que pode ter influenciado a opinião de Constantino sobre a Igreja.

O nosso trabalho está estruturado em três capítulos, o primeiro intitula-se: O contexto histórico da vida de Eusébio de Cesaréia e a elaboração da obra *História Eclesiástica*. Neste capítulo buscamos traçar a biografia do autor de modo a cruzar informações e apontamentos relevantes sobre sua trajetória eclesiástica e a importância de sua obra mnemônica como um relevante documento deixado para a posteridade, de forma a referendar seus objetivos e supostas expectativas na escrita deste trabalho.

No segundo capítulo intitulado “O período de atuação do bispo de Cesaréia (Séc. IV)” buscaremos entender o papel dos bispos na sociedade romana no final da Antiguidade Tardia e sua atuação nos campos secular e eclesiástico. Procuramos compreender, por meio do olhar de Eusébio, como uma comunidade, outrora perseguida, conseguiu ocupar uma posição de destaque junto ao imperador, ganhando gradativamente poder e importância nos séculos seguintes. Neste intuito refletiremos brevemente como as vicissitudes e dificuldades do Império Romano e as atitudes dos imperadores frente a estas circunstâncias possibilitaram uma aproximação entre as esferas de poder (espiritual e temporal) beneficiando a ambos.

O terceiro capítulo foi intitulado: Heresiarcas e apologetas na *História Eclesiástica*. Neste, buscaremos desenvolver uma análise pautada nas figuras de heresiarcas e apologetas que fizeram parte do contexto histórico esboçado pelo autor na escrita de seu trabalho. Pois, essas personagens corroboram para a nossa compreensão relativa à estrutura eclesial daquele tempo, bem como o combate que surge nesse período contra as heresias que nasceram e prevaleceram ao longo dos tempos na história da Igreja cristã.

CAPÍTULO I

EUSÉBIO DE CESARÉIA E A ELABORAÇÃO DA *HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA*

Escrever história é (re)criar um passado, bem como circunscrevê-lo. Assim, percebe-se que, ordenar os fatos no presente para construir uma narrativa própria de seu tempo, consiste em substituir a experiência opaca da sociedade por meio do processo controlado do fazer histórico. Esta operação fundamenta-se na fabricação de um objeto, na organização do espaço e do tempo, consolidando-se pela encenação de um relato²⁷.

De acordo com Michel de Certeau a história religiosa compõe-se como um campo de confronto entre a historiografia e a arqueologia, tomando para si lugar parcial, por permitir a análise desta relação. Deste modo, observa-se que, a produção da história religiosa se direciona por meio do entrelaçar da história com o imaginário, dando forma a sua composição. Pois, é nesse entrecruzamento que a teologia recebe o tratamento de métodos próprios da história.

Conquanto, o Historiador passa a entender a teologia como uma ideologia religiosa que funciona na composição de um conjunto mais amplo e provavelmente elucidativo das crenças, do imaginário das ações humanas no tempo. Examinar esse caso em particular, remete-nos a analisar o modo pelo qual os Historiadores tratam destas especificidades e quais problemas epistemológicos se abrem a partir desse foco.

Deste modo, torna-se relevante esclarecer que, no decorrer da história a Igreja cristã passou por grandes transformações e provações, forjando sua característica mais relevante: a capacidade de se adaptar às vicissitudes. Tal capacidade foi colocada à prova durante o quarto século, período em que o cristianismo se torna religião oficial do Império Romano²⁸.

Neste período surge Eusébio, bispo da província de Cesaréia, um grande erudito de seu tempo, tendo este deixado uma obra relevante para a compreensão do contexto histórico de seu tempo, a partir de seus estudos e reflexões sobre a religião cristã. O bispo elaborou o seu relato, ao qual deu o nome de *História Eclesiástica*²⁹, um documento

²⁷ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2011.

²⁸ O Império Romano oficializou o cristianismo como religião oficial por volta do ano de 380 d.C., mediante o edito de Tessalônica (380) promulgado pelo imperador Teodósio (347 - 395).

²⁹ Em grego *ἐκκλησιαστικῆς ἱστορίας* é comumente traduzido como História Eclesiástica. Este termo é composto pelas palavras: *ἱστορίας* uma variação do verbo *ἱστορέω*, que significa apurar por investigação e

considerado por muitos estudiosos como a porta de entrada para uma nova forma de literatura³⁰, cujo nome remete à obra inicial deste gênero.

Quanto a importância deste empreendimento, os autores Claudio Moreschini e Enrico Norelli, apontam que: “A importância histórica de Eusébio consiste em ter dado vida a uma historiografia eclesiástica, fornecendo assim o modelo de um novo gênero literário que permanecerá normativo por longo tempo [...]”³¹. Esta opinião é compartilhada por outros estudiosos o que nos permite acreditar que Eusébio conseguiu realizar uma de suas esperanças ao realizar esta investigação: o de ser “proveitosa aos que se interessam pelos valiosos ensinamentos da História”³².

Neste ponto, devemos nos lembrar de que a *História Eclesiástica* é uma obra que possui dois momentos claramente distintos. O primeiro deles, abrange os livros I ao VII, os quais foram concluídos por volta do ano de 313 d.C. Já o segundo, compreende os livros VIII a X, que provavelmente foram escritos entre os anos de 313 a 325 d.C. Houveram também várias edições desta obra. A data³³ mais aceita para a última edição, compreende o período entre o final de 324 e início de 325 d.C. No que tange ao seu término, há o consenso de que ela seja anterior ao início do Concílio de Niceia. Neste processo de escrita, é provável que os objetivos de Eusébio tenham se alterado conforme as mudanças decorrentes do período em análise, contudo, o âmago de suas intenções foi preservado.

Logo, nossa reflexão parte da premissa que nenhuma postura político-religiosa destes bispos, Hilário, Atanásio de Alexandria, o presbítero Ário, Eusébio de Cesárea e outros, estavam imparcialmente desvinculados de conquistar as benesses ou, no mínimo, o apoio do imperador romano ao livre culto do cristianismo. Da mesma forma Constantino, não abria mão do apoio e da obediência dos bispos e demais religiosos.

exame e ἐκκλησιαστικῆς que basicamente é traduzido por assembleia. Contudo ἐκκλησιαστικῆς possui um sentido mais amplo, especificamente significa uma reunião de pessoas em um lugar público para um fim específico, que no contexto secular é a deliberação (provavelmente política) e no contexto que foi apropriado pelos cristãos é a reflexão e adoração conforme seus ritos.

³⁰ Embora Eusébio seja considerado o primeiro a construir uma história eclesiástica inaugurando este gênero literário, ele não foi o primeiro historiador cristão. Esta honra cabe ao evangelista Lucas autor de dois livros do Novo Testamento a saber: o Evangelho segundo Lucas e o Atos dos Apóstolos.

³¹ MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã Antiga Grega e Latina: II* – do Concílio de Niceia ao início da Idade Média. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 1 v.

³² CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000, p. 31.

³³ A data de Composição da *História Eclesiástica* é foco de discussão entre os estudiosos. Levando em conta as hipóteses mais plausíveis para a formulação da H.E., sua redação se deu entre o ano 303 a 325 d.C., foi contudo, anterior ao Concílio de Niceia. Devemos destacar, porém que não há certeza quanto às datas das edições ou revisões que esta obra sofreu.

1.1 A vida e a obra de Eusébio de Cesaréia (260-337)

Elaborar a biografia de Eusébio, bispo de Cesaréia, é uma tarefa no mínimo complicada, uma vez que dispomos apenas de fragmentos sobre a sua vida e ministério. Há poucas informações sobre sua trajetória e aquelas que venceram a passagem do tempo são vagas, deixando-nos margens para muita especulação e discussão sobre os fatos da vida do bispo de Cesaréia. Tal caso ocorre com os estudos acerca do tema abordado no campo histórico, em que encontramos elementos e variáveis que ainda desconhecemos. A este fenômeno, Paul Veyne chamou de “natureza lacunar da história³⁴”, sendo assim, a história não busca a verdade em si, mas os fatos que levaram a posição que se entende como verdade. No caso da história de Eusébio as lacunas são profundas e os fatos, em grande parte, ainda encontram-se poucos dissertados, o que nos leva a delinear uma narrativa dedutiva que vai além dos documentos.

As informações que os estudiosos de Eusébio apresentam quanto a sua vida são fruto de uma extensa exegese³⁵ das obras, cartas, atas de concílios e escritos que fazem referência ao bispo de Cesaréia, o que possibilita inferir o recorte temporal e espacial dos eventos de sua vida. Uma vez que sua obra foi um instrumento importante para os estudos acerca da história da Igreja e da difusão do cristianismo, é natural que pensamos que haja um número razoável de documentos biográficos a seu respeito. Contudo, temos notícia de apenas uma biografia mais detida a seu respeito, a qual nos remete aos escritos de Argimiro Velasco-Delgado³⁶. Segundo esse autor, Eusébio teve um discípulo chamado Acácio (350-366) que foi seu sucessor no comando da Igreja em Cesaréia. Aparentemente esse discípulo documentou a vida de seu mestre em uma obra póstuma, trabalho esse que não sobreviveu à passagem do tempo, nos deixando apenas menções a esse respeito.

Todavia, a (im)possibilidade de acharmos um documento que remeta diretamente à vida de Eusébio, nos incitou a inferir os acontecimentos de sua história pessoal trabalhando a partir das escassas informações que dispomos, apoiando-nos em análises das referências

³⁴ VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. p. 18. Segundo Veyne quando se escreve a história fazemos uma reconstituição a qual inferimos a essência do documento.

³⁵ Philip Schaff responsável pela obra “*Nicene and Post-Nicene Fathers: Eusebius Pamphilius*”, utiliza o método exegético em sua narrativa da biografia de Eusébio. Argimiro Velasco-Delgado também utiliza a exegese em sua introdução e comentários referente a obra *História Eclesiástica*.

³⁶ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica: Texto Bilígue*. Version, introduccion y notas: Argimiro Velasco-Delgado, O.P. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010. p. 13.

encontradas nas obras de outros patriarcas da igreja³⁷ e das poucas informações fornecidas pelo próprio Eusébio ao longo de seus escritos.

A esse exemplo, podemos apontar informações do próprio Eusébio, expressadas numa passagem de sua *História Eclesiástica*, esboçada no livro VII, capítulo 26, verso 3, em que o autor assinala:

Além destas obras, numa carta a Basíledes, bispo das comunidades da Pentápole, assevera ter feito um comentário do começo do *Eclesiastes*; e ainda deixou-nos diversas cartas. Eis o que escreveu Dionísio. Agora, em seguida a estas narrativas, queremos também transmitir aos pósteros a história de nossa geração³⁸.

Esta passagem menciona as cartas de Dionísio de Alexandria, dirigidas a diversas controvérsias que vinham ocorrendo no seio da Igreja. Essas missivas podem ser utilizadas como uma forma de marco temporal para termos uma noção do espaço e do tempo em que ocorreu o trabalho de Dionísio e, por conseguinte o de Eusébio. Além disto demonstra o trabalho de Eusébio e seu mestre Pânfilo como bibliotecários coletando, preservando e organizando documentos históricos, difundindo o conhecimento acumulado na biblioteca de Cesaréia iniciada por Orígenes.

Logo, esse tipo de associação apresenta-se como uma ferramenta eficaz para clarificar diversos elementos sobre a vida e a obra de Eusébio, sendo o método adotado pelos autores Argimiro Velasco-Delgado e Philip Schaff na elaboração do trabalho acerca de Eusébio

O autor da *História Eclesiástica* era conhecido como Eusébio de Cesaréia, Eusébio o Palestino ou Eusébio de Pânfilo³⁹, levando o nome da cidade onde escolheu viver que, seria a mesma onde seu mestre habitou. Essa, possivelmente, foi uma forma de distingui-lo de seus homônimos contemporâneos. O tempo e os registros escritos, não nos deixaram quaisquer informações de sua família, do nome escolhido por seus progenitores ou do seu local de nascimento.

³⁷ Na introdução da *História Eclesiástica* em espanhol feita por Argimiro, há uma lista de patriarcas que fazem referência a vida de Eusébio. Argimiro cita São Jerônimo, Alexandre de Alexandria, Eusébio de Emesa e de Nicomédia, e nomes mais contemporâneos a Eusébio como Dionísio de Alexandria.

³⁸ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. P. 379.

³⁹ O nome Eusébio (Ευσέβιον) parece ter sido muito popular na época do nosso protagonista. No contexto da comunidade cristã temos muitos membros que compartilharam este nome dos quais destacamos 'Eusébio de Nicomédia' que teve um relacionamento com Ário, que o considerava como irmão de Eusébio de Cesaréia, posto a proximidade na forma de pensar dos mesmos.

A data exata do nascimento de Eusébio, não sabemos. Levando em conta a opinião da maioria dos estudiosos encontramos um intervalo entre o ano de 260 a 269 d. C. para seu nascimento. Se seguirmos o método proposto por Velasco-Delgado este intervalo é reduzido para os anos de 260 a 265, sendo este o período mais provável para sua data natalícia. Quanto ao local de seu nascimento aceita-se que, provavelmente, seja na região da palestina⁴⁰, contudo é improvável que ele tenha origem judaica.

Embora não se tenha informações de seus pais, acredita-se que eles venham de um local de influência helênica, o que contribui para a ideia de suas origens não judaicas e que, pelo menos, sua mãe tenha tido contato com o cristianismo, o que poderia explicar seu contato e dedicação nessa causa. Qualquer outra informação sobre o período de sua infância e seus progenitores flerta com a especulação não alicerçada pelos indícios.

Outro enigma que deve ser mencionado quanto à vida de Eusébio refere-se à questão de sua educação. Uma das características mais marcante do bispo de Cesaréia é a sua reconhecida erudição. Uma mente tão afiada sugere uma educação bem alicerçada, ministrada por pessoas ou instituições capacitadas. Com fundamentação em suas obras e cartas, podemos supor que o autor destas possui um extenso conhecimento nos campos da filosofia⁴¹, da teologia⁴² e nos estudos dos textos sagrados que ficaram conhecidos como bíblicos. Este conhecimento demonstrado por Eusébio sugere uma educação semelhante a do apóstolo

⁴⁰ Philip Schaff apresenta alguns argumentos relevante quanto ao local de nascimento, entre eles destacamos a questão da familiaridade de Eusébio com a língua grega e siríaca e o fato de ter sido nomeado presbítero da cidade de Cesaréia, a qual provavelmente seria o local de residência e não de nascimento. PAMPHILIUS, Eusebius. *Nicene and Post-Nicene Fathers: Eusebius Pamphilius: Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal, [200-]. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.html>>. Acessado em: maio/2018, p. 8.

⁴¹ Seu mestre Pânfilo também teve uma formação filosófica, sendo assim uma influência para seu pupilo, tanto de forma direta como na execução dos seus tratados, quanto de forma indireta nos debates que ocorreram na biblioteca de Orígenes.

⁴² O termo teologia deriva do grego θεολόγος que significa uma pessoa que fala sobre Deus. Este termo provém da junção de duas outras palavras gregas. O primeiro θεός que significa uma divindade ou ídolo, no contexto bíblico denota o Deus verdadeiro sendo este o sentido no pensamento cristão e judaico. O segundo termo é λόγια que significa erudição ou eloquência, uma palavra que compartilha o sentido de λόγος, que pode ter o significado de explicação. Desta forma Teologia seria a explicação acerca de Deus, ou o estudo sobre Deus. Na antiguidade a teologia era parte da filosofia que tratava do discurso sobre os deuses, abordando os mitos e todos os escritos acerca deste tema. Provavelmente o termo foi cunhado no trabalho de Platão. Nos escritos do Novo Testamento o termo foi pouco usado, e seu uso sugere a influência helenística (como o conceito de λόγος). No contexto da Igreja quanto instituição o termo passou a ser usado a partir do IV século. Agostinho de Hipona utilizou o termo em seus escritos o que provavelmente influenciou o seu uso pela Igreja. Nesta o sentido de teologia se aproxima do sentido bíblico denominando o conhecimento cristão acerca das coisas de Deus. No protestantismo a teologia denomina a ciência que tem como objeto de estudo a revelação da pessoa de Deus expressa de forma lógica e sistemática. Tal estudo só é possível mediante o relacionamento do homem com Deus. Relacionamento este que partiu do próprio Deus que revelou a si mesmo ao homem. Eusébio não utiliza a palavra teologia em seu trabalho *História Eclesiástica*, mas como teve uma educação helenística provavelmente estava familiarizado com o termo. BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 79.

Paulo⁴³, que foi ensinado aos pés de Gamaliel⁴⁴, aprendendo questões da cultura grega e judaica. Paulo e Eusébio compartilham esta capacidade de ver e entender vários aspectos diferentes do mundo que os cercam.

1.1.1 Educação e influências intelectuais

Tratar sobre a educação de Eusébio e saber em quais fontes esse erudito autor bebeu, ainda é um fator que nos instiga em dias atuais por serem poucas as referências acerca deste tema. Deste modo, saber quais foram os mestres de Eusébio e influências possibilitaria um entendimento mais preciso de seu pensamento; entretanto, não temos quaisquer informações referentes sobre quais tenham certamente sido os seus mestres⁴⁵, salvo Pânfilo seu antecessor na paróquia⁴⁶ de Cesaréia. O que podemos supor como certo é que ele tinha um apreço quanto a leitura e a busca pelo conhecimento, que foi incentivada por seu mestre Pânfilo na manutenção e no desenvolvimento da biblioteca iniciada por Orígenes. Neste meio propício, seu intelecto cresceu e se fortaleceu, como podemos constatar em seu trabalho que sobreviveu ao tempo⁴⁷.

As informações mais precisas da vida de Eusébio remontam ao período de atuação de Agápio (258-302\3), predecessor de Eusébio na diocese de Cesaréia. No final de sua vida Agápio nomeou Pânfilo (?-310) presbítero e o encarregou de zelar do acervo dos escritos deixados por Orígenes. Na história lacunar composta sobre a vida de Eusébio observa-se que, o presbítero Pânfilo teve uma forte influência no desenvolvimento do pensamento de nosso autor. Este importante personagem da vida de Eusébio, provavelmente, nasceu em Berito

⁴³ A educação de Paulo demonstra as bases que forjaram seu pensamento em três cosmovisões diferentes, a judaica sendo um fariseu, a romana como cidadão e conhecedor da cultura helênica (At 20) e a cristã forjando suas bases. LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exodus, 1997, p. 339.

⁴⁴ Gamaliel era um judeu, provavelmente um rabino conhecido por ser um educador no século I. Era neto de Hilel, também educador judeu. Alguns teólogos entendem que, Gamaliel e Hilel se referiam a uma escola de pensamento judaico, liberal, que se prestava ao ensino.

⁴⁵ Referente aos mestres de Eusébio, Jefferson Ramalho ressalta que as relações de Eusébio e Constantino marcaram “O início de uma igreja imperialista” (p. 58), e que o bispo de Cesaréia teve seus primeiros estudos com um “doutor sacerdote de Antioquia, Doroteu. Contudo não há menção deste personagem nas obras de Velasco-Delgado ou de Philip Schaff.

⁴⁶ O termo ‘paróquia’ (em grego *παροικία*) foi usado por Eusébio na apresentação de seus objetivos no primeiro livro de sua *História Eclesiástica*.

⁴⁷ Quanto ao conceito de tempo aceitamos a definição de Krzysztof Pomian como sendo uma articulação, uma coordenação de várias mudanças (para Pomian não há tempo sem mudança) reais ou representativas, realizadas por uma instância que a produz, o homem. Desta forma, o tempo é uma relação, uma construção psíquica intelectual que tenta expressar estas relações de mudança, das ações humanas. Ao considera-lo como relacional, o tempo não existe em si mesmo, assim como não existe no singular posto haver uma multiplicidade de tempos. Para Pomian os mesmos atributos que ele definiu para o tempo se aplica ao conceito de tempo histórico. POMIAN, Krzysztof. *El orden del tiempo*. Madrid: Júcar Universidad, 1990.

(atual Beirute) na Fenícia. Velasco-Delgado⁴⁸ alega que Pânfilo procedia de uma família de origem nobre com amplos recursos financeiros. Assim, estudou em Alexandria onde teve contato com o pensamento de Orígenes. Sua formação, ao que parece, teve vertentes na filosofia e no direito. Após findar os estudos voltou para sua terra onde desempenhou trabalhos administrativos de caráter político.

Todavia, num dado momento que não podemos precisar, mudou-se para Cesaréia onde foi ordenado. Ao que parece, esta mudança assim como a sua ordenação eclesiástica, foram influenciadas pelo então bispo de Cesaréia Agápio, conforme a narrativa de Velasco-Delgado. Baseado no trabalho desenvolvido nesta cidade, Pânfilo fez da biblioteca de Cesaréia uma referência quanto ao pensamento e aos estudos do cristianismo, que estava em processo de maturação⁴⁹ mesmo diante das diversidades desta época. A esse ‘ponto de referência’ do pensamento cristão, Philip Schaff⁵⁰ a entendeu como uma escola filosófica. Foi neste ambiente e contexto favorável que Eusébio amadureceu seu pensamento e consolidou sua carreira, desenvolvendo seu principal trabalho a *História Eclesiástica*. Pânfilo que proporcionou as circunstâncias que favoreceram a instrução e os escritos de Eusébio, mal foi mencionado nesta obra; contudo, foi tema de uma obra específica, na qual seu discípulo o honrou com a escrita de sua biografia, a qual lamentavelmente se perdeu no tempo⁵¹.

Como um de seus mestres, Pânfilo influenciou a formação do pensamento de Eusébio, sobretudo nas características voltadas ao campo da apologia e da tradição. Tal influência pode ser vista em seus trabalhos, principalmente na *História Eclesiástica*, na qual os objetivos apresentados no início deste escrito demonstram claramente o interesse nestes dois pontos. Eusébio logo na introdução de seu estudo, torna evidente a sua preocupação com a tradição. As expressões utilizadas pelo nosso autor como, “a sucessão dos santos”, “o número dos embaixadores de cristo” e o “número dos que governavam as paróquias mais ‘ilustres’⁵²”, se referem à tradição; enquanto essas outras, “quantos, quais e, em que tempo os

⁴⁸ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*: Texto Biligüe. Version, introduccion y notas: Argimiro Velasco-Delgado, O. P. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010. P. 17.

⁴⁹ O que chamei de processo de maturação, a meu ver, seria a formação da ortodoxia. Neste período havia uma efervescência de discursos que incluíam, procedimentos litúrgicos, teológicas, defesa contra seitas e outras religiões entre outras coisas. Para que houvesse uma ortodoxia devia-se ter definido o que se considera certo e errado, assim como um aparato que sustentasse tal posição.

⁵⁰ SCHAFF, Philip (Ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*: Eusebius Pamphilus: Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal, [200-]. Disponível em : <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.html>>. Acessado em: 18 maio 2018. P. 12.

⁵¹ Eusébio escreveu uma obra biográfica de seu mestre chamada “A vida de Pânfilo” cujo o término se deu por volta do ano 310, dois anos após sua morte. Desta forma não seria necessário mais que uma menção na obra *História Eclesiástica*, cuja data provável da primeira edição seria por volta do ano 312.

⁵² Em grego ἐπισημοτάταις que literalmente pode ser traduzido por notório ou proeminente. Derivado do substantivo ἐπίσημος que literalmente significa: que carrega um sinal ou emblema distintivo, traduzido de forma simples por notório ou eminente. Nos textos escriturísticos atribuídos aos discípulos de Cristo, aparece em

ataques dos pagãos contra a palavra divina” e em seguida “*os grandes varões que, em várias épocas, por ela (a palavra divina) suportaram suplícios e combateram até o derramamento do sangue*”, referem-se aos argumentos. Suas análises buscam ainda trazer à tona reflexões relativas as características dos “Pais da Igreja⁵³”, na tentativa de desenvolver seus escritos de forma pedagógica.

O apreço de Eusébio quanto à tradição parece-nos partir de uma necessidade da comunidade cristã de coesão, da busca de um sistema doutrinário que lhes seja comum⁵⁴. Como um dos motivos desta busca destaca-se as dissidências entre as comunidades cristãs que segundo Jean Pierre Weiss e Jean Daniel Dubois forçou a igreja a se definir⁵⁵. Esta busca pela coesão, por sua vez, estaria alicerçada por estudos das escrituras e discussões entre seus membros, a fim de chegarem a uma conclusão adequada sobre essa comunidade (a cristã). Este procedimento combina com os exemplos deixados pelos discípulos em seus escritos e fornece uma resposta quanto as atitudes de Eusébio referentes à questão da controvérsia causada por Ário.

Eusébio escolheu o que entendia ser o melhor para a Igreja mediante as circunstâncias que se apresentavam. Tal escolha exigia decisões que podiam ser entendidas como controversas. Mas, devemos lembrar que estes eram tempos de grande incerteza para os cristãos.

Por fim, quanto à história do bispo de Cesaréia, citamos duas conjecturas curiosas que ilustram a dificuldade de se trabalhar num campo de referências tão escassas. O primeiro diz respeito à mãe de Eusébio, devido a possibilidade de que ela fosse irmã de Pânfilo. Tal hipótese foi descartada mediante o silêncio das documentações, sobretudo, das provindas do próprio bispo de Cesaréia⁵⁶. Outra conjectura interessante sobre a vida de Eusébio é a possibilidade de que ele tenha sido escravo de seu mestre Pânfilo, que o libertou no fim da

Romanos 16, 7, com o sentido de aquele que carrega o emblema, e em Mateus 27:16 que tem o sentido de destaque, eminente.

⁵³ O termo pais da igreja se refere aos clérigos dos primeiros séculos da era cristã (I a V) que exerceram papel de mestres avaliando os desdobramentos da doutrina cristã confrontando-as com os textos escriturísticos a fim de orientar a comunidade no melhor caminho a ser seguido. Este título geralmente é atribuído a um bispo, contudo a partir do século IV o termo poderia ser aplicado a qualquer representante eclesiástico como um sacerdote ou diácono. No plural o termo foi usado para designar os bispos reunidos em um concílio. DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 11.

⁵⁴ MITRE, Emilio. *Ortodoxia y herejía entre la Antigüedad y el Medievo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2003. p. 43.

⁵⁵ ZERNER, Monique (Org.). *Inventar a heresia?: Discursos polêmicos e poderes antes da inquisição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, p.15 e 39.

⁵⁶ PAMPHILIUS, Eusebius. *Nicene and Post-Nicene Fathers: Eusebius Pamphilus: Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal, [200-]. Disponível em : <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.html>>. Acessado em: maio/2018. P. 9.

vida. Tal argumento quanto à escravidão foi desenvolvido por Jefferson Ramalho em seu livro “Eusébio e Constantino⁵⁷”, que vê esta tese como possível.

1.2 A relevância de sua obra na política: a escrita de Eusébio, como testemunha de seu tempo e espaço.

As comunidades cristãs sofreram grandes perseguições entre os anos 303 e 311 (séc. IV). Lembrando que nesse período havia quatro co-imperadores, os quais dividiam a administração do Império entre si. Dois deles governavam o rico Oriente romano - Grécia, Turquia, Síria, Egito, dentre outras localidades -, já o Ocidente (regiões Danubianas e o Magreb incluídos) estava sob a administração de Licínio e Constantino que era o responsável pelo governo da Gália, da *Britania* (que se tornaria Inglaterra) e da Hispania (que viria a ser Espanha). Esses co-imperadores, no entanto, decidiram não se intrometer nas perseguições contra os cristãos⁵⁸ que, em face a este mal, muitos renegaram sua fé para salvação de suas vidas; entretanto, mesmo negando o cristianismo (somente nas palavras), não voltavam a praticar o paganismo.

Deste modo, lançamos como nossa principal hipótese que, essas perseguições causaram inquietação no bispo Eusébio de Cesaréia, por se tratar de um homem que viveu as vicissitudes que rodeavam os cristãos amparados nos ensinamentos da igreja de Cristo. Assim, o bispo de Cesaréia temeroso de perder a história estruturante da igreja até este período, resolveu registrar os documentos pertencentes a este espaço e tempo elaborando a sua *História Eclesiástica*. Trabalho que faz um entrecruzamento de dois campos do saber, os quais sejam a História e a Teologia⁵⁹, promovendo assim diálogos frutíferos nessas duas áreas do conhecimento. Nessa mesma seara, torna-se relevante destacar que em 312 o co-imperador Constantino, após ser surpreendido com um sonho que lhe trouxe a mensagem "sob este sinal vencerás", acabou se “convertendo⁶⁰” ao cristianismo neste ano. A grande relevância deste ato

⁵⁷ RAMALHO, Jefferson. *Eusébio e Constantino: O início de uma Igreja imperialista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. P. 57 e 77.

⁵⁸ Constantino estava muito ocupado com os jogos do poder para se preocupar com a questão cristã. No período de 306 até 312 houve muitas disputas entre os co-imperadores, onde muitas desencadearam conflitos armados. Somente a partir de 311 Constantino começou a favorecer os cristãos de forma aberta.

⁵⁹ A *História Eclesiástica* é entendida hoje como uma obra histórica e teológica. Na época de Eusébio não havia sistemas teológicos, por isso ele se preocupou em preservar as decisões mais relevantes discutidas no seio da comunidade cristã até aos seus dias. O que combina com sua decisão de acrescentar cópias de documentos do poder secular vigentes em seu relato. Quanto a história o trabalho de Eusébio se enquadra neste conceito, contudo a forma como o mesmo apresenta sua narrativa está mais próxima da poética.

⁶⁰ A Conversão de Constantino é um evento contestado pela historiografia vigente relativa ao tema. Pois, é aceita a ideia de que, provavelmente Constantino tenha tido contato com o cristianismo a partir de sua mãe Helena que era cristã. Uma discussão abrangente sobre esta questão é apresentada pelo historiador Daniel Rops em seu livro

se deve ao fato dele ter influenciado outros a segui-lo, conforme ressalta J. B. Bury, [...] *a revolução religiosa promovida por Constantino em 312 foi o ato mais audacioso já cometido por um autocrata, desafiando e desprezando o que pensava a grande maioria dos súditos*⁶¹.

Contudo, ao nos remetermos às temáticas sociais e políticas dos cidadãos romanos do período, destacamos as ideias de Karen Armstrong em *Uma história de Deus*, na qual a autora traça um resumo das principais características da Igreja até o início do século IV. Sobre seus apontamentos ressaltamos:

Durante sua longa luta para sobreviver à perseguição externa e à dissensão interna, a igreja também desenvolvera uma organização eficiente, que a tornava quase um microcosmo do próprio Império: era multi-racial, católica, internacional, ecumênica e administrada por burocratas competentes⁶².

A opinião demonstrada pela autora vai ao encontro do que entendemos sobre a postura de Eusébio ao desenvolver sua *História Eclesiástica*. As narrativas das perseguições, dos martírios e dos testemunhos daqueles que sofriam, poderiam servir de inspiração aos cristãos do futuro⁶³. Da mesma forma, a preservação dos procedimentos adotados pelos “Pais da igreja” para superarem as disputas internas e as inúmeras heresias que se apresentavam, direcionariam aos dirigentes os caminhos possíveis para procederem em defesa da fé. Outro ponto levantado pela autora diz respeito à organização da Igreja que contava com um sistema

A igreja dos Apóstolos e dos mártires, onde assinala que “Tanto quanto se tem discutido, as circunstâncias deste episódio, tem-se discutido incansavelmente as razões psicológicas da “conversão” de Constantino. Alguns viram nela apenas um ato político que, medindo o poder do cristianismo, se propunha atraí-lo para o jogo do imperador. Outros, indo mais longe, suspeitaram da sinceridade do gesto de Constantino e, baseando-se no fato de não se ter batizado senão vinte e cinco anos mais tarde, consideram a sua conversão como manobra de uma ambição astuciosa, e, quanto a história das visões, veem nela apenas uma fantasia romanesca. No entanto, pelo que se conhece deste homem, o fato nada tem de inverossímil.” ROPS, Daniel. *A igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988, p. 407. Portanto, entendemos que, a possibilidade de Constantino ter sido sincero em sua conversão, devotando-se ao cristianismo e o aceitando como uma religião adequada para o império é grande. Contudo Constantino, assim como Eusébio tinham de ser articuladores dentro de um quadro com inúmeras possibilidades de escolhas e consequências. Lembrando que seria uma estratégia perfeita tanto para o imperador, quanto para a Igreja, realizar essa aliança e fortalecer o poder de ambas perante aos pagãos e a outras crenças e superstições que pudessem ameaçar o poder das duas instituições (Império e Igreja).

⁶¹ VEYNE, Paul. O salvador da humanidade: Constantino. In. _____. *Quando o mundo se tornou cristão 312-394*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 05.

⁶² ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: Quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 145.

⁶³ Estas narrativas possuem duas funções na obra que adotamos como nossa fonte documental para a elaboração deste trabalho. Primeiro, a compreendemos como um meio eficaz de preservar a memória destes eventos. Recorrendo as próprias palavras do autor, refere-se, portanto, a expectativa de ser “um testemunho acerca da posição moral dos cristãos frente as adversidades”. Em segundo, enaltecer essa posição moral que de acordo com esse religioso, corresponde ao exemplo bíblico (e aqui, citamos a posição do profeta Daniel, e a história de Jesus) e como tal, deveria ser seguido por toda a comunidade cristã. Eusébio em suas narrativas, não buscou ser imparcial, visto que seu interesse maior em escrever esta obra primou por mostrar exemplos que na sua visão, deveria ser seguido pelos membros das comunidades cristãs.

assistencialista⁶⁴ dedicado aos seus membros. E, funcionava ainda, como um meio de comunicação interna eficiente, para sua época, tornando esta instituição una e funcional, mesmo em tempos de contendas. A infraestrutura montada pela Igreja despertou o interesse dos líderes seculares numa época de instabilidade política e social.

No decorrer do quarto século vinha se destacando, influenciando o meio cultural e social, no qual esta instituição encontrava-se inserida. Peter Brown apresenta um argumento, que corrobora e ilustra o impacto que a Igreja estava proporcionando no meio do qual fazia parte⁶⁵. Segundo o autor:

Por volta do ano 300 de nossa era, a Igreja torna-se uma instituição à qual só falta essa denominação. Em 248, a Igreja de Roma dispõe de um clero de 155 membros e mantém cerca de 1500 viúvas e pobres. Tal grupo, independente dos religiosos regulares, é tão numeroso como a mais importante corporação da cidade. É na verdade um grupo enorme numa cidade em que as agremiações culturais e as confrarias funerárias contam seus membros às dúzias⁶⁶.

Os argumentos apresentados pelos autores demonstram que, mesmo atravessando períodos de grandes dificuldades e privações, a Igreja se organizou visando sua sobrevivência de forma tão eficiente que chamou a atenção daqueles que os perseguiram. Essa afirmação pode ser observada na narrativa de Eusébio em sua *História Eclesiástica*. No decorrer de seu estudo podemos observar as perseguições, as dificuldades doutrinárias e dogmáticas, o levante de seus difamadores e os martírios, como ilustra a passagem referente ao martírio do filósofo Justino, como se segue:

Por isso, eu também estou à espera de sofrer ciladas e ser posto no cepo por alguns dos que nomeei e talvez por Crescente, de forma alguma filósofo, e sim amante de exibição. Pois não é justo denominar filósofo a homem que, ao falar do que não conhece, acusa publicamente os cristãos de ateísmo e

⁶⁴ Desde o início da comunidade cristã organizada pelos apóstolos, a ajuda mútua entre os que abraçaram a fé é uma característica marcante. No livro dos Atos dos Apóstolos capítulo 2, vemos uma narrativa de como se iniciou o convívio dos cristãos. Por todo o livro de Atos temos referência sobre este sistema assistencial, como por exemplo a oferta levantada pelos discípulos de Antioquia, levada para os irmãos da Judéia por Paulo e Barnabé (At 11, 29 -30). Paulo instrui a Timóteo a como proceder com as viúvas de sua congregação (1 Tm 5, 2 - 6).

⁶⁵ Para fazermos um contraponto relativo as estimativas de Peter Brow, apresentamos uma informação assinalada por Jefferson Ramalho em seu livro *Eusébio e Constantino: O início de uma Igreja imperialista*, de que os cristãos representavam cerca de 5,4% da população greco-romano no ano de 280 d. C. Segundo o argumento de Ramalho este número era pequeno, contudo um incômodo, sugerindo que os cristãos estavam posicionados de forma estratégica em diversos pontos do império.

⁶⁶ VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. P. 244.

impiedade, e assim age para dar gosto e prazer à multidão, que vive no erro⁶⁷.

Mas, mesmo mediante a essas ocorrências, o bispo de Cesaréia assinala a perseverança dos perseguidos, nos revelando a luta desse grupo em busca de alcançar a mais correta doutrina, bem como os dizeres dos algozes confessando as suas falhas. Suas análises são permeadas por relatos cristãos, os quais o autor buscou preservar atribuindo a eles o caráter pedagógico e escriturístico dos patriarcas em favor das próximas gerações.

Os embates de cunho cultural e político, não se restringem a uma prática realizada apenas na Antiguidade visto que, mesmo na atualidade, essas disputas fazem parte do cenário territorial da atual Palestina e, suas motivações parecem ser bem próximas daquelas apresentadas no século IV. A iniciativa atual de grupos religiosos lançarem esforços em fortalecer a política de um Estado, mostra-se como um fator que nos aproxima muito mais da realidade cotidiana dispendida na Antiguidade do que poderíamos pensar, sobretudo, a partir de 311, com o Concílio de Niceia⁶⁸.

Assim, percebemos que as intenções motivadoras de Eusébio na escrita de sua obra mnemônica, endossada por documentos institucionais eclesiásticos e seculares, nos parecem ir para além do aspecto religioso, mas possui alcances vislumbrados pelos elementos políticos que circundam o seu tempo e espaço de vivência.

Levando em consideração os apontamentos realizados por Eusébio, no decorrer de sua obra, percebemos a ampla ligação entre os campos político e religioso⁶⁹ que o autor demonstra aludir em sua escrita. Assim, torna-se relevante ressaltar que, por longos períodos, as ligações entre a política e a religião não foram apreciadas pela história política. O interesse maior era dedicado aos períodos de crise que acometiam as Igrejas e o Estado. Contudo, a partir do século XX, especialistas começaram a considerar a hipótese de que as forças religiosas fazem parte da teia política que se desenvolve em cada período, de modo a relativizar as explicações socioeconômicas de cada sociedade⁷⁰.

⁶⁷ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p. 198.

⁶⁸ Em 325 o Imperador Constantino convocou os membros da Igreja a qual Eusébio fazia parte. Esta reunião se iniciou em 20 de maio na cidade de Niceia, uma pequena localidade da Bitínia, sendo presidida pelo próprio Imperador. Tal evento ficou conhecido como o primeiro Concílio de Niceia. Este concílio tinha como objetivo primário solucionar as dificuldades interna da Igreja como as dissidências cristológicas, a forma e a data para se guardar a páscoa e as bases das leis canônicas. Desta reunião surgiu o Credo Niceno, o alicerce da fé da Igreja.

⁶⁹ Como podemos ver na documentação preservada por Eusébio em sua *História Eclesiástica*. Dentre os documentos destacamos o Édito de Maximiano presente no Livro IX, Capítulo VII, versos 3-14, que foi emitido em resposta a um clamor popular contra os cristãos.

⁷⁰ COUTROT, Aline. Religião e Política. In. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p. 331.

O interesse das organizações administrativas seculares na comunidade cristã se dava pelo aparato burocrático, sobretudo aqueles voltados para as assistências populares, conforme demonstrado pela autora Karen Armstrong em seu livro *Uma história de Deus*⁷¹, e a sua ideologia passiva que, buscava resguardar o mundo para o porvir em detrimento do atual. A isto soma-se o crescimento dos seus números apontados por Peter Brown e o testemunho de suas ações que não passaram despercebidas às autoridades, - conforme podemos identificar no documento de Justino⁷² -, e até seus detratores.

Neste contexto, Eusébio, bispo de Cesaréia, foi um personagem importante, tendo uma visão adequada das diversas variáveis, que se faziam presente em seu tempo (contexto da Antiguidade Tardia), conseguindo assim “negociar”, (conforme nos mostra o caso da controvérsia ariana e o Concílio de Niceia), os diversos interesses do meio secular e eclesiástico, visando a melhor solução das partes, sobretudo para o bem da igreja, objetivando a preservação dos documentos seculares que favoreciam a rememoração deste aparato burocrático e de ensino promovido pela igreja de seu tempo.

Tendo isto em mente podemos supor que no decorrer de sua mais famosa obra a *História Eclesiástica*, muitas foram as influências na construção de sua narrativa, desencadeando revisões e ampliações segundo os moldes dos novos acontecimentos. A construção de sua memória atendia às necessidades do seu tempo, tendo uma intenção propriamente apresentada, no início de seu trabalho. Tal fato é uma constante no trabalho do Historiador (a intenção de Rüssen), que mesmo procurando ser imparcial, trabalhou em cima de indícios em que as lacunas são completadas pelo narrador segundo as influências a qual foi exposto.

1.2.1 A noção de ἐκκλησία.

O termo grego ἐκκλησία⁷³ inicialmente tinha o significado de assembleia. Na antiga Atena o termo referia-se a uma reunião dos cidadãos que tinham direitos políticos a fim de tomarem decisões sobre a cidade, outro uso para a palavra diz respeito a uma convocação do exército como um todo para uma reunião ou anúncio. A partir do século I d. C. o termo

⁷¹ ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: Quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008. P. 145.

⁷² Conferir em Tabela em anexo (Sobre Documentos utilizados por Eusébio). O documento pode ser consultado também no decorrer Cap. II, onde encontra-se transcrito: A Minúcio Fundano.

⁷³ MOUNCE, William D. *Léxico analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 217. LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert (Ed.). *A greek-english lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996, p. 509.

começou a ser usado para descrever as comunidades cristãs passando a referir-se a organização hierárquica destas comunidades.

A noção de “igreja” no contexto bíblico surge a partir do livro dos Atos dos Apóstolos, quando aparece a necessidade de organizar a comunidade cristã (At 6, 1 – 7), que vinha crescendo rapidamente (At 2, 41 – 47, em que Lucas narra o pentecostes e a pregação de Pedro). Os doze apóstolos eram os responsáveis por esta comunidade cristã que estava reunida em Jerusalém, a princípio, esperando o pentecostes e após este evento aguardavam a vinda imediata de Cristo em uma organização comunal entre os que se converteram. Contudo, os apóstolos tinham a tarefa de ensinar e propagar a mensagem do Messias, não tendo tempo de lidar com as dificuldades da convivência entre os seus membros. A fim de resolverem este dilema os apóstolos decidiram que a comunidade deveria escolher (decisão semelhante à de Moisés, Ex 18, 13 – 27) sete membros para lidar com os afazeres diários deste agrupamento, surgindo assim, um tipo de hierarquia dentro deste conjunto. A palavra grega usada nos textos escriturísticos para esta comunidade é ἐκκλησία, termo usado nas cartas paulinas para se referir a uma congregação cristã local, que provinha de Jerusalém. Esta palavra (ἐκκλησία) também era aplicada anteriormente aos cristãos e às narrativas dos textos escriturísticos, hoje conhecidos como Novo Testamento, com o sentido de uma assembleia popular. Outro ponto importante a ser comentado na formação desta noção é o fato de Pedro (At 11) e Paulo (At 15) terem de se explicar e reportar aos irmãos que estavam em Jerusalém, demonstrando assim uma importância singular deste grupo a qual consideraram como líderes.

Esta forma de organização da sociedade cristã em Jerusalém foi levada por seus membros no processo de dispersão desta comunidade desencadeada pela primeira perseguição à ‘igreja’ de Jerusalém. Desta forma a noção de ‘igreja’ no mundo antigo se refere a uma comunidade, um agrupamento de pessoas que professam a mensagem de Cristo, cuja organização se baseia no exemplo apostólico estabelecido em Jerusalém.

A partir do processo de institucionalização destas comunidades cristãs, associada aos poderes seculares que tinham interesse nesta organização, esta passou a ser chamada de Igreja. A princípio o termo Igreja provém do mesmo termo bíblico ἐκκλησία, mas não denota mais uma comunidade, uma assembleia popular. O termo Igreja, com este *i* em maiúsculo se refere a uma instituição que abrange poderes seculares que usam as crenças das comunidades cristãs, a fim de legitimar sua posição. Notamos o uso dos imaginários em favor dos que detém o poder conforme afirma Georges Balandier:

O poder estabelecido sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva

da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificativa racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial⁷⁴.

Em *A História Eclesiástica*, a concepção de Balandier pode ser aplicada de uma maneira muito clara. Eusébio construiu uma narrativa tendo como objetivo a preservação da Igreja frente ao esquecimento que as perseguições e as disputas internas anunciavam. Um trabalho que se apresenta nos sete primeiros capítulos de sua obra findada entre os anos de 312 ou 313. A partir do livro VIII (a datar do ano 315), o objetivo de Eusébio parece ter sido revisto mediante o interesse do imperador Constantino pela igreja. Nesse sentido Eusébio, provavelmente reviu sua narrativa apresentada nos sete primeiros livros e ampliou seu trabalho com três novos livros sobre a influência dos poderes seculares.

No desenvolvimento da *Historia Eclesiástica* Eusébio tinha como objetivo traçar uma narrativa que levasse em conta a relação da igreja com o mundo que a cerca. Neste intuito esta obra se diferencia de suas crônicas⁷⁵ e ao mesmo tempo a completa posto o bispo de Cesaréia, em seu trabalho de bibliotecário, ter compilado uma grande quantidade de informação quanto a posição da igreja frente as adversidades que o mundo lhe apresentava. Seu trabalho tem um teor apologético e pedagógico que demonstra seu desenvolvimento intelectual ao revisar seus escritos a fim de complementa-los, como podemos ver na apresentação de seus objetivos: “Além disso, nas Crônicas que elaborei anteriormente, fiz um resumo de acontecimentos, dos quais agora me proponho dar uma descrição bem completa⁷⁶”. Deste modo podemos inferir que a *História Eclesiástica* não foi composta de uma só vez, foi um trabalho desenvolvido em etapas, apresentando diversas versões que ao longo do tempo foram revistas de acordo com a posição da igreja frente aos acontecimentos e adversidades que lhe apresentavam.

Nas argumentações presente na tese de Ramalho e na dissertação de Torre é provável que a redação da História Eclesiástica tenha tido quatro versões⁷⁷ feitas em contextos diferentes e com propósitos distintos. Segundo torres:

É provável, portanto, que Eusébio tenha iniciado seu trabalho ainda no século III (mesmo que só o tenha publicado após 303), tenha o revisado por duas vezes após o fim das perseguições em 313 e após o

⁷⁴ BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, p. 7.

⁷⁵ MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina: I - de Paulo à era Constantiniana*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 547.

⁷⁶ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p. 31.

⁷⁷ Apresentamos no quarto anexo uma proposta referente ao desenvolvimento das versões da *História Eclesiástica* dentro da cronologia da vida e obra de Eusébio.

rompimento entre Constantino e Licínio e finalmente, por uma última vez, após a unificação do Império sob Constantino. Todavia, isso não significa que devamos ler essa obra por etapas, sendo preferível pensar que sua escrita e reescrita foi um processo contínuo e que só pode ser compreendido por meio dos manuscritos, os únicos testemunhos reais da composição e transmissão do texto⁷⁸.

Estas versões e revisões demonstra que este trabalho foi construído de acordo com os interesses de seu autor, que pensou e preservou o que foi, em sua opinião, relevante para a história que lhe convinha preservar. Trata-se de uma obra que reflete a intenção de articular uma relação entre os campos seculares e eclesiásticos, a partir de um discurso favorável tanto ao cristianismo quanto do império de Constantino.

Seu objetivo de preservar a Igreja do esquecimento, em nossa concepção, continuava em ação, mas agora ao invés da perseguição e das disputas internas que outrora o preocupava, Eusébio tinha de preservar a igreja, envolta em novas lutas internas e da perseguição secular integrada a esta instituição que tem sua própria agenda. Eusébio foi o articulador entre estes diferentes elementos, um articulador político, eclesiástico e filosófico, disposto a se sacrificar (como por exemplo, a questão ariana) em favor do que acreditava ser o melhor para o cristianismo.

Mediante os argumentos expostos é provável que o termo ἑκκλησία que faz parte do título de sua principal obra, se refira a uma comunidade popular de cristãos que se espelha na comunidade que surgiu em Jerusalém após o Pentecostes. Neste ponto se faz interessante averiguamos o sentido da outra palavra que compõe o título desta obra. A palavra história, que provem da raiz grega ἵστορέω, que denota uma apuração por investigação e exame, aparece nos textos escriturísticos com o sentido de visitar, procurar conhecer pessoalmente. Desta forma uma tradução possível para a *História Eclesiástica* seria “a apuração visando conhecer a comunidade que professa a mensagem de cristo”. Uma proposta que, encontra-se de acordo com o exposto no texto de sua obra e que combina com o conceito de ποιητής⁷⁹ presente na educação grega a qual Eusébio era proficiente.

⁷⁸ TORRE, Robson Murilo Grando Della. *A atuação pública dos bispos no principado de Constantino: As transformações ocorridas no Império e na Igreja no início do século IV através dos textos de Eusébio de Cesaréia*. Dissertação (Mestrado em história) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011. p. 169.

⁷⁹ A palavra grega Ποιητής carrega em si um conceito. Poesia no sentido grego refere-se a uma criação, a um processo de produção. A poesia seria neste caso o produto de um trabalho, com caráter intelectual, que leva a criação de algo, como um poema, uma música, uma estátua e no nosso caso deste trabalho, um monumento mnemônico. No sentido bíblico denomina um fabricante; o criador ou autor de uma canção ou poema como o visto em Atos dos apóstolos (At 17, 28). Paulo utiliza o termo em sua carta aos Romanos (Rm 2, 13) para demonstra a função de uma pessoa que executa os parâmetros de uma lei, um executor ou agente. O conceito de Ποιητής é trabalho pelo filósofo Aristóteles que tem uma obra chamada ‘Poética’ que trata deste conceito. Esta

Neste trabalho entendemos que a melhor forma de nos referirmos à igreja no período da Antiguidade Tardia e na fonte em que trabalhamos é a expressão ‘comunidades cristãs’. Referimo-nos ao termo Igreja a instituição cristã institucionalizada ou em processo de institucionalização.

1.2.2 Cesaréia no tempo de Eusébio.

É provável⁸⁰ que Eusébio tenha nascido na cidade de Cesaréia⁸¹, uma região litorânea da Palestina. A cidade por si só é uma personagem na vida deste futuro bispo, por ter se tornado um local propício para a formação do seu pensamento e sua relevante erudição. Este local outrora foi conhecido como “Torre de Estratão”, escolhido por possuir uma privilegiada posição geográfica, condição que o tornou socioeconomicamente desenvolvido e propício para a difusão de informações e troca de conhecimentos. Trata-se de uma importante cidade e entreposto comercial na Antiguidade Tardia, além de deter grande relevância nos aspectos políticos, econômicos e eclesiásticos. Eliton Almeida fortalece este argumento quando alude à função desta cidade no império Romano da seguinte forma:

A cidade de Cesaréia Marítima cumpriu um papel importante na metade oriental do Império Romano, tanto econômica como administrativa e intelectualmente [...] Fundada alguns anos antes de nossa era, Cesaréia foi construída para ser a capital e, também, um importante centro comercial do reino de Herodes. Templos, ruas organizadas, prédios públicos e estruturas administrativas diversas foram construídos sob seu comando e já no sexto ano de nossa era, Cesaréia se transformou na sede administrativa do Império Romano na região da Palestina⁸².

Dentro de seus muros, acredita-se que houve uma escola filosófica-teológica, que se desenvolveu a partir de um ponto de encontro na residência de Pânfilo, a qual era frequentada por membros relevantes da comunidade cristã e estudiosos cristãos. Este argumento foi apresentado pela Instituição Chistian Classics Ethereal Library na obra

obra foi consultada na construção do conceito neste trabalho. ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2014, p. 40.

⁸⁰ A cidade litorânea de Cesaréia é aceita pela maioria dos estudiosos de Eusébio como seu provável local de nascimento. Contudo todas as informações da vida do bispo de Cesaréia são vagas e passíveis de discussão.

⁸¹ Na antiguidade havia duas cidades na província da Judeia chamadas de Cesaréia. Uma ficava no litoral norte e foi nomeada por Herodes em honra a Cesar depois de sua reconstrução. A outra fica às margens do rio Jordão e foi nomeada, também, em honra a Cesar por Felipe.

⁸² SILVA, Eliton Almeida da. *Eusébio de Cesaréia e a defesa do patrimônio imobiliário cristão (século IV d.C.)*. Dissertação (Mestrado em história) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca, 2015. p. 83.

intitulada “Eusebius Pamphilus: Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine” como se segue:

A casa de Pamphilus parece ter sido uma espécie de ponto de encontro para os estudiosos cristãos, talvez uma escola de teologia; pois aprendemos com o livro de Eusébio *Os mártires na Palestina* que ele e um número de outros, incluindo o mártir Apphianus, estavam vivendo juntos em uma casa na época da perseguição, e que Eusébio foi instruído nas escrituras por Pamphilus adquirindo deste virtuosos hábitos e conduta⁸³.

A principal fonte de informações sobre a história da cidade de Cesaréia pode ser encontrada na documentação deixada pelo Historiador Flávio Josefo⁸⁴ (37-100). O autor relata em seu trabalho *Antiguidades judaicas* a reconstrução de uma localidade litorânea, localizada na província da Judeia conhecida como Torre de Estratão, como se segue: “Herodes, tendo notado que havia ao longo do mar um lugar chamado a Torre de Estratão, cuja situação era mui vantajosa, lá fez edificar uma cidade de uma forma e de beleza admirável⁸⁵”. Segundo o autor, tratava-se de um lugar de grande valor estratégico que suscitou o interesse de Herodes, que a reconstruiu inteiramente, após incorporá-la a seus domínios, formando assim uma “nova” cidade constituída de grande riqueza e beleza⁸⁶. Em sua descrição Josefo relata a construção de diversos elementos que corroboram essa visão de grandeza atribuída a esse espaço neste período, ou seja, um grande porto, templos esplendorosos e grandes palácios.

É importante destacar que, para Josefo mesmo as construções mais comuns são descritas como belas e luxuosas, sendo esta a descrição de uma magnífica cidade construída por Herodes para a honra de Augustus conforme se segue:

Herodes, tendo notado ao longo do mar a torre de Estratão, cuja situação era muito vantajosa, edificou ali uma cidade de forma e beleza admiráveis. Não somente os palácios eram magníficos, construídos de mármore branco, como também apresentavam belíssima arquitetura as casas dos particulares. E o porto, com dimensões semelhantes às do Pireu, onde os navios podiam ancorar em segurança, sobrepujava a tudo o mais. A estrutura era maravilhosa⁸⁷ [...]

⁸³ PAMPHILIUS, Eusebius. *Nicene and Post-Nicene Fathers: Eusebius Pamphilus: Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal, [200-]. Disponível em : <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.html>>. Acessado em: 18 maio 2018, p. 11.

⁸⁴ Flávio Josefo foi um historiador e apologista judaico romano, descendente de uma linhagem importante de sacerdotes e reis. Josefo nasceu por volta do ano 37 d. C. na cidade de Jerusalém numa família de sacerdotes, tendo desta forma uma educação voltada aos preceitos da Torá. Conseguiu sua cidadania romana por volta do ano 70 d.C., chegando a Roma no ano seguinte sob a patronagem flaviana, período onde escreveu seus trabalhos mais conhecidos como “As Guerras dos Judeus” e “Antiguidades Judaicas”.

⁸⁵ JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: Obra completa*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 366.

⁸⁶ Apresentamos no anexo 4 composições artísticas que visam ilustrar como seria a cidade de Cesaréia Marítima.

⁸⁷ JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: Obra completa*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 365.

A narrativa de Flávio Josefo sobre a cidade de Cesaréia marítima nos apresenta uma cidade extraordinária desde sua concepção, feita sem poupar gastos almejando a perfeição, o que nos permite questionar as intenções do autor para com sua obra, assim como a intenção de Herodes nesta sua empreitada. Cesar Motta Rios entende que Josefo nos fornece uma fonte que nem sempre comunica os fatos podendo ser, em certos aspectos, contraditória. Quanto a Herodes e a ordem de usar a arquitetura greco-romana nas edificações possuíam o propósito distinto, que para o autor seria:

Herodes investiria tanto em homenagens e espelhamentos de Roma para que isso fosse visto por seus próprios conterrâneos, de modo que possíveis opositores se lembrassem constantemente do fato de que ele contava com o apoio do imperador. Herodes confiava no império como fonte e centro de manutenção da estabilidade de seu poder, e construía sua propaganda a partir dessa concepção⁸⁸.

A obra de Josefo também menciona outra cidade na província da Judéia com o nome de Cesaréia, que seria conhecida posteriormente como “Cesaréia de Filipe”, a qual o autor faz um breve comentário quando descreve os feitos de Felipe e Herodes referentes à manutenção das cidades. De acordo com o documento: “Filipe, por sua vez, embelezou muito Paneada, que está perto da nascente do Jordão, e a chamou Cesaréia⁸⁹”. Nos documentos⁹⁰ consultados em língua grega, as duas cidades são chamadas *Καϊσάρεια*, mas a diferenciação se dá pela localidade descrita ao longo destes documentos.

Jane Viana Almeida de Carvalho apresenta outra possível descrição acerca da cidade que pode complementar as informações já explanadas. Segundo ela:

Cesaréia Marítima foi construída com uma grande baía e diques dentro do mar, além de um farol que guiava as embarcações aos armazéns para desembarque dos produtos [...] Como Cesaréia não possuía fontes naturais, o rei Herodes construiu um grande aqueduto sobre pilares, para o abastecimento local, trazendo água de longe. A cidade, juntamente com o Porto Sebastos, foi o mais ambicioso projeto do Mediterrâneo oriental, sendo o porto responsável pelo realimento das rotas comerciais do Oriente e pela abertura das rotas do Mediterrâneo. Além do porto, foram construídos 800 pés de quebra mar para a baía que invadiam o mar aberto e vários diques para abrigar um ancoradouro. Os cais foram construídos com cimento

⁸⁸ RIOS, Cesar Motta. A imponente e a importância de Cesaréia marítima conforme Atos e a arqueologia. *Vox Scripturae*. São Bento do Sul, v. 24, n. 1, p. 55-74, jan/jun 2016. p 57.

⁸⁹ JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*: Obra completa. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 416;.

⁹⁰ Os documentos consultados são: O Novo Testamento, a *História Eclesiástica* e a *História dos Hebreus*.

hidráulico, revestidos da mistura de pozolana e areia vulcânica, proveniente da bacia de Nápoles⁹¹.

Nesta descrição destacamos a narrativa acerca da importância do porto e a questão comercial da região do mediterrâneo. Estas duas características também são ressaltadas por Eliton Almeida⁹². Como uma cidade litorânea dotada de um grande porto é fácil imaginarmos que, por esta cidade houve a passagem dos apóstolos em suas viagens missionárias. Esta informação é complementada pelo argumento de Wayner A. Meeks em sua obra *Os primeiros cristãos urbanos*, o qual diz: “Não é de admirar que a difusão de cultos estrangeiros tenha acompanhado tão de perto a expansão do comércio, ou que o cristianismo tenha repetido esse modelo já estabelecido⁹³”. Desta forma podemos refletir sobre a importância desta região tanto no contexto civil, quanto no religioso.

No âmbito político a cidade dispunha de relativa importância dentro do império romano. Herodes a elaborou tendo em mente os aspectos da cultura romana, se preocupando em incluir estruturas como um grande palácio para o governo, templos em honra a César e a Roma, um hipódromo, teatros, aquedutos e um sistema de esgoto; fatores estes, importantes para a política e a organização social. Desta forma Herodes demonstrava em ações sua dedicação à forma de vida romana, comprovada em sua postura frente à revolta judaica que rendeu à sua cidade uma nomenclatura que denota fidelidade e ligação de suas elites com o poder imperial. Almeida descreve a importância política da cidade citando seus habitantes e conquistas como se segue:

As elites do exército romano costumavam residir ali e Governadores como Pôncio Pilatos, por exemplo, ficavam sediados nesta cidade. Segundo Joseph Patrich, o Imperador Vespasiano teria elevado o status de Cesaréia, transformando-a em *Colônia Prima Flavia Augusta Caesarea* entre os anos de 69 e 79 d.C., após o auxílio que os leais cidadãos teriam dado ao Império em favor da supressão da chamada Grande Revolta Judaica, ocorrida por volta do ano 66 d.C. Junto com a elevação do status, um contingente militar e administrativo passou a fazer parte da cidade⁹⁴.

⁹¹ CARVALHO, Jane Viana Almeida de. *O barco da Galiléia: Uma reflexão sobre a arqueologia Bíblica no ambiente aquático*. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Faculdade de arqueologia, Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2014. p. 25.

⁹² SILVA, Eliton Almeida da. *Eusébio de Cesaréia e a defesa do patrimônio imobiliário cristão (século IV d.C.)*. Dissertação (Mestrado em história) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca, 2015. p. 85.

⁹³ MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: O mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p. 35.

⁹⁴ SILVA, Eliton Almeida da. *Eusébio de Cesaréia e a defesa do patrimônio imobiliário cristão (século IV d.C.)*. Dissertação (Mestrado em história) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca, 2015. p. 84.

Esta cidade também se destacava como um polo intelectual relevante. De acordo com Joseph Patrich autor do livro *Studies in the archaeology and history of Caesarea marítima*⁹⁵, Cesaréia marítima se tornou um centro de sabedoria grega, lugar onde era possível aprender gramática, filosofia e a lei Romana. Além do conhecimento helenístico havia escolas de pensamentos judaicas como a academia do rabino Oshayah e Cristãos como a escola iniciada por Orígenes e mantida por seu discípulo Pânfilo e, mais tarde, Eusébio. A respeito da escola cristã, Patrich fala do estabelecimento de uma biblioteca com um acervo aproximado de 30.000 pergaminhos. Este acervo era cuidado por Pânfilo e seus discípulos e continha informações de diversas áreas do conhecimento como: retórica, poesia, história e, sem dúvida, teologia. De acordo com esse autor a educação proporcionada pela escola teológica de Cesaréia, assim como seu acervo, estava disponível a todos, fossem cristãos ou não.

No âmbito religioso a cidade abrigou importantes personagens da história da Igreja como São Basílio (330-379), São Gregório (540-604), Pânfilo e seu discípulo Eusébio. Dos ilustres que passaram por esse local destacamos a figura de Orígenes (184-253), que como vimos foi um importante patriarca da Igreja que se refugiou em Cesaréia no século III, onde escreveu muitos dos seus relevantes trabalhos teológicos e exegéticos como a obra *Contra Celso*, os comentários acerca dos evangelhos de João e Mateus, a *Héxapla*⁹⁶ e a *Tetrapla*. Sendo Orígenes um grande estudioso e escritor é provável que tenha mantido ao seu redor um número considerável de textos, sendo estes tanto de apoio quanto de sua própria autoria. Textos estes de grande valor para seu colaborador e discípulo Pânfilo que se esmerou em organizá-los e preservá-los. A Instituição Chistian Classics Ethereal Library faz referência a este acontecimento como se segue:

A grande biblioteca de Pânfilo, faria de sua casa um centro natural para o estudo teológico, e a imensa quantidade de trabalhos que foi feito por ele ou sob sua direção, na reprodução de cópias das Sagradas Escrituras, das obras de Orígenes e de outros trabalhos literários do mesmo tipo, torna provável

⁹⁵ PATRICH, Joseph. *Studies in the archaeology and history of Caesarea marítima*: Caput judae, metropolis palaestinae. Danvers: Editora Brill, 2011. p. 114-116.

⁹⁶ Estes dois trabalhos de Orígenes que teve como intuito uma comparação e compilação dos textos escriturísticos, que hoje conhecemos como Antigo Testamento, entre suas versões em língua grega e hebraica. “A Héxapla, como seu nome indica, comportava seis colunas reproduzindo o texto hebraico em caracteres hebraicos, o texto hebraico transcrito em caracteres gregos, a versão dos setenta (a septuaginta), depois a versão de Àquila, de Simaco e de Teodocião. Nas Tétraplas, a Escritura em quatro colunas, os dois textos hebraicos eram deixados de lado”. CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p 302.

que ele tenha reunido a sua volta um grande círculo de amigos e estudantes que o ajudaram em seu trabalho e lucraram com seu conselho e instrução⁹⁷.

A produção literária que ganhava forma no lugar atraía estudiosos que em busca de reflexão escreviam suas obras e lá deixavam cópias de seu trabalho⁹⁸. Embora as citações acima expostas referentes ao trabalho da Instituição Chistian Classics Ethereal Library falem diretamente de Pânfilo, foi a figura de Orígenes que iniciou o processo que levou a possível escola teológica e a biblioteca de Cesaréia, elementos que influenciaram a produção intelectual, assim como seu consumo, produções, e difusão, tratando-se de uma região dada à troca de informações e negócios. Almeida demonstra que, mesmo não sendo possível localizar o lugar ou apontar um prédio como local da biblioteca de Orígenes, é possível afirmar a sua existência e os danos que sofrera no terceiro século:

Muito embora não fora possível a identificação de quais os imóveis defendidos por Eusébio, onde se localizavam e qual a relação de seus proprietários com o bispo de Cesaréia¹⁵, ainda assim, pudemos identificar evidências de que uma das estruturas imobiliárias mais importantes da cidade de Cesaréia, a Biblioteca de Cesaréia, pode ter sofrido danos na segunda metade do terceiro século⁹⁹.

Se levarmos em conta a narrativa da Chistian Classics Ethereal Library e a propensão de Eusébio para escrita, seria plausível considerarmos que esta biblioteca é fruto de um trabalho conjunto entre Orígenes, Pânfilo, o bispo de Cesaréia e seus sucessores. Uma empreitada que visava repassar as lições aprendidas, concretizadas nos inúmeros documentos preservados, criados e mantidos sob seus cuidados. Esta biblioteca é a memória daqueles que ali estudaram, ensinaram e produziram.

Nos textos escriturísticos a Cesaréia de Felipe aparece nos evangelhos sinópticos como uma das cidades por onde Jesus passou. A Cesaréia marítima é citada nos Atos dos Apóstolos como um local onde ocorreu o batismo do grupo familiar do Centurião Cornélio. Wayner A. Meeks nos informa que:

⁹⁷ PAMPHILIUS, Eusebius. *Nicene and Post-Nicene Fathers: Eusebius Pamphilius: Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal, [200-]. Disponível em : <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.html>>. Acessado em: 18 maio 2018. P. 11.

⁹⁸ A enciclopédia católica comente a respeito da presença de São Jerônimo na biblioteca de Cesaréia sendo este o local de escrita de muitos dos seus trabalhos, contudo a informação é vaga e não traz o nome de suas obras, sendo aqui citado apenas como uma ilustração. VAILHÉ, S. (1908). *Caesarea Palaestinae*. In *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company. Retrieved New Advent: <<http://www.newadvent.org/cathen/03134b.htm>> Acessado em 16 dez 2018.

⁹⁹ SILVA, Eliton Almeida da. *Eusébio de Cesaréia e a defesa do patrimônio imobiliário cristão (século IV d.C.)*. Dissertação (Mestrado em história) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca, 2015. p. 88.

As cidades do mundo mediterrâneo situavam-se na ala liderante das grandes mudanças políticas e sociais que ocorreram durante seis séculos e meio, de Alexandre a Constantino [...] Cesar e Antônio já tinham descoberto a utilidade das colônias: recompensaram os veteranos, enviaram força militar potencial para as áreas perigosas e revitalizaram a economia oriental. Além das colônias de veteranos, Augusto também adotou a prática dos monarcas helenistas de fundar e restabelecer outras cidades.¹⁰⁰

A explanação do autor demonstra o interesse de Roma na região mediterrânea, assim como, a presença de força militar que tinha como função o estabelecimento de colônias e um olhar atento sobre regiões potencialmente problemáticas. Contudo, este episódio detém uma grande importância no campo religioso, político e social. O encontro entre o judeu e apóstolo Pedro com um cidadão Romano membro das forças militares, certamente não foi um evento que passou despercebido¹⁰¹. Cornélio era tido como um homem proeminente, representante do poder imperial, que solicitou a presença de um judeu específico. Pedro precisou se explicar em Jerusalém justificando suas ações (At 6), que foram presenciadas por judeus, cristãos e gentios desta região. Este evento entrelaçou estes diferentes aspectos fornecendo a esta cidade sua importância. Cesar Motta Rios apresenta opinião semelhante, embora neste argumento pareça apresentar uma opção teórica mais voltada para as questões religiosas, ao expor elementos acerca desses aspectos presentes na cidade de Cesaréia desde o tempo dos apóstolos:

Cesaréia é importante por ser o palco para essa demonstração do Espírito. E não parece ser por acaso que aconteça ali e com um centurião romano. Cesaréia é uma perfeita cidade gentílica encravada na terra de Israel. Sua arquitetura e suas instituições indicam isso. Por outro lado, Pedro age como um judeu rigoroso, que enfatiza (se não amplifica) a interdição existente para um judeu (ou certo tipo de judeu) de ter contato com alguém de outra etnia (At 10.28) [...] A oposição radical é realçada na apresentação do encontro desse judeu radical com o líder romano justamente para que a resolução seja também bem realçada. Trata-se de um momento decisivo, um “ponto de viragem”¹⁰².

¹⁰⁰ MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: O mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p.25.

¹⁰¹ Com relação a este encontro vale a menção quanto a descrição da chegada do apóstolo Pedro a cidade de Cesaréia, feita por Cesar Motta Rios em seu artigo “A imponência e a importância de Cesaréia marítima conforme atos e a arqueologia”. Nesta narrativa o autor faz uma descrição romantizada de aspecto desta cidade que leva o leitor a visualizar como seria esta antiga cidade. RIOS, Cesar Motta. A imponência e a importância de Cesaréia marítima conforme Atos e a arqueologia. *Vox Scripturae*. São Bento do Sul, v. 24, n. 1, p. 55-74, jan/jun 2016. p 58-60.

¹⁰² RIOS, Cesar Motta. A imponência e a importância de Cesaréia marítima conforme Atos e a arqueologia. *Vox Scripturae*. São Bento do Sul, v. 24, n. 1, p. 55-74, jan/jun 2016, p. 60.

Segundo o relato de Lucas retomado por Rios, Cornélio foi batizado junto com sua família, estabelecendo assim, pelo menos, uma família cristã documentada em Cesaréia¹⁰³.

Quanto à questão cultural de Cesaréia à época de Eusébio tinha uma população formada por pagãos, judeus, Samaritanos e cristãos, tendo sua porcentagem variada conforme as circunstâncias como, por exemplo, o número de judeus terem diminuído após a revolta judaica, ou aumento no número de cristãos na época do estabelecimento de Orígenes. Trata-se de uma região eclética e aparentemente próspera, sem apresentar períodos de despovoamentos ou relatos de catástrofes naturais. Em meados do quarto século a população era considerada mista, contudo, havia conflitos constantes entre a população e comunidade cristã.

1.3 O propósito de Eusébio com a *História Eclesiástica*

Acerca da obra de Eusébio de Cesaréia estas tem como objetivo rememorar a história da Igreja ao longo do tempo. Também demonstra como os líderes da igreja procederam para definir o que seria aceitável dentro da doutrina cristã. De certa forma esta obra atende a necessidade de se estabelecer uma doutrina única para a Igreja. Tal necessidade é apresentada por Emilio Mitre¹⁰⁴ como resultado do contato cada vez maior dos cristãos com o mundo, tal contato desencadeou uma crise no pensamento cristão frente aos enfrentamentos com os diversos movimentos religiosos que surgiram nos primeiros séculos.

Ao escrever uma obra, o autor imprime suas percepções acerca da temática levantada, dando sentido às suas impressões na tentativa de deixar para posteridade aquilo que lhe é mais relevante nesta seara. Assim, Eusébio inicia o seu trabalho estabelecendo os objetivos que pretende alcançar com sua narrativa, apresentando-os no decorrer do primeiro capítulo do primeiro livro como se segue:

- 1 – A sucessão dos santos Apóstolos, assim como o intervalo de tempo entre o Salvador e nós, a enumeração de tantos e tão importantes eventos no curso da História Eclesiástica; quantos nela mencionados presidiram e governaram com destaque as dioceses mais ilustres; em cada geração, quantos foram deputed para ministrar a palavra divina oralmente ou por escrito; quantos e quando os que, arrastados a erros extremos pela atração de novidades, anunciaram e introduziram uma falsa ciência (1Tm 6,20), e semelhantes a lobos rapaces (At 20,29) cruelmente dizimaram o rebanho de Cristo.
- 2 – Além disso, as tribulações sobrevindas a toda a nação judaica, logo após as insídias contra nosso Salvador; quantos, quais, em que tempo os ataques

¹⁰³ At 10; 11, 1-18.

¹⁰⁴ MITRE, Emilio. *Ortodoxia y herejía entre la Antigüedad y el Medievo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2003. p. 43.

dos pagãos contra a palavra divina; os grandes varões que, em várias épocas, por ela suportaram suplícios e combateram até o derramamento do sangue; sobretudo, e entre nós, os testemunhos prestados e a benevolência misericordiosa do Salvador para conosco – tudo isso julguei conveniente transmitir por escrito. Não quero outro exórdio a não ser o da realização da “economia” de nosso Salvador e Senhor Jesus, o Cristo de Deus¹⁰⁵.

Em conformidade com os objetivos de Eusébio sua intenção não recai em problemas políticos, embora tenha desenvolvido esta vertente a partir do livro VIII, acompanhando os eventos que traziam tímidos benefícios à Igreja. Seu interesse se volta para a sobrevivência da Igreja e de como a mesma, lida com suas dificuldades.

Torna-se relevante mencionar que, de certa forma, o autor baseou seus escritos nas dificuldades que a Igreja vinha enfrentando ao longo de sua história e, principalmente ao seu tempo. Lembrando que foi a partir do século IV que, esta instituição alcançou seu ápice mas, foi neste mesmo período que sofreu seu mais alto ponto de mudança.

Essas dificuldades são apresentadas como obstáculos ao desempenho das doutrinas cristãs no seio da própria igreja e fora dela como podemos ver no argumento de Emilio Mitre como se segue: “[...] Eusébio de Cesaréia faria uma orquestração histórica destes temas, a história da igreja se confrontava com inimigos externos (como os pagãos) e internos (como hereges, cismáticos e apóstatas.)¹⁰⁶”.

Nosso objetivo concentrou-se em relacionar as dificuldades aos objetivos apresentados no primeiro livro da *História Eclesiástica*. As dificuldades externas, para o autor, se relacionam aos empecilhos que surgiram fora do meio da Igreja como, por exemplo, as perseguições¹⁰⁷, as outras religiões e as filosofias. Quanto às dificuldades que surgem no meio da Igreja, temos um aspecto mais complexo a tratar. De uma maneira geral podemos entender as divergências doutrinárias, litúrgicas, dogmáticas e teológicas como aspectos destes obstáculos. A seguir discorreremos melhor sobre elas.

1. 3. 1 *Questões* externas

No quadro que envolve as dificuldades externas, a primeira citada por Eusébio foi o caso das *perseguições*. Esta se apresenta de três modos: 1) ter cunho político, conforme

¹⁰⁵ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000, p. 29.

¹⁰⁶ MITRE, Emilio. *Ortodoxia y herejía entre la Antigüedad y el Medievo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2003, p. 50.

¹⁰⁷ As dez grandes perseguições ocorreram: Sob Nero em 67 d.C., Domiciano em 81 d.C., Trajano e 108 d.C., Marco Aurélio em 162 d.C., Severo em 192 d.C., Maximino em 235 d.C., Décio em 249 d.C., Valeriano em 257 d.C., Aureliano em 274 d.C., Diocleciano em 303 d.C.

aquelas iniciadas pelos dirigentes das sociedades, atendendo a um clamor social; 2) uma necessidade pontual, como exemplo a perseguição iniciada por Nero¹⁰⁸; 3) de cunho religioso como a proferida pelos Judeus. Esses modos de perseguição foram documentados nos relatos¹⁰⁹ escriturísticos hoje denominados Novo Testamento, nas *Antiguidades Judaicas*¹¹⁰, de Flávio Josefo, e é um tema recorrente na *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia.

Estas perseguições infligidas às comunidades cristãs no período anterior ao favorecimento de Constantino, em geral, eram ocasionadas por conflitos entre as comunidades que passavam a perturbar a ordem pública. O império Romano não se preocupava com as práticas religiosas em seu território, desde que, o povo sob seu domínio aceitasse o imperador como líder máximo inclusive no campo religioso¹¹¹ e que a ordem pública se mantivesse. O uso de força se dava em resposta à quebra de um destes parâmetros. As narrativas preservadas por Eusébio, de certo modo, demonstram a validade deste argumento como, por exemplo: a carta de Serênio Graniano a Adriano,¹¹² uma transcrição do texto de Justino de Roma *Apologias*¹¹³.

Quanto a este tema uma ressalva deve ser considerada. Embora a comunidade cristã tenha tido inúmeras dificuldades (internas ou externas) ao longo de sua história, a imagem construída acerca de uma minoria muito perseguida não corresponde aos fatos. Tal opinião é demonstrada por Peter Brow em seu livro *A ascensão do cristianismo no ocidente* como se segue:

O que se sabe de certeza é que não há qualquer justificação para o mito romântico de que se desenvolveu mais tarde, segundo o qual os cristãos eram uma minoria perpetuamente perseguida, literalmente obrigada a clandestinidade pela severidade da repressão¹¹⁴.

¹⁰⁸ Eusébio fala sobre a perseguição de Nero no Livro II, Capítulo XXV, de sua *História Eclesiástica*.

¹⁰⁹ Este relato foi feito pelo evangelista Lucas em suas obras do Novo Testamento: Atos dos Apóstolos e o evangelho que leva seu nome. Este texto foi amplamente usado por Eusébio em seu segundo livro da História Eclesiástica, assim como o sexto livro das Hipotyposes de Clemente.

¹¹⁰ Flavio Josefo documenta no capítulo 8, livro XX de sua Antiguidade Judaica, a “má conduta” do sumo-sacerdote Anano que acusou Tiago, o irmão do Senhor, ao rei Agripa II. Josefo não especifica qual foi a violação. Sua intenção, aparentemente, era mostra as falhas dos líderes judeus, que levaram a consequências trágicas para a nação. Contudo este pequeno relato demonstra que os judeus acusavam os cristãos para os líderes políticos de seu tempo conforme as narrativas bíblicas. JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: Obra completa*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 464.

¹¹¹ O culto ao imperador, a manifestação religiosa presente em todo o Império Romano, tratava-se mais de um conjunto de ordem moral em comum, do que um sistema de crenças como o visto nas outras religiões. Seu objetivo era o de garantir a autoridade imperial na pessoa do imperador.

¹¹² CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p. 181.

¹¹³ ROMA, Justino de. *I e II Apologias, Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 2000. p. 40.

¹¹⁴ BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no ocidente*. Lisboa: Editorial Presença, 1999. p.42.

Tal imagem, provavelmente, foi construída sobre um fundo de verdade, visando uma memória de sofrimento e superação permitida por seu Deus que, no tempo certo, se favoreceriam através de instrumentos terrestres, como o imperador Constantino. Desta forma, usavam esta narrativa, que se assemelha a muitas histórias contidas em seus textos escriturísticos, a fim de legitimar sua condição. De modo que, a situação favorável ou desfavorável se justificava e fortalecia a comunidade crista, a Igreja e seus líderes.

A segunda dificuldade externa refere-se às *filosofias* surgidas em decorrência da necessidade humana de entender o mundo ao seu redor. Em geral, elas tratam das problemáticas da realidade humana, fornecendo caminhos que facilitem ou possibilitem a lida em situações específicas da vida cotidiana. Mas, há uma dualidade na aplicação destas filosofias que podiam tanto ajudar, como prejudicar as instituições eclesiásticas ou seculares. Na *História Eclesiástica* Eusébio faz menção à corrente filosófica do Cinismo¹¹⁵ defendida por Crescente, que era adversário de Justino o Mártir. Em sua narrativa no Livro IV, Capítulo XVI, o autor ironiza Crescente chamando-o de merecedor do nome cínico, por causa de suas acusações infundadas aos cristãos. Este caso exemplifica as muitas disputas intelectuais que ocorreram no percurso da história da Igreja, assim como, os perigos das filosofias e seus defensores (geralmente considerados enganadores), sendo entendida por Eusébio como uma heresia (pessoas que insistem em seus erros), um “lobo” pronto para o ataque.

1. 3. 2 *Questões internas*

Quanto às dificuldades internas, a primeira delas, refere-se à apostasia¹¹⁶, a qual relata o abandono da fé por parte dos cristãos. A apostasia se apresenta quando alguém é convencido em favor de uma doutrina parecida com o cristianismo, mas que possui diferenças dogmáticas não reconhecidas pela Igreja. Neste caso o convencimento se dá pela prática dos dissidentes cristãos.

Ademais, outra forma comum de apostasia presente na *História Eclesiástica*, remonta à questão das diversas perseguições. Neste campo, temos vários casos de pessoas que se apostaram da fé mediante as dificuldades e os sofrimentos infringidos pelas perseguições;

¹¹⁵ O cinismo, basicamente, oferecia as pessoas uma possibilidade de felicidade e liberdade em meio a qualquer situação ou época, uma vez que afirmava que a felicidade vinha do interior do indivíduo. Tal afirmação vai de encontro aos ensinamentos eclesiástico que prega a necessidade de se reconhecer como falho e dependente de Cristo para a salvação. Contudo na narrativa de Eusébio o cinismo em si não é importante, o que lhe interessa é demonstrar como a igreja vinha sofrendo com as acusações de pessoas arrogantes e despreparadas.

¹¹⁶ As questões relativas a apostasia serão melhor discutidas no capítulo 3.

conquanto, nestes mesmos relatos, há vários testemunhos de cristãos sofrendo martírios após recusarem a oferta de negar sua fé.

Embora não haja relatos na *História Eclesiástica* de apostasias mediante coerção vinda de pessoas comuns, participantes da população em geral, o mais provável é que esses casos tenham existido, mas não foram registrados na obra de referência desta pesquisa. Nos primeiros séculos do cristianismo era comum que as pessoas do povo acusassem uns aos outros de serem cristãos.

Segundo os relatos da *História Eclesiástica*, o apóstata podia retornar ao seio da igreja e seguir seus ideais religiosos dignamente. Os critérios para que os mesmos fossem acolhidos após a apostasia foi um ponto de reflexão para os bispos. Em geral o apóstata era confrontado por um membro da Igreja que tivesse domínio dos preceitos aceitos. O eclesiástico ouvia a parte e argumentava demonstrando o motivo que o levou à apostasia. Se o mesmo reconhecesse seu erro e voltasse aos ideais aceitos pela comunidade cristã, ele era acolhido novamente no seio da igreja. Caso escolhesse continuar no erro, o indivíduo era considerado herético e banido da comunidade¹¹⁷.

No que diz respeito às disputas doutrinárias é relevante mencionar que, no decorrer da história da Igreja e das religiões, uma constante parece acompanhar seu desenvolvimento: a divergência. As discordâncias entre opiniões e interpretações sempre aparecem nas relações humanas, sobretudo nas relações de poder. No decorrer do século IV a Igreja passava por uma estruturação quanto as suas doutrinas e a obra em epígrafe revela, importantes aspectos desse processo. Nela destacamos duas disputas internas acerca da doutrina da Igreja, a forma como deveriam celebrar a páscoa e a questão do batismo¹¹⁸.

As discussões acerca do batismo são apresentadas no sétimo livro da *História Eclesiástica*, a contar do capítulo 3, logo após a identificação dos imperadores e dos bispos de Roma neste período, compondo o primeiro tópico a ser tratado. Eusébio apresenta a opinião do bispo Cipriano de Cartago (210-258), identificando-o como o primeiro a se manifestar sobre o batismo. Segundo a opinião de Cipriano, não seria lícito receber alguém na Igreja sem

¹¹⁷ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*: Texto Bilígue. Version, introduccion y notas: Argimiro Velasco-Delgado, O.P. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010, p. 487. Sob o título “De como se rebatió a Pablo y se le excomulgó.

1 Co 5, 9-13.

¹¹⁸ Batismo vem do verbo grego βαπτίζω que literalmente significa mergulhar ou emergir. Subjetivamente tem a conotação de purificação mediante a lavagem (Este signo de purificação está associado principalmente as leis judaicas do Antigo Testamento). Tanto no Novo Testamento quanto na História Eclesiástica a palavra aparece em suas formas genitivas βαπτίσματος e nominativas βάπτισμα, cujo o significado é o da administração do rito do batismo conforme os ensinamentos contidos na Bíblia sagrada.

antes o purificar por meio do batismo. Tal opinião ofendeu Estêvão¹¹⁹, demonstrando uma discussão nascente no seio da Igreja. Esta demanda foi mediada por Dionísio de Alexandria (?-254/5) através de cartas¹²⁰ que são mencionadas e, parcialmente transcritas por Eusébio entre os capítulos 4 a 9 do sétimo livro da obra em análise.

A discussão sobre o batismo incitada pelos “pais da Igreja” girava em torno do procedimento acerca das pessoas que se converteram ao cristianismo, mas que por algum motivo apostataram da fé¹²¹. A orientação para este caso é apresentada na *História Eclesiástica* por decisão de Dionísio de Alexandria. O bispo de Alexandria entendia que a melhor solução para a Igreja seria seguir a regra repassada a ele pelo papa Héraclès conforme a transcrição de Eusébio presente nos versos 4 e 5 do sétimo capítulo do livro 7, como se segue:

4 - Em seguida, havendo proferido algumas palavras sobre todas as heresias, adita: “Ora, recebi esta regra e norma de nosso bem-aventurado papa¹²² Héraclès¹²³. Os recém-vindos das heresias e que não se haviam separado, aparentando unidos a ela, porém se haviam manchado, filiando-se a mestres heterodoxos, ele os expulsava da Igreja e não lhe atendia o postulado antes de haverem declarado publicamente o que tinham ouvido entre os adversários e então, acolhia-os na assembleia, sem exigir novo batismo; efetivamente dele outrora haviam recebido o que é santo”.

5 - De novo, depois de ter largamente desenvolvido o problema, acrescenta: “Soube ainda que não foi só agora e apenas pelos bispos da África que este uso foi introduzido, mas bem antes, no tempo dos nossos predecessores, nas Igrejas mais numerosas e nos sínodos dos irmãos em Icônio, Síndade e vários outros lugares, foi adotada essa medida. Não ousei opor-me a tal decisão e lança-la em disputas e rivalidades, pois diz a Escritura: ‘Não deslocarás as fronteiras do teu vizinho, colocadas pelos antepassados’ (Dt 19, 14)”¹²⁴.

Mediante este posicionamento, que é tido como unânime, o assunto é encerrado por Eusébio no último verso do capítulo 9 do livro VII com a expressão “Sobre o assunto, basta”.

Outra divergência interna comentada por Eusébio é a questão da páscoa, mais precisamente sobre a data em que a mesma devia ser comemorada. No Livro IV, capítulo 26,

¹¹⁹ Nesta narrativa Eusébio cita o nome Estêvão sem qualquer outra informação sobre este indivíduo, o que nos impossibilita a identificação do mesmo.

¹²⁰ Eusébio cita sete cartas escritas por Dionísio de Alexandria tratando sobre a questão do batismo, são elas: 1º - Carta a Cipriano, pastor da comunidade de Cartago; 2º - Carta a Estevão, sacerdote de Roma; 3º - Carta a Filêmon, sacerdote de Roma; 4º - Carta a Dionísio de Roma; 5º - Carta a Sisto, bispo de Roma; 6º - Carta direcionada a Sisto e a Igreja de Roma remetida por Dionísio de Alexandria e a comunidade que o mesmo representa; 7º - Carta a Dionísio de Roma, a respeito de Luciano, mas que faz parte do assunto tratado.

¹²¹ Na maioria dos casos esta apostasia acontecia em virtude das perseguições.

¹²² Há uma nota do tradutor dizendo que na época de Eusébio esta palavra era aplicada a todos os bispos.

¹²³ Provavelmente se refere ao patriarca Héraclès de Alexandria.

¹²⁴ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000, p. 347.

Eusébio fala sobre uma obra chamada “A Páscoa” escrita por Melitão bispo da Igreja de Sardes (?-180), que suscitou uma resposta de Clemente de Alexandria com um escrito de mesmo nome. A discussão sobre o tema continua sendo novamente apresentada por Eusébio no livro V, capítulos 23 a 25 da *História Eclesiástica*. Nesta passagem o desenvolvimento do debate sobre este tema segue os moldes da discussão sobre o batismo apresentando as trocas de cartas, sínodos, ponderação das partes e um acordo transmitido por missivas.

Os dois pontos, o batismo e a páscoa, remetem à tradição para legitimar a forma como se devia proceder ao rito e o momento de se realizar o mesmo. Há outro ponto curioso nestas duas narrativas que diz respeito ao acordo mediante estes fatos. Nos dois casos Eusébio relata que houve um acerto ‘unânime’ entre as igrejas, comunicado a toda comunidade mediante cartas. Mediante a análise da *História Eclesiástica* e dos relatos bíblicos é difícil aceitarmos que houve uma decisão unânime por parte de todos os envolvidos. Provavelmente esta unanimidade se refere à posição oficial dos líderes da Igreja repassada a todas as congregações como orientação oficial que deve ser acatada.

A fim de se evitar problemas mais profundos dentro da igreja estas disputas internas são tratadas conforme o exemplo descrito no texto Atos dos Apóstolos, que descreve o primeiro concílio da comunidade cristã formulado pelos apóstolos em Jerusalém. A narrativa deste evento está no livro dos Atos dos Apóstolos capítulo quinze. Neste texto escrito pelo evangelista Lucas, vemos um problema doutrinário¹²⁵ que nasceu do ensino aos gentios. Alguns acreditavam na necessidade da circuncisão aos novos adeptos e outros entendiam não haver este requisito. Em virtude desta divergência, Barnabé e Paulo foram mandados para Jerusalém, a fim de consultarem os anciões acerca de como proceder com o caso. Após debates estabeleceram-se os critérios para a inserção dos gentios que se convertiam ao nascente cristianismo. Elaboraram uma carta com as normativas acertada, que foi despachada através de Paulo e Barnabé para instruir as Igrejas que se erguiam. A importância de citarmos este fato, está posta por se tratar de um paradigma de como proceder nestes assuntos de disputas doutrinárias. Seguindo a leitura da *História Eclesiástica* podemos ver grandes semelhanças nos procedimentos adotados para os debates quanto as divergências, ou seja, aparece um problema, alguém averigua os fatos, reúnem-se os ilustres, delibera-se a questão, ao chegar a um acordo transmite a resposta.

O apóstolo Paulo ainda nos deixa uma orientação para a tratativa das divergências em amplitude das pequenas comunidades: as congregações. O ensinamento do apóstolo

¹²⁵ Neste caso a doutrina diz respeito aos preceitos referentes aos ideais judaicos, que se alicerça nos escritos do Pentateuco (Gn 17; Ex 12, 48; Rm 2, 17-29). TEMPLO ISRAELITTA BRASILEIRO OHEL YAACOV. *Torá: A lei de Moisés*. São Paulo: Editora Sêfer LTDA, 2001, p. 38, 184.

passado a Tito¹²⁶ é o de repreender aquele que cometeu a ‘divisão¹²⁷’, ou discórdia dentro da comunidade cristã, exortando-o por até duas vezes, se não houver mudanças deve-se retirá-lo da comunidade.

Por fim, devemos comentar que tais disputas internas são uma prática herdada do judaísmo que, de certa forma, é a base da Igreja. No livro IV, capítulo 22, verso 7, há uma transcrição do “Livro das Memórias”, escrito por Hegesipo, nomeando sete seitas dentro do Judaísmo, sete opiniões entre os “filhos de Israel”, como se segue:

7 – O próprio Hegesipo ainda faz menção das seitas outrora existentes entre os judeus, dizendo: “Havia diversas opiniões entre os circuncisos filhos de Israel contra a tribo de Judá e contra Cristo. São as seguintes: essênios, galileus, hemerobatas, masboteus, samaritanos, saduces, fariseus.¹²⁸”

Neste texto de onde se origina a transcrição, o autor demonstra que o início das heresias provém das manchas ocasionadas dentro da própria igreja (ou movimentos religiosos), fruto da insatisfação de alguns de seus membros ou falhas na interpretação de outros.

Sobre a “Falsa ciência”, podemos ressaltar que, o trabalho desenvolvido por Eusébio em *História Eclesiástica* é fruto dos estudos e pesquisas que foram ganhando consistência ao longo de sua vida. No decorrer destes anos muito foi escrito, compilado, revisado e publicado, mas somente uma reduzida parte de suas produções conseguiu passar pelo árduo crivo do tempo.

A questão apologética dos escritos do autor é um fato que transparece em sua obra. Roque Frangiotti afirma que: *Em todas as obras de Eusébio há sempre conotação apologética*¹²⁹. Cláudio Moreschini e Enrico Norelli discorrem sobre este assunto da seguinte forma:

¹²⁶ O texto bíblico da orientação de Paulo a seu discípulo Tito está na carta a Tito, (Tt 3, 9-11) que diz: “Evita controvérsias insensatas, genealogias, dissensões e debates sobre a lei, porque para nada adiantam, e são fúteis. O homem que assim fomenta divisões, depois de advertido uma primeira e uma segunda vez, evita-o, pois é sabido que um homem assim se perverteu e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo”.

¹²⁷ A expressão utilizada pelos tradutores da Bíblia de Jerusalém é homem faccioso, em grego ἀἰρετικὸν ἄνθρωπον. A orientação de Paulo para seu pupilo refere-se a forma adequada de proceder frente aos indivíduos que causavam discórdias e contendas, de qualquer tipo, dentro do seio da Igreja. Esta orientação alude a relatos do Antigo Testamento e narra o expurgo da comunidade judaica, de indivíduos que cometeram pecados, desobedecendo uma normativa direta de Deus.

¹²⁸ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000, p. 207.

¹²⁹ FRANGIOTTI, R. introdução. In: CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

A prioridade do tema apologético no pensamento e na obra de Eusébio encontra expressão numa série ainda mais ampla de escritos, em cujo centro se insere – como sua verdadeira *summa*- a imponente *Preparação e Demonstração evangélica*. O enorme esforço de Eusébio faz dele o expoente maior da tradição teológica e literária que desde a primeira metade do século II viera explicando as razões do cristianismo ao mundo pagão e, em menor medida, hebraico. Ele tem um débito evidente para com os autores que o precederam, mas pode também exibir méritos próprios: não só a capacidade de reunir em síntese os motivos de seus antecessores apontando sempre para uma visão global, mas também, para apoiar tal objetivo, a novidade do método demonstrativo, que é sustentado por um esforço científico e documentário sem igual¹³⁰.

Este gosto pela apologia, provavelmente, foi formado pelo tempo passado na biblioteca construída por Orígenes, que estava sob os cuidados de Pânfilo seu mestre. O acesso a documentos, tratados e estudos, vindos dos mais variados lugares, escritos por filósofos, homens das ciências e os mais diversos pensadores cristãos e pagãos, proporcionou uma visão única sobre os acontecimentos e o desenvolvimento intelectual de seu tempo, sobretudo dos fatos à comunidade cristã. Tal possibilidade é levantada por Ramalho nos seguintes termos:

Contando com uma quantidade significativa de material Eusébio se dedicou não apenas à organização daquela biblioteca, mas ao aprofundamento dos seus estudos exegéticos, filológicos e críticos dos documentos aos quais tinha acesso. Suas pretensões apologéticas e históricas, marcas centrais de sua obra, estavam ao menos bem alicerçadas em um conjunto vasto de textos que compunham o número de leituras e pesquisas aprofundadas que ele fizera no período que esteve cuidando, organizando e revisando aquela biblioteca. Isso, porém, não significa que Eusébio não tenha buscado informações em outras bibliotecas; ao contrário, ele o fez, sobretudo, antes da perseguição que seria promovida pelo imperador Diocleciano a partir do ano 303¹³¹.

As duas citações demonstram a relevância da erudição¹³² de Eusébio (uma característica predominante em seus escritos), os meios que a proporcionaram, assim como a oportunidade e o seu interesse em expandir seus conhecimentos. Elas demonstram também as bases pelas quais Eusébio formou sua posição apologética. Deste modo, temos as ferramentas pelas quais o bispo de Cesaréia pode definir o que seria um “falso conhecimento” ou uma

¹³⁰ MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina: I* - de Paulo à era Constantiniana. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 552.

¹³¹ RAMALHO, Jefferson. *Eusébio e Constantino: O início de uma Igreja imperialista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 60.

¹³² A grande erudição de Eusébio é uma característica amplamente aceita pela academia. Basicamente todos os estudiosos da história da igreja e comentadores de Eusébio citam este traço.

“falsa ciência”, que levava os homens aos erros e desvios da doutrina defendida pela Igreja, que estava num processo de formação de sua ortodoxia.

Eusébio escolheu o termo “falsa ciência” para diferenciar o que seria aceitável aos preceitos cristãos e o que seria considerado um erro. O termo foi escolhido mediante uma referência bíblica (lembramos que Eusébio foi um grande exegeta e comentarista bíblico), mais precisamente a carta a Timóteo capítulo 6, versículo 20, que segundo a versão da Bíblia de Jerusalém diz: “Timóteo, guarda o depósito, evita o palavreado vão e ímpio, e as contradições de uma falsa ciência, pois alguns, professando-a, se desviaram da fé”.

Neste texto, Paulo passa uma orientação ao seu discípulo Timóteo, lembrando-o de preservar e proteger o que lhe foi ensinado, referido no texto como “o depósito”¹³³, de evitar as palavras desnecessárias e as que são usadas pelos ímpios, assim como as doutrinas que se espalhavam referidas por Paulo como “falsa ciência”.

A expressão grega que foi traduzida por “falsa ciência” tanto no texto escriturístico, quando nas versões que nos chegaram da *História Eclesiástica* é a “ψευδώνυμος γνώσεως¹³⁴” que literalmente quer dizer “Nomeado falsamente conhecimento”. Esta expressão foi usada na História eclesiástica por três vezes. Desta expressão destacamos o termo “γνώσεως”, cuja raiz é “γνώσις”, palavra grega para conhecimento que foi utilizada 13 vezes. Deste termo deriva a palavra gnosticismo que foi usada para se referir a vários movimentos considerados heréticos.

Este conhecimento equivocado que permeia a Igreja é disseminado por pessoas que “foram arrastadas ao erro extremo”, pessoas que foram persuadidas, encantadas, enganadas, fascinadas e “atraídas pela novidade” que este novo conhecimento oferece. A estas pessoas Eusébio chamou de “lobos rapaces¹³⁵”, mais uma clara referência Paulina retirada de uma orientação aos anciãos de Éfeso¹³⁶, acerca dos cuidados que deveriam ter para com seu rebanho, uma figura de linguagem para a Igreja.

¹³³ O termo “depósito” provem do linguajar jurídico da época, denominando a guarda de algo de valor imputado a uma certa pessoa, que tem como obrigação protege-la. A versão deste texto provinda da Bíblia Nova Versão Internacional torna a passagem inteligível como se segue: “Timóteo, guarde o que lhe foi confiado. Evite as conversas inúteis e profanas e as ideias contraditórias do que é falsamente chamado conhecimento”.

¹³⁴ A expressão é composta por duas palavras; a “ψευδώνυμος” adjetivo genitivo feminino singular, geralmente traduzido por “Nomeado falsamente” ou “falsamente chamado” e “γνώσεως”, substantivo genitivo feminino singular, geralmente traduzido por “Conhecimento” num sentido de “um conhecimento de um tipo especial”.

¹³⁵ Em grego λύκοι βραεῖς. Em uma tradução livre λύκοι significa lobos e βραεῖς significa violento. No contexto bíblico o termo lobo é usado como uma metáfora para uma pessoa de caráter semelhante ao de um lobo, o que seria um predador. Rapaces tem um sentido de ávido, apressado em fazer o mal. Desta forma a expressão indica uma pessoa que se apressa em vigiar e prejudicar outrem, um caçador das ovelhas de Cristo.

¹³⁶ A referência ao termo Lobos rapaces está em At 20,29, contudo a orientação de Paulo aos anciãos de Éfeso abrange os versículos 17 ao 38 deste capítulo.

Eusébio faz uma distinção entre estas pessoas enganadas e os que são considerados realmente heréticos, uma distinção semelhante àquela feita por Paulo tanto no discurso da primeira carta a Timóteo, quanto no discurso presente no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 15 a partir do versículo 22, sob o título “A carta apostólica”. Esta diferenciação é necessária, visto que, uma pessoa no “erro¹³⁷”, ainda pode voltar atrás, segundo a tradição apostólica e o pensamento de Eusébio, enquanto que uma pessoa realmente herética foi entregue a satanás, conforme a orientação Paulina, posto que convencida deste “falso conhecimento” não consegue mais sair do mesmo.

No que se refere às omissões de Eusébio, salientamos os objetivos e intenções deste bispo em sua obra. Para tanto, precisamos comentar as três grandes omissões cometidas por esse eclesiástico. Assim, percebe-se que a princípio estas omissões aparentavam uma falha no cumprimento daquilo a que ele se propôs. Haja vista que, se observa neste caso a manipulação do projeto mnemônico com base nas escolhas do que deve ser lembrado e daquilo que deve ser esquecido, uma vez que tais eventos são tão importantes e chamativos que sua ausência se destaca. Estas omissões são: o silêncio referente ao seu Mestre Pânfilo¹³⁸, ao qual dedicou apenas uma pequena menção na *História Eclesiástica*¹³⁹; a questão ariana (Um grande mal saber.); e por fim o Concílio de Niceia, um dos mais importantes eventos da história da Igreja, que tratou de questões políticas e eclesiásticas que nortearam as decisões da Igreja a partir do mesmo. Desta forma não fazia sentido repetir estas informações na *História Eclesiástica*. Quanto às outras duas tratarei mais adiante ao abordar o arianismo nas questões referentes a essa heresia e o Concílio de Niceia.

¹³⁷ A palavra grega para erro é *πλάνης* que também comporta em seu significado o sentido de engano, ilusão ou falsa opinião.

¹³⁸ Pânfilo (? - 309) em grego Πάμφιλος, nasceu provavelmente em Beirute na Fenícia onde começou seus estudos na área do direito. Estabeleceu-se em Cesaréia sendo ajudante e discípulo de Orígenes, trabalhando na Biblioteca fundada pelo seu mestre. Pamphilus foi vital na educação e formação de Eusébio.

¹³⁹ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*, Livro VII, Capítulo XXII, Verso 25; sob o título “Varões eclesiásticos ilustres”.

CAPÍTULO II

A ATUAÇÃO DE EUSÉBIO BISPO DE CESARÉIA (SÉC. IV)

A memória dá sentido ao passado e o mantém vivo, tornando-o parte essencial da orientação cultural da vida presente¹⁴⁰. Essa orientação visa uma perspectiva futura que direcione as atividades e sofrimentos humanos. Deste modo, podemos compreender a história como uma maneira ordenada e organizada de memória, que compreende a vida na coletividade, quanto como de modo individual. Trata-se, portanto, de uma elaboração que rememora o passado num conjunto de perspectivas orientadas de futuro, que visa oferecer ao seu público, uma interpretação com vistas a mudanças temporais àqueles que a lê. Entre essas orientações temporais e culturais, se encaixa a obra mnemônica de Eusébio, haja vista que esse buscou deixar os ensinamentos da Igreja de Cristo, bem como seus entaves desde os seus primórdios e os documentos eclesiásticos de seu tempo, como um modelo de orientação e de análise para os seguidores e estudiosos da *História Eclesiástica*.

Deste modo, asseveramos que Eusébio de Cesaréia foi um dos autores cristãos que melhor captou o significado e os signos da Igreja em seu tempo, o quarto século da Antiguidade Tardia. A sua maior contribuição para a história, estão impressas nos documentos em que tratou de personagens e obras que fizeram parte de seu contexto histórico. Assim, damos destaque a sua obra de maior esforço intelectual a *História Eclesiástica* que, converteu-se em uma das fontes documentais mais relevantes para os pesquisadores da História, da Teologia, da Literatura Cristã e Canônica.

A *História Eclesiástica* apresenta em sua composição uma grande quantidade de inovações no campo da escrita, seja ela eclesial, histórica ou mesmo literária. A mais básica destas novidades diz respeito a passagem do tempo, que pode ser demonstrado com o comentário do teólogo e professor de história da igreja Hubertus R. Drobner, o qual afirma que, “A novidade no método da História eclesiástica de Eusébio consiste em ser organizada de acordo com os anos dos imperadores e pontífices [...]”¹⁴¹. Referente a este comentário devemos ressaltar que Eusébio utilizou a relação dos imperadores romanos e dos bispos das

¹⁴⁰ RÜSEN, Jörn. *Como dar sentido ao passado: questões relevantes da meta-história*. Trad. Valdeci Araújo e Pedro S. P. Caldas. *História da Historiografia*, nº 2, p. 163-209, Ouro Preto, 2009, p.64.

¹⁴¹ DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 237.

idades mais relevantes¹⁴², que incluíam os bispos de Roma mas não se limitava a estes. Como exemplo citamos a *Historia Eclesiástica*:

A Vespasiano, depois de ter reinado 10 anos, sucedeu Tito, seu filho, como imperador. No segundo ano de seu reinado, o bispo Lino, depois de ter exercido durante doze anos o ministério da Igreja em Roma, transmitiu-o a Anacleto. A Tito, que reinou dois anos e dois meses, sucedeu Domiciano, seu irmão¹⁴³.

Ao utilizar a relação de bispos e imperadores, Eusébio cruzou fatos concretos que utilizou como marco temporal, uma escolha inteligente para delimitar o tempo e o espaço em que decorreram os eventos de sua narrativa. A delimitação se torna mais precisa quando se usa os representantes de cidades menos conhecidas como Sardes ou Esmirna.

Eusébio usou da memória para documentar os acontecimentos do seu tempo, a fim de legitimar a nova posição da igreja sem se esquecer das dificuldades que foram enfrentadas. Deste modo, sua obra cumpre a função de servir como uma fonte útil para os estudos sobre a comunidade cristã em seu tempo.

2.1 A atuação dos Bispos na Antiguidade Tardia

As nomenclaturas que servem para ilustrar um recorte temporal não devem se alicerçar somente em referências cronológicas, elas seriam melhor fundamentadas em eventos e nos desdobramentos que geram um processo histórico. Desta forma, o conceito de Antiguidade Tardia que compreende parte do período da antiguidade e parte do período medieval, tendo como principal interesse por um processo histórico que se desenrola nestes dois recortes, parece-nos um bom exemplo.

O termo Antiguidade tardia representa um conceito formulado pela historiografia alemã na primeira metade do século XX. Segundo Renan Frighetto a Antiguidade Tardia:

Trata-se, por certo, de um conceito histórico forjado pela historiografia alemã da primeira metade do século XX, a Spantike, apresentado pelo arqueólogo Alois Riegl, em 1901, e que ganhou força com a realização dos estudos filológicos realizados por Johannes Strub, especialmente a partir de

¹⁴² Como exemplo da influência exercida pelos bispos nas cidades mais relevantes, citamos: Abílio, bispo da Igreja de Alexandria (H.E. livro III, capítulo XIV, verso único), Policarpo bispo da Igreja de Esmirna (H.E. livro III, capítulo XXXVI, verso 1), Justo bispo da Igreja de Alexandria (H.E. livro IV, capítulo IV, verso 1), Melitão bispo da Igreja de Sardes (H.E. livro IV, capítulo XIII, versos 8) e muitos outros.

¹⁴³ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. P. p. 134.

seus esforços em analisar a coleção de biografias presentes na *História Augusta* redigida no século IV¹⁴⁴.

Para o professor Carlos Augusto Ribeiro Machado o termo apresenta uma variação quanto a sua origem, conforme se segue:

O conceito moderno de Antiguidade tardia tem suas origens na obra do Historiador da arte Alois Riegl, especialmente em *Die Spätantike Kunstindustrie*, de 1901. Nesta obra, Riegl observou que, longe de ser decadente, a arte do período era produto de um gosto artístico diferente que, na verdade, poderia ser comparado aos movimentos artísticos de finais do século XIX e início do XX, livres do peso do classicismo. A arte do final da Antiguidade podia, assim, ser associada à arte moderna, por seu potencial de inovação e liberdade estilística¹⁴⁵.

Em todo caso, foi o trabalho de Peter Brow presente em sua obra *O fim do mundo clássico* que o termo teve suas fronteiras delimitadas na historiografia. Tal opinião é compartilhada por Renan Frighetto, Carlos Augusto Ribeiro e Norbeto Luiz Guarinello que reconhecem sua importância para a historiografia. Grosso modo a Antiguidade Tardia é um termo em discussão no meio acadêmico, que denota um novo olhar sobre o fim do período Antigo e o início do Medieval. Este recorte temporal é marcado por mudanças e transformações importantes nos aspectos político-institucionais, culturais, sociais, religiosos e até territoriais, que mudaram as perspectivas dos estudos deste período. O professor Guarinello explica o termo de maneira clara e didática em sua obra *História Antiga* da seguinte forma:

Antiguidade Tardia é uma forma relativamente nova, que alterou as balizas tradicionais da História Antiga. [...] Seus resultados foram uma ampliação das balizas cronológicas tradicionais para o “mundo antigo”, que hoje se estendem até, pelo menos, o século VII. Mas acima de tudo, foi uma mudança de perspectiva: as formas de integração culturais, sobretudo aquelas religiosas, passaram a receber uma ênfase maior. O resultado foi, igualmente, uma ampliação espacial. Para algumas vertentes, a “Antiguidade Tardia” englobaria, pela primeira vez na narrativa histórica, um espaço que iria da Europa atlântica e da Europa central aos confins da Índia – e mesmo além¹⁴⁶.

¹⁴⁴ FRIGHETTO, Renan. *A antiguidade tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (séculos II-VII)*. Curitiba: Editora Juruá, 2012. p. 20.

¹⁴⁵ MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. A antiguidade tardia, a queda do Império Romano e o debate sobre o “fim do mundo antigo”. **Revista de História**. São Paulo, n. 173, p. 81-114, jul/dez 2015. p. 84.

¹⁴⁶ GUARINELLO, Norbeto Luiz. *História antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 161 e 162. Renan Frighetto apresenta em sua obra *A antiguidade tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (séculos II-VII)* página 179, uma definição quanto a Antiguidade Tardia muito próxima ao apresentado pelo do professor Guarinello.

Um exemplo deste novo olhar historiográfico sobre este período é demonstrado por Uiran Gebara da Silva que apresenta uma argumentação a partir do paradigma do declínio e queda do Império Romano, sendo pensado à luz de novas formas de reflexões e influências do mundo contemporâneo, que permite o levantamento da hipótese de uma possível identidade histórica entre o mundo antigo e a Europa moderna. No fim de seu trabalho Uiran conclui seus apontamentos dizendo:

Essa nova interpretação historiográfica recusou as noções de queda/decadência e crise. Para isso, foi necessário que a historiografia reconhecesse cada uma destas noções em sua historicidade e na sua potencialidade como categorias ou conceitos históricos. Conforme esse trabalho de refinamento conceitual foi operado, houve desdobramentos profundos do ponto de vista da conceitualização de certas interpretações dadas como óbvias. O resultado foi o delineamento de um novo paradigma explicativo, o da continuidade cultural, que veio associado a uma nova *Forma da História, a Antiguidade Tardia*¹⁴⁷.

Justo a este exemplo somamos o artigo do professor Moisés Antiqueira¹⁴⁸ que reflete sobre a validade do termo crise para explicar os eventos que se passaram no terceiro século da história do Império Romano. O professor apresenta uma discussão acerca de como o tema tem sido abordado, chegando à conclusão de que o termo crise pode não ser o melhor para descrever este processo histórico, propondo o uso da expressão *período crítico* como a mais adequado.

Estes dois exemplos demonstram os desafios que o período apresenta, trata-se de um período marcado por tensões¹⁴⁹ advindas das necessárias mudanças e do desejo de continuidade presente numa sociedade complexa. De um lado temos a ideia de permanência e continuidade do período clássico e de outro a influência de novas formas de pensar que se apresentam ao longo dos séculos II ao IV, como os cristianismos¹⁵⁰. Deste quadro surge uma nova sociedade mutável, advinda da transformação entre os enfrentamentos presentes neste novo mundo.

¹⁴⁷ SILVA, Uiran Gebara da. Antiguidade tardia como forma da história. *Anos 90*. Porto Alegre, v. 16, n. 30, p. 77-108, dez 2009. p. 101.

¹⁴⁸ ANTIQUEIRA, Moisés. Era uma vez a crise do Império romano no século III: percursos de um recente itinerário historiográfico. *Revista Diálogos Mediterrânicos*. Curitiba, n. 9, p. 152-168, Dez 2015.

¹⁴⁹ O professor Guarinello comenta sobre estas tensões em sua obra *História Antiga* citando como exemplo o distanciamento entre o governante e os súditos, disputa de poder na corte, enfraquecimento do exército, revoltas rurais, implementações de um credo único, e migrações de povos no território do Império. GUARINELLO, Norberto Luiz. *História antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. P. p. 167 a 170.

¹⁵⁰ FRIGHETTO, Renan. *A antiguidade tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (séculos II-VII)*. Curitiba: Editora Juruá, 2012. p. 23.

O recorte temporal que abordamos neste trabalho abrange o período de vida e atuação de Eusébio, bispo de Cesaréia, assim como a passagem de tempo relatada na *História Eclesiástica*. Tendo Eusébio nascido entre os anos 260 a 264 d.C., morrendo por volta do ano 339 d.C., sua vida decorreu no período denominado Antiguidade Tardia.

A palavra bispo no grego koiné se apresenta como ἐπίσκοπος¹⁵¹ que tem como possíveis tradução supervisor, vigia ou guardião. Na primeira carta atribuída a Pedro (1Pd 2, 25) o termo é usado com o sentido de supervisão, reforçando as atribuições do pastor para com sua ovelha. Nas cartas direcionadas a Timóteo (1Tm 3) e Tito (Tt 1) temos uma explanação do que se deve observar naqueles que se dispõem a exercer esta função. Desta forma, podemos inferir que o termo é atribuído a uma função dentro da igreja, trabalho este cujas regras foram devidamente expressadas por Paulo. Seu papel pode ser inferido a partir do conteúdo presente nos textos em que o termo aparece, o de cuidar da organização e do proceder na casa de Deus, conforme a narrativa da vida em comunidade descrita nos Atos dos Apóstolos (At 2, 42-47; 4, 32-35; 6, 1-7). Esta função descrita nos textos escriturísticos era um costume comum no antigo Israel (Ex 18, 13; Nm 11, 16 Esd 5, 5 entre outros) e nas primeiras comunidades cristãs, exerciam o papel de liderança em suas comunidades, sendo o precursor da figura do bispo presente no final da Antiguidade Tardia, como podemos ver no comentário bíblico que se segue:

Segundo o costume do antigo Israel as primeiras comunidades cristãs, tanto em Jerusalém como na diáspora, tinham em sua frente um corpo de presbíteros ou notáveis. Os “episcopos” que não são ainda “bispos” e aparecem em relação particular com os diáconos, aparecem, em certos textos, praticamente idêntico ao termo presbítero. Contudo, este título (episcopos), que se encontra no mundo grego, mas pode ser também de origem semítica designa, em primeiro lugar, uma função, um ofício, ao passo que o título presbíteros assinala um estado uma dignidade.¹⁵²

As narrativas presentes nos textos escriturísticos sobre os requisitos a serem observados para o bom exercício da função episcopal enseja uma argumentação acerca do papel destes homens na sociedade romana no período da Antiguidade Tardia. A professora de estudos bizantinos da Universidade de Viena, Claudia Rapp, argumenta que um dos aspectos que alicerça a influência dos bispos nesse período, sobretudo a partir do século IV com o

¹⁵¹ DANKER, Frederick W.; GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego Português*. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 266.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert (Ed.). *A greek-english lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996. p. 657.

¹⁵² Argumento presente no comentário da Bíblia de Jerusalém SOCIEDADE BÍBLICA CATÓLICA INTERNACIONAL E PAULUS. *A Bíblia de Jerusalém*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1995. p. 2237.

favorecimento de Constantino, se deve aos atributos morais e comportamentais destes homens frente às comunidades nas quais estavam inclusos. Em sua narrativa Rapp discute questões relacionadas a moral, as quais se aproximam das orientações que Paulo passou a Timóteo. Segundo ela a forma como o indivíduo vive e se relaciona com o seu meio, sobretudo nos aspectos de representação do divino, reflete na sua influência dentro da comunidade que faz parte. No decorrer do primeiro capítulo intitulado “A natureza da liderança na Antiguidade Tardia”, Rapp explica que a autoridade dos bispos é uma construção multifacetada que se adapta às necessidades e circunstâncias do grupo que faz parte do próprio indivíduo; contudo, há elementos persistentes que, embora variam de relevância, permanecem influentes. São elencados e discutidos três fatores persistentes¹⁵³: A autoridade espiritual que é uma característica pessoal cuja fonte é independente do indivíduo posto ser emanado por Deus confirmando-o como um homem santo; Autoridade ascética oriunda do esforço do indivíduo em levar uma vida seguindo um comportamento virtuoso, na esperança de alcançar um ideal de perfeição pessoal. Esta autoridade é focada no sujeito e em seu esforço para se relacionar com o divino. Esta é a característica que permite ao indivíduo atuar como mediador entre os homens e Deus. Por fim, há a autoridade pragmática caracterizada pela atuação do religioso em favor de seu semelhante, ao focar suas ações para o bem-estar do outro.

Claudia Rapp ressalta que a atuação dos bispos em suas comunidades, assim como a maneira pela qual estes homens se portavam, não sofreram mudanças drásticas frente ao favorecimento de Constantino. Nesta linha de pensamento os bispos atuavam de forma semelhante antes e depois de Constantino, seguindo as orientações de conduta moral e de ações públicas, descritas desde os primórdios do cristianismo. A concepção de Rapp é uma dentre as várias formas de apreender como os bispos passaram a ter status superior na sociedade romana, chegando a posições de autoridade e até liderança a contar de Constantino.

Desde seu início o cristianismo se preocupou em levar sua mensagem ao maior número possível de pessoas¹⁵⁴, e nesta expansão alcançou grande parte do Império Romano, inclusive localidades que estavam além do mesmo¹⁵⁵. Neste período a comunidade cristã era liderada pelos apóstolos que se encarregavam das orações e do ministério da palavra. Com o aumento da comunidade os apóstolos escolheram alguns dos discípulos e os incumbiram do

¹⁵³ RAPP, Claudia. *Holy Bishops in Late Antiquity: The nature of christian leadership in na age of transition*. Los Angeles: University of Californis press, 2005. p. 16.

¹⁵⁴ Os discípulos de Cristo seguiram sua orientação quanto a divulgação de seus ensinamentos, conforme o relatado nos textos escriturísticos Mt **16**, 19-20; Mc **16**, 15; Lc **24**, 46-48; At **11**, 19-20.

¹⁵⁵ CASTELLANOS, Santiago. El obispo como líder ciudadano. In: ACERBI, Silvia; MARCOS, Mar; TORRES, Juana (Org.). *El obispo em la Antiguedad Tardia*. Madrid: Editorial Trotta, 2016.p. 103.

trabalho de assistência aos membros da comunidade cristã¹⁵⁶. Desta forma, surgiram as figuras de liderança eclesiástica como diáconos, mestres e bispos, que se fizeram presentes desde o início do cristianismo como auxiliares dos apóstolos. No decorrer dos dois primeiros séculos a figura do apóstolo foi desaparecendo e o seu papel de líder da comunidade cristã passou a ser exercido pelo Bispo¹⁵⁷.

A partir do final do terceiro século os bispos passaram a exercer algumas funções que eram atribuídas a administração romana. Isso se deu mediante o desdobramento das dificuldades que o império enfrentava desde o século II e que foram se agravando no final do terceiro e início do quarto. Carlos Augusto Ribeiro Machado apresenta as dificuldades que proporcionaram a liderança eclesiástica e a oportunidade de atuação cívica como sendo:

A maior presença e o maior peso da autoridade imperial e do aparato governamental, verificável a partir das reformas promovidas por Diocleciano e Constantino no final do século III e no início do século IV. Isso esteve diretamente ligado à crise dos conselhos citadinos (as *curiae*) e fia aparente no progressivo desaparecimento de estátuas de magistrados locais. A consolidação de um abismo socioeconômico separando as camadas mais frágeis das mais poderosas da sociedade tardo-antiga [...]. A incapacidade do aparato estatal de se financiar e garantir a defesa das áreas sob seu domínio, o que levou, em termos mais gerais, à perda de territórios, mas, em termos locais, ao desaparecimento de estruturas políticas e de governo imperiais. Como resultado, as autoridades eclesiásticas vieram a ocupar um papel de liderança cada vez mais marcado, desempenhando funções anteriormente associadas aos conselhos municipais e ao governo central.¹⁵⁸

Para muitos estudiosos como Peter Brow, Carlos Augusto Ribeiro Machado e Santiago Castellanos, os Bispos passaram a exercer parte das funções que eram atribuídas às cúrias, se destacando nas questões assistencialistas aos mais necessitados e de representação dos menos favorecidos na sociedade, um papel que os líderes da comunidade cristã já exerciam.

Os decuriões eram uma ordem da camada social superior do Império Romano, membros dos conselhos urbanos da plebe. Seus status e influência na sociedade romana variaram de acordo com as circunstâncias. Eles tinham influência e poder sobre seus conterrâneos e tinham privilégios no campo penal. Entre os séculos III e IV pertencer a esta ordem era um privilégio e uma forma de ascensão social. Era de sua competência gerir as finanças de sua cidade sendo responsável pela cobrança de impostos e, conseqüentemente,

¹⁵⁶ At 6, 1-6.

¹⁵⁷ SILVA, Gilvan Ventura da; SOARES, Carolline da Silva. Autoridade episcopal e conflito político na Antiguidade Tardia: A atuação de Cipriano de Cartago e de João Crisóstomo como reformadores da igreja. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Paraná, n. 13, p. 141-160, maio 2012. p. 142.

¹⁵⁸ MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro Machado. A antiguidade tardia, a queda do Império Romano e o debate sobre o “fim do mundo antigo”. *Revista de História*. São Paulo, n. 173, p. 81-114, jul/dez 2015.

pela dívida desta frente ao império. Estava sob sua responsabilidade o controle do abastecimento de cereais, a manutenção da ordem pública, a construção e preservação de obras públicas e de organizar e financiar espetáculos públicos. No início do quarto século as obrigações desta ordem passaram a ser muito onerosa e, em muitos casos, não podiam ser cumpridas. Desta forma, muitos dos seus membros tentavam fugir de suas obrigações deixando um vácuo a ser preenchido. Neste contexto ficou cada vez mais difícil captar membros para as cúrias, que passou a ser considerada mais um castigo do que um privilégio¹⁵⁹. Segundo Santiago Castellano¹⁶⁰ a partir do tempo de Eusébio muitos bispos saíram desta categoria o que levou a liderança episcopal a ser, de certo modo, um reflexo da antiga liderança civil do Império. Mas era apenas um reflexo, as diferenças eram muitas, os bispos não detinham o prestígio social que os antigos membros da cúria tinham, nem eram responsáveis pelas obras públicas por exemplo.

A liderança dos bispos buscou uma articulação entre os campos secular e espiritual levando a mensagem religiosa baseada nos costumes já tradicionais da localidade em que estavam. Esta forma de agir aliada ao proselitismo fez com que as várias formas do cristianismo alcançassem grande parte do oriente.

Assim, as concepções do cristianismo(s) foram elementos importantes no período da Antiguidade Tardia, devido a sua presença entre diversas culturas. Renan Friguetto trata sobre o alcance dos cristianismos da seguinte forma:

De fato, o cristianismo era um produto religioso e ideológico comum das regiões orientais do mundo grego-romano que ganhou grande projeção a partir das perseguições implementadas pela autoridade imperial na segunda metade do século III. Seja de procedência herética ou vinculado à ortodoxia, o cristianismo aparece como um dos elementos que caracterizam a interação cultural entre romanos e bárbaros, que terá um importante reflexo nas futuras *monarquias romano-bárbaras* da Antiguidade Tardia¹⁶¹.

Complementando o argumento de Friguetto, Castellanos alega que “El liderazgo civico de los obispos es un elemento característico en el Império romano tardio y en los regna bárbaros¹⁶²”. Deste modo, podemos inferir que o cristianismo, em suas diversas variáveis,

¹⁵⁹ ALFOLDY, Géza. *A história social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 145, 149, 214-215.

¹⁶⁰ CASTELLANOS, Santiago. El obispo como líder ciudadano. In: ACERBI, Silvia; MARCOS, Mar; TORRES, Juana (Org.). *El obispo en la Antigüedad Tardía*. Madrid: Editorial Trotta, 2016.p. 105.

¹⁶¹ FRIGHETTO, Renan.: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (séculos II-VII). Curitiba: Editora Juruá, 2012. p. 179.

¹⁶² CASTELLANOS, Santiago. El obispo como líder ciudadano. In: ACERBI, Silvia; MARCOS, Mar; TORRES, Juana (Org.). *El obispo en la Antigüedad Tardía*. Madrid: Editorial Trotta, 2016.p. 101.

estava há muito presente nestas sociedades. Neste quadro coube aos bispos o trabalho de tentar unificar estes diversos cristianismos em uma doutrina única.

Constantino ampliou a influência da comunidade cristã (O cristianismo defendido por Eusébio fazia parte), sobretudo no que diz respeito aos seus líderes: os bispos. Este processo de destaque das atuações dos bispos na comunidade cristã e que repercute na sociedade romana é também discutido por Murilo Grando Della Torres¹⁶³, o qual entende que a relação entre os imperadores e bispos no início do século IV era uma relação de mão dupla, onde cada um dos lados tinha interesses a defender e estratégias para conseguir seus objetivos frente a uma época de grandes transformações.

Contudo, a instituição religiosa favorecida por Constantino já era complexa, dotada de uma hierarquia com líderes definidos¹⁶⁴, código legal interno válido para todos os seus membros e textos sagrados compilados em códices, fáceis de manusear, consultar e transportar¹⁶⁵.

Quanto ao lado eclesiástico, após a liberação do culto cristão por Constantino, os deveres do bispo foram ampliados, incluindo a estabilidade e fortalecimento da comunidade cristã como uma Igreja. O próprio imperador Constantino solicitou à Igreja o estabelecimento de uma unidade, convocando o Concílio de Niceia (325), a fim de resolverem os enfrentamentos presentes no seio da Igreja ocidental e definirem uma postura frente as dissidências entre os diferentes cristianismos. Deste modo, o papel do bispo neste período era o de estabelecer uma unidade para toda a comunidade cristã, definindo uma única doutrina e disciplina (como colocavam suas crenças em prática) que deveria ser seguida por todos os discípulos, sobretudo os eclesiásticos. Tal opinião é argumentada por Gilvan Ventura da Silva e Carolline da Silva Soares

Almejamos, na realidade, discutir alguns aspectos referentes à afirmação da autoridade episcopal entre os séculos III e V, centrando nossa análise na atuação dos bispos como líderes que apresentam, nesse momento, uma preocupação recorrente com tudo aquilo que, em sua opinião, coloque em risco a integridade da Igreja, não apenas em termos de doutrina, como

¹⁶³ TORRE, Robson Murilo Grando Della. *A atuação pública dos bispos no principado de Constantino: As transformações ocorridas no Império e na Igreja no início do século IV através dos textos de Eusébio de Cesaréia*. Dissertação (Mestrado em história) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011. p. 452.

¹⁶⁴ O artigo “Autoridade episcopal e conflito político na Antiguidade Tardia: A atuação de Cipriano de Cartago e de João Crisóstomo como reformadores da igreja” também menciona a organização hierárquica da comunidade cristã nos quartos primeiros séculos, como uma característica marcante na Antiguidade Tardia. SILVA, Gilvan Ventura da; SOARES, Carolline da Silva. Autoridade episcopal e conflito político na Antiguidade Tardia: A atuação de Cipriano de Cartago e de João Crisóstomo como reformadores da igreja. *Revista brasileira das religiões*. Paraná, n. 13, p. 141-160, maio 2012. p. 141.

¹⁶⁵ BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no ocidente*. Lisboa: Editorial Presença, 1999. p.41.

muitas vezes se supõe, mas também, e de modo muito particular, em termos disciplinares, o que os leva a investir em discursos e práticas visando a restabelecer a ordem na congregação, coibindo ao mesmo tempo o clero e os fiéis¹⁶⁶.

Em um contexto favorável proporcionado por Constantino, os bispos aproveitaram a oportunidade, sem se esquecer das adversidades que suas comunidades enfrentaram ao longo da história. Para isso tentaram preservar este momento benéfico resguardando os documentos que os favoreciam, visando se legitimarem quanto aos benefícios que adquiriram. Peter Brow apresenta esta opinião nos seguintes termos

Nestas condições, quando começou a fluir do palácio de Constantino, depois de 312, uma torrente contínua de leis e cartas pessoais a favor dos cristãos, estas foram recebidas e exploradas ao máximo por um grupo religioso que sabia como aproveitar a sua sorte da melhor maneira. Se, nas palavras do conhecido provérbio, “Deus ajuda aqueles que se ajudam a si próprios”, a Igreja cristã desenvolvida ao longo do século III merecia, sem dúvida, o aparente “milagre” da ponte Múlvia¹⁶⁷.

Neste contexto o trabalho que Eusébio apresenta nos dois últimos livros de sua *História Eclesiástica* cumpre este objetivo, mesmo que os documentos sejam questionáveis. Os bispos usaram a oportunidade que a instabilidade do império proporcionou, ocupando os vazios que apareceram no aparato burocrático imperial, usando esta oportunidade no intuito de se legitimarem nesta nova posição.

Em síntese, parece-nos que a atuação dos bispos ao longo dos quatro primeiros séculos da era cristã foi o de proliferar a mensagem de seu fundador ampliando suas fileiras. No desenrolar deste trabalho formaram um aparato burocrático, que tinha como finalidade preservar os seus membros, mantendo uma certa unidade nas comunidades cristãs assistindo-os nos aspectos sociais, econômicos e religiosos. A partir do terceiro século esta liderança eclesiástica foi gradativamente ocupando os lugares onde a administração das comunidades locais tinha dificuldade de atender. Assim, aos poucos o bispo passou a ser um personagem histórico, uma figura que segundo Castellano era um produto do império romano. Em suas palavras: “O bispo, como figura histórica, é um produto de Roma, da sua história, das suas transformações¹⁶⁸”.

¹⁶⁶ SILVA, Gilvan Ventura da; SOARES, Carolline da Silva. Autoridade episcopal e conflito político na Antiguidade Tardia: A atuação de Cipriano de Cartago e de João Crisóstomo como reformadores da Igreja. *Revista Brasileira das Religiões*. Paraná, n. 13, p. 141-160, maio 2012. p. 142.

¹⁶⁷ BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Editorial Presença, 1999. p. 51.

¹⁶⁸ CASTELLANOS, Santiago. El obispo como líder ciudadano. In: ACERBI, Silvia; MARCOS, Mar; TORRES, Juana (Org.). *El obispo en la Antigüedad Tardía*. Madrid: Editorial Trotta, 2016. p. 101 e 108.

2.2 Os Imperadores Diocleciano e Constantino

No contexto deste estudo o imperador Diocleciano (284-305) representa uma variável importante no desenvolvimento da vida e obra de Eusébio. No decorrer de seu governo dois pontos se destacam: a formação da tetrarquia, a qual Constâncio e mais tarde seu filho Constantino fizeram parte e a perseguição religiosa deflagrada pelo imperador.

As informações referentes ao nascimento e morte de Diocleciano são incertas. Acredita-se que seu local de nascimento se deu em Dalmácia região da atual Croácia. Proveniente de uma origem humilde provavelmente um liberto do senador Anulino¹⁶⁹, iniciou sua carreira militar como soldado na escola de Probo. Em 20 de novembro de 284, por volta dos 39 anos, foi proclamado imperador por seus soldados após uma disputa de poder que terminou com a morte do vigente imperador Marco Aurélio Caro e seu filho Numeriano. Diocleciano deixou o poder por livre vontade por volta do ano 305, depois de vinte anos de governo.

Diocleciano era um homem com habilidades no campo militar, político e administrativo. Dirigiu um Império Romano em dificuldades com cuidado, promovendo reformas nos campos administrativos, econômicos e sociais com o intuito de superar as dificuldades apresentadas pelas crises do século III. Nesta empreitada o imperador orquestrou uma divisão de poder nomeando ilustres, devidamente escolhidos e subordinados à sua autoridade, com o objetivo de facilitar o aparato administrativo e terminar com a interferência do exército no governo. Este sistema ficou conhecido como Tetrarquia.

A tetrarquia¹⁷⁰ ocorreu entre o período de atuação do imperador Diocleciano e a consolidação do poder de Constantino, que compreende os anos de 284 a 309 d.C. Basicamente este sistema consistia numa:

[...] solução desenvolvida por Diocleciano para consolidar sua posição foi o exercício colegiado do poder imperial – a partir da divisão do *imperium*, e da competência administrativa com outros três colegas. Assim, a partir de 293, passaram a haver dois *augustos* e dois *césares*. Conforme a vigência deste arranjo, os *césares* sucederiam aos *augustos*, em caso de morte ou abdicação. O ponto fundamental deste sistema eram as ligações familiares estabelecidas entre os *augustos* e seus *césares*, através de vínculos

¹⁶⁹ POLLITZER, María. Diocleciano y la teología tetrárquica. **Revista de la Facultad de Teología de la Pontificia Universidad Católica Argentina**. Buenos Aires, v. 60, n. 81, p. 157-166, Jan-jun 2003. p. 158.

¹⁷⁰ A tetrarquia era composta por quatro governantes sendo Diocleciano (imperador) e Maximiano (co-imperador) Augustos e Gálerio e Constâncio como Césares. O território foi dividido em quatro partes sendo a Nicomédia local onde o Imperador Diocleciano governava, Mediolano atualmente Milão dirigida por Maximiano, Sirmio dirigida por Galério e Tréveres dirigida por Constâncio.

matrimoniais e laços de adoção. Criou-se assim uma Casa Imperial, com todos os membros inscritos na *gens valeria*¹⁷¹.

Frente às dificuldades advindas das crises do século III, houve um retorno das práticas religiosas antigas do paganismo, numa tentativa de aplacar a ira dos deuses e recuperar seus favores. Este evento causou uma instabilidade social e teve como foco de seu interesse, as comunidades cristãs. Diocleciano era um homem supersticioso, além disso havia a necessidade de aplacar a opinião pública e manter a unidade cultural do império, desta forma foram tomadas medidas persecutórias¹⁷².

As medidas tomadas quanto a comunidade cristã não surtiu o efeito desejado. De acordo com Diogo Pereira da Silva a perseguição que tinha como intuito remover a influência da comunidade cristã nos campos políticos e sociais da sociedade romana¹⁷³, que os consideravam como um elemento conspiratório, na verdade os forçou a união de suas fileiras favorecendo a difusão da igreja pelo império.

Foi neste contexto que o futuro imperador Constantino iniciou sua carreira política sucedendo seu pai Constâncio.

A vida do imperador Constantino foi bem documentada, tendo registros escritos ao longo do século IV e V. Das narrativas referente à vida de Constantino destacamos a obra *Vida de Constantino* de Eusébio de Cesaréia, obra com tom elogioso, de cunho religioso, influenciada pelas necessidades de seu tempo, cuja autenticidade¹⁷⁴ é questionada.

Constantino, cujo nome completo era Flavius Valerius Constantinus, foi filho de Constâncio Cloro, Cesar governante da região de Tréveres, com Flavia Iulia Helena¹⁷⁵. Seu nascimento ocorreu por volta do ano de 272-274 d.C. na cidade de Naissus atual Sérvia. Constantino teve acesso a uma boa educação, ocorrida na corte de Diocleciano a qual foi enviado por seu pai ainda na infância. Por volta de seus quinze anos Constantino entrou para o

¹⁷¹ SILVA, Diogo Pereira. A reestruturação político Administrativa do império romano na época de Diocleciano e da tetrarquia (284-305). **Revista Brasileira de Estudos Clássicos**. Campinas, v. 30, n. 1, p. 85-102, Jan-jun 2017.

¹⁷² SILVA, Diogo Pereira da. O Conceito de tetrarquia no Império Romano: um debate historiográfico. **Revista Venezuelana de Estudos Clássicos - PRAESSENTIA**. Carracas, v. 1, n. 14, p. 1-15, dez 2013.p. 11

¹⁷³ SILVA, Diogo Pereira da. As perseguições aos cristãos no império romano (séc. I-IV): Dois modelos de apreensão. **Revista de Estudos sobre o Jesus Históricos e sua Recepção**. Carracas, v. 7, n. 7, p. 29-44, Jan-dez 2011.p.37.

¹⁷⁴ CESARÉIA, Eusébio de. *Vida de Constantino*. Tradução de Martín Gurruchaga. Madrid: Editorial Gredos, 1994. p. 103.

¹⁷⁵ Flavia Iulia Helena, também conhecida como Santa Helena, veio de uma família modesta, provavelmente estalajadeiros, de Bitínia atual Turquia, região da Ásia Menor. Helena teve laços maritais com Constâncio Cloro que não a desposara legalmente (Deve-se ter em mente que Cloro como membro do governo de Diocleciano se submeteu as suas vontades inclusive nas questões referente ao matrimônio). Segundo a tradição cristã Helena fez uma viagem a Jerusalém onde encontrou lugares considerados santo, entre eles o local do calvário de Cristo. ROPS, Daniel. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 416-417.

exército, em pouco tempo tornou-se tribuno de primeira ordem¹⁷⁶ sendo responsável por comandar a comitiva do Imperador. Constantino era uma figura presente na corte de Diocleciano mantendo relação direta com o imperador, o que lhe proporcionou experiência no campo político. Segundo Rosane Dias de Alencar¹⁷⁷ Constantino estava presente quando Diocleciano revogou os direitos dos cristãos em 303, contudo não há como determinar sua participação ou posicionamento neste evento.

Constâncio Cloro falece no ano de 306 (depois da retirada de Diocleciano) na cidade de York durante uma campanha militar, desta forma Constantino foi proclamado por suas legiões como Augustus¹⁷⁸. Este evento ocorreu sem o conhecimento de Galério, o que ocasionou desavenças terminando com Constantino assumindo o posto de César. Em sua caminhada para a posição de Augustus, Constantino aproveitou todas as oportunidades que se apresentaram valendo-se dos conflitos entre os Imperadores estabelecidos de forma legítima e os considerados usurpadores, numa disputa de poder acirrada. Desta forma, Constantino iniciou uma disputa no jogo político lutando uma série de batalhas em busca do poder imperial.

Em outubro do ano de 312 Constantino chega a Roma e tem uma vitória decisiva sobre Maxênio. Após esta batalha o império tinha como líderes Constantino Licínio e Maximino Daia. Constantino atribui esta vitória ao Deus cultuado pela comunidade cristã a qual Eusébio pertencia, alegando ter visto uma cruz luminosa acima do sol com a inscrição “por este sinal vencerá”. A partir deste ano a política do império passa por uma importante mudança estrutural que afetou os campos econômicos, sociais e administrativos. No ano seguinte os imperadores Constantino e Licínio assinam um documento que ficou conhecido como Edito de Milão que concedia a liberdade de culto no império. Na prática, este documento exerceu pouca influência sendo observado apenas por Constantino. Não se estabeleceu um governo baseado em princípios cristão, mas foi dada voz e oportunidade à Igreja representada na pessoa dos bispos.

As disputas políticas continuaram. No ano de 313, Licínio fez uma aliança com Constantino, fortalecido o enfrentou Maximino e o derrotando. Em 324 após desentendimento

¹⁷⁶ ALENCAR, Rosane Dias de. *As imagens de Constantino I nos documentos textuais dos séculos IV.: Múltiplas faces do poder em Roma*. Tese (Doutorado em história) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012. p. 31. ROPS, Daniel. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 40.

¹⁷⁷ *Ibidem*. p. 31.

¹⁷⁸ ROPS, Daniel. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 404.

quanto a forma de governo, Constantino, com ajuda de seu filho Crispo, subjugou Licínio, reunificando o poder político do Império Romano¹⁷⁹.

Havia um interesse da parte de Constantino e da própria Igreja que a religião cristã entrasse em consenso. Na visão da Igreja há um consenso entre os cristãos, que o Imperador Constantino estava motivado por um sentimento de profunda piedade religiosa ao favorecer a comunidade cristã, segundo Robson Murilo Torres “a conversão de Constantino ao cristianismo provocou uma grande mudança na consciência do imperador, que passou a se sentir compelido a favorecer seus irmãos na fé por conta de seu temor a Deus e por desejar ver a fé no Cristo expandida por todo o Império¹⁸⁰”. Segundo Rosane Dias de Alencar “Em 337, confirmava-se o Imperador Constantino como adepto de um cristianismo específico, o que reflete os interesses de um grupo que pretendia sustentar sua hegemonia dentro da Igreja¹⁸¹”.

Referente ao Imperador, o provável ocorrido em sua política exercida é que este tenha usado as ideologias cristãs e pagãs conforme suas necessidades, fortalecendo sua posição. Por sua vez, a Igreja aproveitou o momento favorável para se fortalecer e expandir.

Desta forma houve uma relação de benefício mútuo que pode ser percebido nos escritos de Eusébio.

2.3 A preservação de documentos de interesse eclesial em Eusébio

O primeiro livro da *História Eclesiástica* traça uma abordagem sobre Cristo¹⁸². O autor lança mão de uma estrutura que hoje conhecemos como cristologia¹⁸³ alicerçando-a na sua percepção religiosa. A preocupação de Eusébio, provavelmente, esteve inclinada em legitimar a personagem de Jesus, o Cristo, baseado nos ensinamentos propiciados pela igreja.

¹⁷⁹ No anexo 3 apresentamos um mapa que retrata a extensão do Império de Constantino.

¹⁸⁰ TORRE, Robson Murilo Grandio Della. *A atuação pública dos bispos no principado de Constantino: As transformações ocorridas no Império e na Igreja no início do século IV através dos textos de Eusébio de Cesaréia*. Dissertação (Mestrado em história) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011. p. 26.

¹⁸¹ ALENCAR, Rosane Dias de. *As imagens de Constantino I nos documentos textuais dos séculos IV: Múltiplas faces do poder em Roma*. Tese (Doutorado em história) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012. p. 31. ROPS, Daniel. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 47.

¹⁸² O termo Cristo em grego Χριστός, que significa o ungido ou o messias, era usado como título. Desta forma a expressão Jesus Cristo seria na verdade ‘Jesus o ungido’, ou ‘Jesus, o messias’. Esta expressão começou a ser usada a partir do período intertestamentário, ou período de silêncio, em que o povo judeu esperava a vinda de um salvador. No Antigo Testamento havia a alusão de que no futuro viria o messias, sendo esta espera parte importante da religião do povo judeu.

¹⁸³ Cristologia é a parte do estudo teológico que trata da pessoa de Cristo, assim como a sua história e as doutrinas por ele ensinada.

A abordagem de temas que corroboram com essa visão se fazem presente na trama delineada, como a divindade de Jesus e sua existência desde o início dos tempos ao lado de Deus¹⁸⁴, refere-se também ao quadro político social do período em que Ele veio à terra, bem como a forma que a sua história foi narrada nos evangelhos e as divergências que apresentam em seus contextos.

Além da clássica utilização dos textos provindos do povo judeu como os da Torá¹⁸⁵ e os dos profetas, na redação da *História Eclesiástica*, foram utilizados textos de Historiadores relevantes como Flávio Josefo, e outros Historiadores e teólogos relevantes para este estudo, alguns de difícil acesso, como por exemplo, a carta endereçada a Aristides por Africano¹⁸⁶. Todos estes documentos citados são apropriados pelo autor da *História Eclesiástica*, e trabalhados de acordo com a memória que o autor procurou deixar para as futuras gerações. Assim, podemos classificá-lo como um documento mnemônico, pensado e construído em harmonia com as necessidades e os interesses de um homem comprometido com sua crença¹⁸⁷.

Entre as diversas menções referenciadas nesta obra mnemônica, destacamos a transcrição da carta de Abgar¹⁸⁸, o negro, direcionada a Jesus, o Cristo. Nesta epístola, Abgar solicita a visita de Jesus, buscando a cura de uma moléstia, ao mesmo tempo que Lhe oferece refúgio e proteção em seu reino.

Trata-se de uma narrativa, no mínimo controversa, uma vez que envolve uma suposta carta proveniente do próprio Jesus, transcrita por um bispo que tinha um objetivo traçado para sua obra. Além disso seria provável que qualquer escrito que fosse associado ao próprio Cristo causaria grande impacto na comunidade cristã sendo bem difundido e comentado, o que não parece ser o caso destas missivas. Cláudio Vianney Malzoni em seu artigo *A carta de Jesus a Abgar, rei de Edessa*, argumenta que esta correspondência seria

¹⁸⁴ Conforme as instruções de Paulo em sua carta aos Colossenses, Cl 1,15-20.

¹⁸⁵ A palavra Torá, que literalmente significa lei ou instrução, é comumente usada como o nome dos escritos religiosos que compreende os cinco livros atribuídos a Moisés. TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV. *Torá: A lei de Moisés*. São Paulo: Editora Sêfer LTDA, 2001, p. 7.

¹⁸⁶ Este personagem citado por Eusébio é identificado apenas por africano (*H. E.*, I, VII, I), nos permite pensar que se tratava de um personagem bem conhecido pelo autor. Segundo Argimiro Velasco-Delgado trata-se de Sextus Julius Africanus, importante historiador cristão que atuou no final do século II e início do século III, provavelmente no território africano, de onde veio parte de seu nome. Este historiador foi uma grande influência para Eusébio e os padres do período patrístico.

¹⁸⁷ Quanto a este argumento citamos a questão Ariana acerca do posicionamento de Eusébio no decorrer deste episódio.

¹⁸⁸ Segundo Roque Frangiotti, trata-se de Abgar, o negro, que teria reinado em Edessa atual Sanliuufa, localizada na região da mesopotâmia, entre os anos de 4 a 7 d.C. No artigo do professor Cláudio Vianney Malzoni intitulado *A carta de Jesus a Abgar, rei de Edessa*, trata-se de Abgar, o grande que reinou no século II. MALZONI, V. A carta de Jesus a Abgar, rei de Edessa. *Revista de teologia e ciência da religião*. Recife, v. 5, n. 1, p. 201-211, dez 2015. p. 207.

fruto de uma lenda que remonta à origem do cristianismo na região de Edessa. Lenda esta que, provavelmente, tinha como intuito aproximar a comunidade cristã de Edessa à figura dos apóstolos e, mais tarde, à comunidade cristã de Roma. Em suas palavras:

O início do cristianismo em Edessa está envolto em lendas. Uma delas, a História de Abgar, conta como a cidade foi designada por Jesus para receber o evangelho diretamente de seus apóstolos. Essa lenda, cuja origem remonta, provavelmente, a Edessa, alcançou uma grande difusão tanto no Oriente quanto no Ocidente e, na história de sua transmissão, não deixou de receber vários acréscimos¹⁸⁹.

Segundo Malzone, os documentos pelos quais esta lenda ainda se faz presente procedem de dois textos. O primeiro e mais antigo remota ao relato de Eusébio de Cesaréia em sua obra *História Eclesiástica*. Eusébio apresenta uma versão em siríaco e em grego desta narrativa. Há também uma versão siríaca com muitos acréscimos que apareceu no quinto século chamada *A doutrina de Addai*. Entre estes dois textos há muitas discrepâncias como por exemplo a data em que ocorreram os eventos narrados que, para Eusébio seria por volta do ano 29 d.C. e na *doutrina de Addai* ocorreu por volta do ano 32 d.C.

Ainda assim, certamente há elementos nesta narrativa que se baseiam em fatos históricos, como o interesse de Abgar para com a pessoa de Cristo e sua mensagem. De qualquer forma, sendo verídica ou não, esta carta demonstra que a mensagem de Cristo, desde seus primórdios, já vinha ganhando força entre os seus seguidores. Tal alcance, agregava outros espaços, pois refletia também nas questões políticas deste período, visto que, Adgar sabendo das dificuldades enfrentadas por Jesus teria lhe oferecido asilo. Além da questão política, uma vez que esta missiva fortalece o argumento de Eusébio quanto a pessoa de Cristo e sua missão, pois o remetente era um homem que não fazia parte do contexto judaico ou romano, e mesmo assim reconheceu o caráter singular de Jesus.

2.4 A compilação dos documentos seculares a favor da Eclésia

Nos pontos anteriores apresentamos a forma como Eusébio registrou uma memória para a igreja. Neste intuito ele se valeu da preservação de documentos, relatos, transcrições de trabalhos históricos e ideológicos com caráter teológico, a fim de alicerçar e legitimar o que deveria ser a história da igreja. Eusébio utilizou-se da análise exegética no decorrer da elaboração de seu trabalho e, nos parece ter lançado esforços em tratar os

¹⁸⁹ MALZONI, Cláudio Vianney. A carta de Jesus a Abgar, rei de Edessa. *Revista de Teologia e Ciência da Religião*. Recife, v. 5, n. 1, p. 201-211, dez 2015, p. 202.

documentos com seriedade e honestidade em suas transcrições, apresentando-os de forma precisa na medida do que lhe era possível na época.

Para tanto, o bispo de Cesaréia apresentou suas ideias numa linguagem adequada ao público que ele almejava alcançar. Pois, ao nosso ver o seu principal objetivo era promover o conhecimento da história da igreja e dos ensinamentos dispensados por esta instituição por via de sua clerezia. Talvez, Eusébio busca dar respaldo àqueles que ansiavam por se aperfeiçoar no caminho ensinado por Jesus, o Cristo, do qual a Igreja é seu bastião.

Neste ponto, devemos apresentar uma característica de Eusébio que é pouco mencionada por seus estudiosos, a capacidade do bispo de Cesaréia de se adaptar as vicissitudes do seu tempo sem, contudo, perder de vista seu objetivo primário: a sobrevivência da Igreja mediante a preservação de sua memória. Esta característica se torna visível ao averiguarmos sua obra *História Eclesiástica* como um todo. No desenvolvimento do trabalho do autor, parece haver dois momentos distintos, o primeiro compreende os livros I a VII e o segundo é composto pelos livros VIII a X. Quanto a estrutura da obra, podemos salientar no primeiro momento, o bispo seguiu à risca os objetivos apresentados logo no início do livro I. Nessa parte, abordou temas diversos, como aqueles referentes à sobrevivência da Igreja, sua legitimação e ideologia. Já no segundo momento traçou uma abordagem mais audaciosa, indo para além de seu objetivo primário, o que nos faz crer que tenha sofrido interferências das autoridades seculares que se interessavam pela Igreja e, portanto, observavam-na de perto.

A esse respeito, percebemos que houve um alívio para os cristãos, quanto a perseguição e que, nesse período recebeu até algumas benesses do meio secular proporcionando benefícios para a comunidade cristã. Eusébio conseguiu documentar essas benesses, reunindo cópias dos éditos, cartas ou qualquer outro elemento relacionado a igreja ou aos cristãos. A atitude do bispo de Cesaréia demonstrou-se muito útil para um dado momento em que a Igreja estava sendo rechaçada, servindo como um álibi para a política diplomática estabelecida entre a Igreja e o Império. Pois, foram os registros desta documentação que, posteriormente tornou possível certo grau de negociação entre as duas instituições, uma vez que a palavra de um imperador não poderia voltar atrás e, Eusébio, representando a igreja, dispunha de documentos que comprovava a palavra dada.

No período em que Eusébio escreve, a comunidade cristã estava numa posição complicada, sendo mal vista pela sociedade em que se encontrava. De alguma forma, Eusébio conseguiu interpretar satisfatoriamente a situação na qual estava a comunidade cristã de seu tempo. Munido de uma gama de informações referente às perseguições, ele teceu uma

narrativa, numa tentativa de “orientar” a comunidade cristã lembrando-se das posturas dos bispos que se destacaram na defesa da fé, seus ensinamentos mediante o mundo e as dificuldades que se apresentaram nesse período. Para tanto, recorreu aos documentos eclesiásticos e seculares, na tentativa de alicerçar formalmente os argumentos que sustentam seu trabalho.

Como o excerto em que o autor retoma a ‘memória de Pilatos’ transcrita a seguir onde os grifos são nossos:

1. Havendo, então, forjado os Atos de Pilatos¹⁹⁰ e de nosso Salvador, repletos de blasfêmia de todo gênero contra Cristo, eles os enviaram, com a aprovação do soberano, às regiões sujeitas a seu poder e, por meio de avisos, recomendaram que em todos os lugares, nos campos e nas cidades, fossem expostos de maneira bem visível. Os mestres das escolas cuidassem de ministra-los em lugar do ensino habitual às crianças, fazendo com que os aprendessem de cor.
2. Estas ordens, portanto, foram cumpridas. Outro, tribuno de uma legião (stratopedarches) que os romanos denominam “dux”, deteve em Damasco da Fenícia algumas mulheres de má vida que ele retirou da praça pública e, sob ameaças de torturas, forçou-as a declarar por escrito que outrora eram cristãs, que tinham visto entre os cristãos ações vergonhosas e cometiam abominações até no recinto das igrejas. Induziu-as a declarar assim tudo o que ele quis para caluniar nossa fé. Transcreveu em *Atas* suas palavras, que ele comunicou ao imperador e este mandou afixar tal escrito em todos os lugares¹⁹¹.

No caso do texto aqui apresentado, alguns elementos nos chamaram a atenção, no que diz respeito a sua tradução. Devemos elencar que alguns termos carecem de ser analisados visando um entendimento mais próximo do sentido inicialmente proposto por seus autores. Assim, destacamos o uso da palavra ‘forjado’, a qual nos parece ter sido uma excelente escolha na tradução da palavra grega ‘πλάσσω’, um verbo que tem o sentido de uma coisa moldada. Este verbo aparece nos textos escriturísticos¹⁹² expressando a modelagem feita por um oleiro em seus vasos, fazendo uma alusão ao que Deus faz ao homem. Logo após esta palavra, aparece a expressão ‘Atos de Pilatos’, a palavra ‘atos’ foi uma opção de tradução para a palavra grega ‘ὑπομνήματα’¹⁹³, que, de uma maneira bem simples, equivale a memorando. Na versão espanhola bilingue da *História Eclesiástica* traduzida e comentada por Argimiro Velasco-Delgado a escolha de tradução para esta expressão foi ‘a memória de

¹⁹⁰ Na versão espanhola o tradutor e comentarista Argimiro Velasco-Delgado traduziu a expressão “Atos de Pilatos” por “memória de Pilatos”

¹⁹¹ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. Livro IX, capítulo V, versos 1 e 2.

¹⁹² Citamos como exemplo Rm 9,20.

¹⁹³ Traduções possíveis para ὑπομνήματα um relatório escrito destinado a divulgar fatos ou situações; um curto documento diplomático ou um comentário interpretativo de um texto grego antigo.

Pilatos’, uma tradução plausível e mais próxima da intenção de Eusébio, que provavelmente seria: ‘uma memória moldada segundo os interesses de Pilatos, objetivando denegrir a imagem de Cristo e, conseqüentemente, a dos seus seguidores.

No segundo verso temos o termo ‘ὕπομνήματα’ que é novamente usado, em uma declinação diferente, demonstrando a passagem de uma instrução, que neste contexto seria o memorando passado ao imperador que ordenou sua apresentação nos públicos do seu domínio. Na última frase do segundo verso destacamos o termo ‘todos os lugares’ em grego ‘κοινοῦται’, literalmente significando algo comum, que pertence a vários, mas que no sentido bíblico denota uma profanação.

No Novo Testamento este termo está relacionado a algo ou alguém ‘cerimonialmente impuro’, provavelmente uma referência às leis do Antigo Testamento em que uma certa circunstância¹⁹⁴ pode contaminar uma pessoa que, por sua vez, deve se purificar, principalmente, antes de participar das cerimônias religiosas. Neste contexto o lugar comum seria um ambiente propício para a contaminação, para a proliferação de uma má imagem dos cristãos. Embora, no capítulo V do nono livro da *História Eclesiástica* o que parece é a intervenção direta de um governante secular utilizando o aparato governamental, com o propósito de promover ensinamentos contra os cristãos, uma opinião compartilhada por Roque Frangiotti e Argimiro Velasco-Delgado em seus comentários sobre este capítulo.

A legitimidade da passagem referenciada acima, pode ser questionada, uma vez que o próprio comentarista desta edição, o teólogo Roque Frangiotti, argumentou que “Imaginara-se que o procurador romano enviara ao imperador Tibério as Atas oficiais do processo de Jesus¹⁹⁵”. Há ainda o fato de apenas Eusébio fazer referência a este suposto documento proveniente de Pilatos. A respeito da Ata atribuída ao tribuno “dux” não há como fazermos qualquer comentário, mas esta passagem ilustra o fato de que os cristãos não eram bem vistos, um fator que pode ser facilmente demonstrado mediante uma documentação mais confiável.

Quanto a perseguição e difamação dos cristãos, apresentamos como documento a carta de Adriano ao procônsul¹⁹⁶ da Ásia Minúcio Fundano, em resposta a uma carta do governador Serênio Graniano a favor dos cristãos que estavam sendo perseguidos sem motivo

¹⁹⁴ O livro de Levítico apresenta as leis a ser seguidas pelos Judeus, o povo escolhido, em sua formação no decorrer de sua peregrinação até a terra santa. Como exemplos de leis acerca de circunstâncias que contaminam o homem citamos as leis referentes a diversas impurezas *Lv 12 a 20*.

¹⁹⁵ Quanto a questão da legitimidade Argimiro Velasco-Delgado define a “Atas de Pilatos” como “invenções y falsificaciones”. Contudo tanto Argimiro quanto Frangiotti entende que o importante nesta passagem é o comentário acerca do ensino de tais alegações.

¹⁹⁶ Encarregado do governo de uma província na Roma antiga.

aparente. Esta carta está presente na *História Eclesiástica* e nas Apologias de Justino Romano¹⁹⁷, também conhecido como Justino, o Mártir. Nesta apologia dirigida ao imperador o objetivo era demonstrar como as acusações¹⁹⁸ contra eles não tinham fundamentos sendo injustas as penalizações que recebiam. Justino pede ao imperador a suspensão das perseguições mostrando o documento secular que alicerçava seu ponto de vista. Abaixo transcrevo a carta e a cópia traduzida¹⁹⁹ para o grego que Eusébio preservou em sua obra:

A Minúcio Fundano.

6 Recebi uma carta que me foi escrita por Serênio Graniano, homem distinto, a quem sucedeste.

7 Não me parece que o assunto deva ficar sem esclarecimento, a fim de que os homens não se perturbem, nem se facilitem as malfetorias dos delatores.

8 Dessa forma, se os provincianos são capazes de sustentar abertamente a sua demanda contra os cristãos, de modo que respondam a ela diante do tribunal, deverão ater-se a esse procedimento e não a meras petições e gritarias.

9 Com efeito, é muito mais conveniente que, se alguém pretende fazer uma acusação, examines tu o assunto.

10 Em conclusão, se alguém acusa os cristãos e demonstra que realizam alguma coisa contra as leis, determina a pena, conforme a gravidade do delito. Mas, por Hércules, se a acusação é caluniosa, castiga-o com maior severidade e cuida para que não fique impune²⁰⁰.

Há outros documentos e relatos semelhantes a carta dirigida a Minúcio. Um exemplo interessante é a narrativa feita pelo martirologista inglês Jonh Fox em sua obra *Os livros dos Mártires*, quando o mesmo trata da última grande perseguição, a proporcionada por Diocleciano iniciada em 303. O autor comenta sobre a destruição de uma cidade cristã na região da Frígia, onde todos os moradores foram mortos. Tal evento perturbou muitas autoridades seculares da região que intercederam em favor dos mesmos, segundo o autor

¹⁹⁷ ROMA, Justino de. *I e II Apologias, Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 2000, p. 40. A tradução para o português da carta a Minúcio são iguais tanto na História Eclesiástica quanto na Apologia de Justino.

¹⁹⁸ Neste caso as acusações feitas aos cristãos não foram especificadas no texto de Justino.

¹⁹⁹ A obra apologia de Justino Romano foi escrita originalmente em latim. Eusébio transcreve em sua obra traduzindo-a para o grego.

²⁰⁰ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. Livro IV, capítulo IX, verso 1, p. 181. Segue a carta A carta Minúcio Fundano em grego. “Μινουκίω Φουνδανῶ. ἐπιστολὴν ἐδεξάμην γραφεῖσάν μοι ἀπὸ Σερενίου Γρανιανοῦ, λαμπροτάτου ἀνδρός, ὄντινα σὺ διεδέξω. οὐ δοκεῖ μοι οὖν τὸ πρᾶγμα ἀζήτητον καταλιπεῖν, ἵνα μήτε οἱ ἄνθρωποι ταράττωνται καὶ τοῖς συκοφάνταις χορηγία κακουργίας παρασχεθῆ. εἰ οὖν σαφῶς εἰς ταύτην τὴν ἀξίωσιν οἱ ἐπαρχιώται δύνανται δυσχυρίζεσθαι κατὰ τῶν Χριστιανῶν, ὡς καὶ πρὸ βήματος ἀποκρίνασθαι, ἐπὶ τοῦτο μόνον τραπῶσιν, ἀλλ’ οὐκ ἀξιώσεσιν οὐδὲ μόναις βοαῖς. πολλῶ γὰρ μᾶλλον προσῆκεν, εἴ τις κατηγορεῖν βούλοιο, τοῦτό σε διαγινώσκειν. εἴ τις οὖν κατηγορεῖ καὶ δείκνυσίν τι παρὰ τοὺς νόμους πράττοντας, οὕτως ὀριξε κατὰ τὴν δύναμιν τοῦ ἁμαρτήματος· ὡς μὰ τὸν Ἡρακλέα εἴ τις συκοφαντίας χάριν τοῦτο προτεῖνοι, διαλάμβανε ὑπὲρ τῆς δεινότητος καὶ φρόντιζε ὅπως ἂν ἐκδικήσεται”. KAISAPEIAS, EUSEBIOU. Ἐκκλησιαστικῆς ἱστορίας. Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/20_30_0265-0339-_Eusebius_Caesariensis,_Sanctus.html. Acesso em: 10 fev. 2016. p.15

*Cansados da carnificina, vários governantes de províncias apresentaram-se diante a corte imperial para mostrar a ilegalidade de tal conduta*²⁰¹.

Podemos cruzar o comentário de Fox com a correspondência entre Plínio, o Jovem (61-114)²⁰², e Trajano apresentado por Eusébio, como se segue:

1 – Ora, em muitas regiões, a perseguição contra nós aumentou de tal modo que Plínio Segundo (o Jovem), muito ilustre entre os governadores, impressionado com a multidão dos mártires, escreveu ao imperador a respeito da quantidade dos que sofriam a morte pela fé. Simultaneamente, informou que nada encontrara em suas ações de ímpio ou de oposto às leis. Somente, eles se levantavam antes do amanhecer para cantar hinos a Cristo, como a um Deus. Rejeitando o adultério, o homicídio e os crimes odiosos da mesma espécie, e tudo faziam de acordo com as leis.

2 – Então, Trajano promulgou um edito proibindo procurar a raça dos cristãos, mas castigá-los se fossem descobertos. Assim extinguiu-se a ameaça da perseguição, que atingira o grau sumo. Só restavam pretextos aos que nos queriam fazer mal. Às vezes era o povo, outras vezes também os chefes regionais que armavam ciladas contra nós, de tal modo que, sem haver perseguição aberta, nas províncias havia perseguições parciais, e grande número de fiéis teve de enfrentar a luta de várias espécies de martírio.

3 – Esta descrição é tirada da *Apologia* latina de Tertuliano, supramencionada. A tradução do texto é a seguinte: “Todavia, encontramos que foi proibido procurar-nos. Efetivamente, Plínio Segundo (o Jovem), governador de uma província, depois de ter condenado alguns cristãos e ter-lhe retirado suas dignidades, ficou impressionado pela multidão dos fiéis e não soube mais o que fazer. Escreveu ao imperador Trajano, declarando que exceto a recusa de adorar os ídolos, nada encontrara neles de criminoso. Acrescentava ainda que os cristãos se levantavam antes do amanhecer e cantavam hinos a Cristo como a um Deus e que, entre as observâncias de seus ensinamentos, era-lhes proibido matar, cometer adultério, ser injusto, roubar e outros atos semelhantes. Trajano, por isso, respondeu que não se procurasse a raça dos cristãos, mas se descobertos, fossem castigados”. Assim acontecia naquele tempo²⁰³.

Nesta conversa Plínio apresenta sua postura referente as acusações feitas aos cristãos, e pede orientação de como proceder ao imperador, que responde dizendo ser suas ações adequadas. Desta forma, podemos supor que as perseguições existiram e causaram impacto na sociedade.

²⁰¹ FOX, JOHN. *O livro dos mártires: A história dos sofrimentos e mortes dos cristãos primitivos e dos mártires protestantes*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. p. 29.

²⁰² Plínio, o Jovem, foi um orador, jurista, político e governador imperial da província da Bitínia (111-112). A troca de cartas entre Plínio e o imperador Trajano, preservadas até os dias de hoje, são considerados um dos mais valiosos documentos para entender a organização e a vida cotidiana do império romano da época. Nelas, Plínio cita pela primeira vez o cristianismo num documento romano conhecido.

²⁰³ CESARÉIA, EUSÉBIO DE. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p. 158-159.

Ao referenciar estes documentos, como as cartas de ilustres e desconhecidos, Eusébio revela os esboços das circunstâncias, bem como a essência das ideias de seu tempo, refletindo sobre o passado ao aprender suas lições, visando o futuro na forma de uma espécie de manual contendo as decisões dos antepassados, na esperança de servir como um farol iluminando as decisões a serem tomadas. Há um grande valor neste trabalho, nesta tentativa de preservação. Mesmo quando questionada quanto a sua legitimidade, ela existe e possui um valor mnemônico. No mínimo serve como ilustração da forma como os governantes se posicionaram frente aos cristãos e tentaram moldar a sociedade de seu tempo.

2.5 O concílio de Niceia.

No outono de 324, após a consolidação de seu poder, Constantino convocou os bispos para uma reunião que foi realizada na cidade de Nicéia província da Bitínia, hoje conhecida como a província de Bursa atual Turquia. As convocações foram feitas diretamente pelo imperador Constantino por meio de cartas. Além disso o imperador disponibilizou apoio financeiro e proteção²⁰⁴ para o deslocamento dos bispos possibilitando a participação de representantes de todo império.

Este concílio foi o primeiro a ser considerado “ecumênico²⁰⁵” posto ter sido um evento que tratou de assuntos referentes a toda a igreja e que embora tenha a maioria dos representantes do oriente, contou com representantes vindos de todo império. Os trabalhos começaram em 20 de maio de 325 sob a presidente do próprio imperador Constantino. O evento tinha como objetivo traçar um consenso dentro da comunidade cristã quanto aos principais pontos de sua fé, a agenda deste evento constava com: O esclarecimento da questão ariana, estabelecendo o que a igreja entendia quanto à trindade; como e quando deveria se observa a páscoa; definir a estrutura organizacional da igreja, como a sua liturgia e o comportamento de seus líderes; e como proceder com os despostas e indivíduos que professavam e ensinavam questões cristãs divergentes com a opinião da igreja a qual Eusébio e Constantino professavam. Após cerca de um mês de debates o concílio foi encerado coincidindo com a data a qual Constantino subiu ao poder²⁰⁶.

²⁰⁴ ROPS, Daniel. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 453.

²⁰⁵ A palavra “ecumênico” provém do grego οἰκουμένη que denota o mundo habitado. A principio era usada para se referir ao Império Romano, posteriormente passou a ser aplicado para designar o mundo em geral. No contexto deste concílio o termo foi usado para demonstrar que as decisões advindas desta reunião eram validas para todos os que estavam sob a autoridade do Império Romano.

²⁰⁶ DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 248.

Esta assembleia foi um marco na historia da igreja e na vida de Eusébio. No que diz respeito à igreja o evento demonstrou o interesse do imperador para com a religião cristã, ao mesmo tempo em que demonstra seu poder ao convocar, presidir e outorgar²⁰⁷ as diretrizes acertadas neste. Por sua vez o bispo de Cesaréia demonstrou seu caráter articulador ao tentar estabelecer um acordo viável entre as partes conflitantes no seio da comunidade cristã e entre os interesses seculares e eclesiásticos.

Deste evento formulou-se o símbolo de Nicéia, mais conhecido como Credo Niceno, um documento que norteava como a fé cristã deveria ser observada pela igreja em todo o Império Romano. Não foi um acordo unanime, mas foi um documento considerado válido nos aspectos secular e eclesiástico que proporcionou a igreja uma ferramenta pela qual poderiam definir o que era canônico ou herético no meio cristão. Uma ferramenta utilizada de imediato que afastou do seio da igreja o outrora bispo Ario e seus seguidores que tiveram sua doutrina considerada herética.

A parti deste evento o trato quanto as dissidências e os conflitos referentes as interpretações sobre o cristianismo passou a ser tratado de forma mais sistemática tendo uma normativa documental valida para toda a comunidade cristã da qual Eusébio fazia parte. Nas paginas seguinte refletiremos a cerca destas dissidências e conflitos entre as formas de cristianismo a qual Eusébio considerou heréticas.

²⁰⁷ No final do concílio Constantino muniu os participantes com cartas documentando e legitimando o que foi acordado neste evento. ROPS, Daniel. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 456.

CAPÍTULO III

HERESIARCAS E APOLOGETAS NA *HISTÓRIA ECLESIASTICA*

Neste capítulo procuramos desenvolver uma análise que identificasse as figuras dos heresiarcas e apologetas que fizeram parte do contexto histórico esboçado por Eusébio na escrita de sua obra mnemônica. Pois, essas personagens corroboram para a nossa compreensão relativa a estrutura eclesial daquele tempo, bem como o combate que surge nesse período contra as heresias que nasceram e prevaleceram ao longo dos tempos na história da Igreja cristã. Assim, buscaremos compreender a diferença entre as noções sobre heresia, erro e heterodoxia, privilegiando aquilo que foi esboçado por Eusébio em seus escritos.

Na articulação dessas noções, asseveramos que, em favor deste objetivo principal, que era o de preservar as memórias e o bem da Igreja²⁰⁸, Eusébio desistiu de suas próprias opiniões acatando as decisões acertadas nos concílios, a fim de fortalecer a posição da comunidade cristã, demonstrando unidade em seu seio. Escolha esta que não passou despercebido por seus opositores. Entretanto, ele não foi taxado como herético, nem mesmo um heterodoxo, um fato curioso em meio as adversidades e as disputas correntes no século IV. Eusébio na verdade era o que chamamos hoje de “ortodoxo”, mas um ortodoxo moderado, que prezou pela conciliação entre as pessoas e suas ideias. De fato, Eusébio parece concordar com Ário, apresentando uma posição condizente com a sua formação filosófica e teológica influenciada pelas ideias de Orígenes. Todavia, o mais adequado seria dizer que Eusébio entendia as ideias propostas por Ário, assim como entendia a situação das comunidades cristãs e os interesses dos poderes seculares. Há um conflito entre as posições por ele analisadas, as ideias apresentadas e o melhor caminho a se seguir no contexto de sua época. Há também o fato de que a ortodoxia, o que a futura Igreja determinaria como aceito e não aceito, estava neste contexto em formação, e como tal, amplamente discutida. Eusébio estava acostumado a participar do embate de ideias, bem como das discussões teológicas e filosóficas que se faziam presentes na biblioteca de Cesaréia. Este foi um ponto de encontro

²⁰⁸ Neste momento creio ser necessário uma observação. O trabalho dos defensores da fé após o favorecimento da Igreja, estava voltado para a defesa da Igreja quanto instituição e não da igreja quanto comunidades cristãs. Suas posições tinham de refletir de forma clara o que deveria ser aceito e seguidos tanto pela igreja como comunidade, quanto a Igreja como instituição. As duas esferas deveriam ser contempladas nos documentos que a defendiam frente a um mundo hostil.

entre os estudiosos que, no futuro, ditariam os diálogos promovidos por uma escola doutrinaria. Desta forma, ele estava familiarizado com a articulação entre as ideias apresentadas e suas refutações, disputas e conclusões. O que ele fez para a Igreja foi justamente isso, articulou as ideias entre o mundo secular e as diversas posições do aparato eclesiástico, formulando uma solução que melhor atendesse as partes envolvidas. Trabalho este que reflete uma das funções exercida pelos bispos no decorrer da Antiguidade Tardia.

Lembrando que o termo, ὀρθόδοξος (ortodoxo) etimologicamente se origina de dois termos, da língua grega. O primeiro termo ὀρθός traduzido como reto, direito, como algo que é correto. O segundo termo δόξα é uma palavra mais difícil de ser traduzida por conter em si uma ideia mais complexa. Quanto à expressão ὀρθόδοξος a δόξα, semanticamente esta significa “uma opinião”; contudo, esta opinião leva consigo a reputação de quem a exprime, o que leva a expansão desta noção denominando a honra de uma pessoa e sua aparência diante da comunidade a qual pertence. As duas expressões aparecem no texto do Novo Testamento, no entanto, o termo ὀρθόδοξος não se faz presente, aparecendo em seu lugar o termo ὀρθοποδέω que expressa um “andar num caminho reto, sendo reto quanto a conduta moral”, um termo mais assertivo ao contexto desta ontologia.

Quanto à questão etimológica, o termo ortodoxia significa uma opinião correta, o que nos leva a pergunta: Opinião correta quanto a que? A resposta mais simples e apropriada seria uma opinião correta frente a uma ideologia ou a princípios de uma doutrina, geralmente, aceita pela maioria da comunidade a qual pertence. No contexto religioso das comunidades cristãs tratado por Eusébio, a ortodoxia estava em formação, o que justifica a falta do termo em seus escritos. Conquanto, a ideia que o termo representa está presente em sua obra, como podemos ver nas questões referentes a páscoa e ao batismo. Para o bispo de Cesaréia a concordância “unânime” quanto a um tema discutido pelos bispos deveria ser aceito, obedecido e respeitado por toda a comunidade cristã, onde estas decisões deveriam servir como orientação para futuras disputas.

3.1 O conceito de heresia

O termo heresias, em grego *αίρεσις*, aparece na fonte estudada por 28 vezes²⁰⁹. Literalmente significa uma escolha ou opção; daí uma facção ou seita religiosa; por implicação denomina discórdia ou contenda. Eusébio utiliza duas formas da declinação desta expressão em sua história eclesiástica, quando ele se refere a uma escolha ou opção vemos a forma nominativa singular do substantivo. Outra forma encontrada em sua escrita se apresenta no dativo plural utilizada para se referir a uma discórdia entre facção que professam o cristianismo.

A formação da ideia de heresia desenvolvido na fonte *História Eclesiástica* se baseia nos preceitos que podemos inferir nos textos escriturísticos Atos dos apóstolos e nos evangelhos. Ainda assim, em nenhum dos documentos há uma definição direta acerca do que seria uma heresia. Desta forma é preciso averiguar como esta noção se desenvolveu na fonte estudada, a fim de tentarmos nos aproximar do pensamento do autor no desenvolvimento de seu trabalho. Para esta análise nos aventuraremos em uma superficial²¹⁰ hermenêutica sobre os textos escriturísticos, posto que os mesmos serviram como base para o pensamento cristão do qual Eusébio fez parte.

A concepção da heresia no documento em epígrafe traz em seu âmago o sentido de duas outras ideias que também estão presentes nesta fonte. No caso da heresia não há uma definição direta apresentada pelo autor, o que nos parece não ter em mente definir o que ele entendia destes termos. Os termos que formam a ideia de heresia são: o erro e seu sinônimo *hamartía* e o termo heterodoxia ambos presentes na obra estudada. Entendemos que há uma ordem entre estes termos. Primeiro acontece o erro, a partir deste surge a heterodoxia e a heresia. Neste ponto, devemos ressaltar que estes termos serão estudados apenas na *História Eclesiástica*, podendo, desta forma, terem outros significados em outros documentos. Passamos agora a explanação destas noções.

²⁰⁹ KAISAREIAS, EUSEBIU. *Ἐκκλησιαστικῆς Ἱστορίας*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/20_30_0265-0339-_Eusebius_Caesariensis,_Sanctus.html>. Acesso em: 10 fev. 2016. O termo esta presente nas seguintes paginas da fonte: 18, 24, 30, 46, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 86, 87, 88, 92, 97, 108, 115, 132, 135, 143, 152, 162 e 174.

²¹⁰ Digo superficial porque o estudo da Bíblia é uma empreitada complexa que envolve aspectos sociológicos, antropológicos, históricos, teológicos (sendo os citados exemplos entre muitos outros aspectos) em suas diversas vertentes. O esforço presente neste trabalho pode no máximo vislumbra alguns destes aspectos.

A expressão “erro(s)” em grego *πλάνη*, aparece 26 vezes²¹¹ na fonte estudada. O termo denota uma pessoa sujeita ao erro. Em algumas passagens o termo denota uma falácia, difundida por alguém com má intenção, como podemos ver nesta passagem:

[...] quantos e quando os que, arrastados a erros extremos pela atração de novidades, anunciaram e introduziram uma falsa ciência (1Tm 6, 20), e semelhante a lobos rapaces (At 20, 29) cruelmente dizimaram o rebanho de Cristo²¹².

Outras traduções possíveis para o termo são: engano, ilusão, imposturas, fraude, sedução, falsa opinião, perversidade, impiedade e pecado. No contexto exclusivo da bíblia temos a tradução baseada em 2 Pe 3, 17 que diz: “Vós, portanto, amados, sabendo-o de antemão, precavei-vos, para não suceder que, levados pelo engano desses ímpios, venhais a cair da vossa firmeza”, o termo foi usado com o sentido de “um desvio do caminho da verdade e da virtude”, dentro do contexto da comunidade cristã em desenvolvimento.

O uso deste termo por Eusébio designa uma pessoa que se afasta dos preceitos aceitos pela maioria da comunidade cristã. Este afastamento pode aparecer como um ensinamento, uma postura, uma pregação etc. Na maioria das vezes surge por uma falha na interpretação do ofensor a respeito de algum tema bíblico, ou um direcionamento das lideranças da comunidade cristã, mas não se limita a estes. No caso do erro o ofensor não se dá conta de que está fora do padrão majoritariamente aceito. Quando confrontado acerca de um tema controverso consegue entender o porquê da divergência e aceita a argumentação apresentada voltando aos preceitos aceitos.

A passagem da *História Eclesiástica* que demonstra o que é um erro, se encontra no sexto livro, capítulo trinta e três como se segue:

1 - Berilo, o bispo de Bostra, mencionado pouco acima, pervertia a regra eclesiástica e tratava de introduzir ensinamentos estranhos à fé, atrevido-se a dizer que nosso Salvador e Senhor não preexistia com individualidade própria antes de residir entre os homens, e que tampouco possuía divindade própria, mas unicamente a do Pai, que habita nele.

2 - Ante isto, muitos bispos foram interrogar Berilo e dialogar com ele; Orígenes foi chamado e lá foi. Começou conversando com Berilo para saber o quê pensava, e quando também soube o que dizia, comprovou que não

²¹¹ KAISAREIAS, EUSEBIOU. *Ἐκκλησιαστικῆς Ἱστορίας*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/20_30_0265-0339-_Eusebius_Caesariensis,_Sanctus.html>. Acesso em: 10 fev. 2016. O termo esta presente nas seguintes paginas da fonte: 1, 8, 19, 23, 48, 55, 57, 63, 68, 69, 88, 92, 93, 122, 123, 127, 129, 135, 150, 156, 157, 167 e 177.

²¹² CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p. 29.

opinava corretamente e, persuadindo-o com a razão, colocou-o na verdade acerca da doutrina e o restabeleceu em sua primeira e sã opinião.

3 - E até hoje subsistem escritos de Berilo e do sínodo que houve por sua causa, escritos que contêm, junto com as perguntas que Orígenes lhe fez e os diálogos havidos em sua própria comunidade, tudo de que se tratou naquela ocasião²¹³.

O texto refere-se ao caso de Berilo, bispo de Bostra uma pequena cidade localizada no sul da Síria, quase na fronteira com a Jordânia. Nesta narrativa somos apresentados a “opinião alheia à fé” de Berilo acerca da essência e divindade de Cristo. O bispo de Bostra entendia que o Salvador não era preexistente nem divino, mas apenas uma habitação da divindade. A fim de resolver esta questão abriu-se um diálogo entre o controverso Berilo e vários bispos, dentre os quais Orígenes. Um sínodo foi convocado tendo como conferencista Orígenes, que convenceu Berilo de suas equivocadas noções e encaminhou-o à “sã doutrina”. Neste caso, como o ofensor entendeu e voltou atrás em seu equívoco a querela foi tida como um erro, um engano. Muitas heresias surgiram de casos semelhantes como, por exemplo, o arianismo, que foi considerado heresia por causa da convicção de Ário em manter sua opinião sobre a coeternidade de Cristo com o Pai.

Semelhante ao termo *πλάνης* temos a palavra *hamartia* em grego o *ἁμαρτία*, que também pode ser traduzida como erro. Contudo, seu sentido é o de imputação, uma predisposição para o pecado. Em alguns casos *ἁμαρτία* possui o sentido de origem ou causa de um pecado. No texto bíblico o termo aparece com o signo de alguém que é culpado, que leva uma oferta pelo pecado (Hb 9,26). A partir da raiz *ἁμαρτία*, vimos *ἁμάρτυρος* que significa alguém que desvia do caminho da virtude, um pecador. Alguém que violou alguma regra da religião. No grego mais antigo que o *κοινε* leva em si o sentido metafórico de uma violação das leis morais e criminais. No contexto teológico *ἁμάρτυρος* representa o estado natural do homem que foi concebido em pecado (Sl 5, 7). Desta forma, uma pessoa que comete um erro, professa uma heterodoxia ou é um heresiarca são considerados *ἁμάρτυρος*, um pecador. O que diferencia esta pessoa é o fato de se manter ou não nesta condição.

A palavra *ἕτερος* (outro) é outro vocábulo encontrado na fonte *História Eclesiástica* que contribui para a noção de heresia, sendo comumente traduzido como “um outro modo ou de outro modo”. O autor utiliza este termo para expressar uma variação que, neste contexto se aplica a uma forma diferente de se abordar um tema religioso.

Nos quatros primeiros séculos da história da Igreja seus ideais e crenças estavam em processo de consolidação, havendo debates entre os “pais da igreja” acerca do que se

²¹³ Ibidem. p. 319.

consideraria certo ou equivocado no meio da comunidade cristã. Os textos escriturísticos, que conhecemos como o Novo Testamento, estão repletos de narrativas que tipificam o ensino, a difusão e os debates do que viriam a ser os preceitos da Igreja, como por exemplo, a pregação de Pedro à família de Cornélio (At 10; 11, 1-18) e as orientações de Paulo a seu discípulo Timóteo quanto a organização da comunidade (1 Tm 4). O caso de Pedro ilustra muito bem o que seria um ἕτέρος. O apóstolo foi questionado quanto a sua decisão de entregar a palavra de Deus a um gentio. Neste período o que era comumente aceito pela comunidade cristã era a difusão da palavra de Deus entre os judeus, o que tornou a decisão de Pedro algo diferente do que era comumente aceito. Ao ser questionado acerca dos motivos de sua postura, Pedro convenceu a comunidade cristã de que sua escolha estava de acordo com os parâmetros estabelecidos por Cristo. Desta forma, sua ação foi algo diferente -ἕτέρος- e não contra aos preceitos da comunidade cristã.

Na fonte estudada a noção hetero se apresenta de duas formas. Na primeira ela se assemelha ao caso de Pedro, na segunda ela contrasta. No caso semelhante vemos seu emprego direcionado a questão do batismo e a discussão que o mesmo acarretou, conforme abordamos no primeiro capítulo. No caso divergente temos a heterodoxia²¹⁴ de Novato como podemos ver neste texto

Eis o que expôs com razão Dionísio, levantando a questão dos lapsos no tempo da perseguição. Entretanto, Novato, sacerdote da Igreja de Roma, cheio de orgulho, ensinava que para eles não havia mais esperança de salvação, mesmo se empregassem todos os meios em vista de uma conversão sincera e uma confissão pura. Fez-se chefe de uma heresia particular, cujos partidários adotaram a denominação de puros, seguindo seu soberbo modo de pensar²¹⁵.

Outro exemplo pode ser visto em Paulo de Samósata conforme o trecho: “Ele tinha a respeito de Cristo idéias humilhantes e triviais, contrárias à doutrina da Igreja, como se ele fora por natureza homem comum”²¹⁶. Estes exemplos demonstra uma variação dos preceitos cristãos que estavam em desacordo com o que era majoritariamente aceito pela Igreja.

²¹⁴ A palavra grega ἑτεροδοξία pode ser traduzida como uma outra opinião ou uma opinião diferente. Na fonte estudada o termo se refere a uma divergência de opiniões que se contrapõe a uma assertiva majoritariamente aceita pela comunidade cristã. O termo não aparece no texto do Novo Testamento.

²¹⁵ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*: Texto Biligüe. Version, introduccion y notas: Argimiro Velasco-Delgado, O.P. Madri: Biblioteca de autores cristianos, 2010, p. 444

²¹⁶ Ibidem. p. 485.

Neste ponto devemos ressaltar que o termo heterodoxia como usamos hoje não se aplica ao documento estudado, embora a palavra ἑτεροδοξία²¹⁷ esteja presente no texto. Neste período as ideias da Igreja estavam em formação, tendo como ponto de partida os preceitos da comunidade cristã estabelecidos pelos pais da Igreja que, posteriormente se tornariam o que conhecemos como ortodoxia. O que havia naquele período era um grande número de debates sobre o que, de fato, eram a mensagem e a pessoa de Cristo. A heterodoxia seria um tema discutido pelos bispos que não chegou a um acordo unânime. Tal impasse não torna o tema necessariamente uma *hamartia* forma de se lidar com um assunto religioso que ocasionou uma discussão.

Um caso que demonstra este fato é a questão ariana.ÁRIO ao desenvolver sua ideia apresentou ‘um outro (ἕτερος) ponto de vista’ quanto a pessoa de Cristo. Sua concepção foi debatida pela comunidade cristã, semelhante ao ocorrido com Pedro, que as vezes a entendeu como válida e outras como inválida. Tal pensamento em seu início não era uma heresia, uma *hamartia*, era uma variação do comumente aceito em discussão. O arianismo foi “uma outra opinião” que após seu estudo e debate, tornou-se um erro que se transformou em heresia.

3.1.1 A Etimologia da noção de Heresias

O primeiro ponto que devemos abordar acerca da heresia é o fato de que entre os séculos I a IV havia uma multiplicidade de cristianismos, neste período não existia uma ortodoxia definida dentro da comunidade cristã que mais tarde seria aceita como religião oficial do Império Romano (380). Neste período os preceitos aceitos pela igreja foram forjados à medida que as dissidências ocorriam. Desde a ascensão de Cristo o movimento religioso que leva seu nome caminhou por um processo de formação, sendo necessário definir um sistema de crenças em comum e estabelecer os limites entre suas crenças e as dos demais movimentos religiosos que o cercavam. Neste contexto surgem eruditos e estudiosos dentro destes movimentos que trabalharam em defesa das suas crenças refletindo sobre estes limites e a postura a ser seguida pela sua comunidade. No cristianismo destacamos as pessoas de Justino o Mártir, Irineu de Lyon e Eusébio de Cesaréia, cujos trabalhos orientaram o caminho seguido pelos cristãos.

O termo heresia em grego ἄρσις, literalmente significa uma escolha ou opção. Segundo o *Léxico analítico do Novo Testamento Grego* de William D. Mounce²¹⁸ a palavra

²¹⁷ Ibidem. p. 434 e 486.

²¹⁸ MOUNCE, William D. *Léxico analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2013. P. 62.

também pode significar uma facção ou seita religiosa que, por implicação teria o sentido de discórdia ou contenda. Jean-Daniel Dubois²¹⁹ e José D'Assunção Barros²²⁰ acrescentam ao termo o significado de tomar, ato de pegar, fazendo assim uma alusão a uma metáfora teológica que remete ao pecado de Adão e Eva ao pegar o fruto proibido. Todavia, a conotação teológica foi acrescentada ao termo a partir do trabalho de Justino o Mártir, passando a assinalar, também, o sentido de uma secção do cristianismo proferido por ele. A noção de heresia adquire novos signos, a fim de se adequar às necessidades do período e do discurso proferido.

No contexto do cristianismo a heresia está ligada a necessidade da comunidade cristã de se definir mediante as vicissitudes do seu tempo. Esta opinião é apresentada por Jean Daniel Dubois em seu artigo “Polêmicas, poder e exegese: O exemplo dos gnósticos antigos no mundo grego”, como se segue:

Quando se vê nascer aquilo que se chamará as heresias, percebe-se que as dificuldades de organização das comunidades cristãs forçaram alguns responsáveis eclesiásticos a definir a identidade cristã, sua fé e suas práticas por meio de uma crítica acerbadada da diversidade das correntes cristãs²²¹.

Para o autor as dissidências entre os divergentes cristianismos demonstraram a falta de estrutura destas comunidades que sentiram a necessidade de estabelecer ferramentas (como o processo de deslindamento), a fim de constatar o que estava de acordo ou era divergente ante as crenças que professavam. De certa forma estes conflitos são relações de poder.

Uma questão interessante é levantada pela professora Margarida Garcês Ventura²²²; segundo ela não podemos aplicar os mesmos critérios para avaliar uma pessoa instruída e uma pessoa simples do povo quanto as questão entendidas como heréticas. Mesmo quando levamos em conta o recorte feito pela professora que escreve a partir da perspectiva de Portugal medieval, sua observação é relevante posto que a heresia está relacionada ao ponto de vista de uma dada autoridade mediante seu entendimento e suas crenças. Desta forma, há uma margem referente ao que se entende como heresia que se constitui fundamentado nos critérios pessoais por parte das autoridades de uma dada crença e da

²¹⁹ ZERNER, Monique (Org.). *Inventar a heresia?: Discursos polêmicos e poderes antes da inquisição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. P. 40.

²²⁰ BARROS, José d'Assunção. Heresias na idade média: Considerações sobre as fontes e discussão historiográfica. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Goiânia, v. 11, n. 6, p. 1-15, Fev 2010. P. 3.

²²¹ ZERNER, Monique (Org.). *Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da inquisição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, p. 39.

²²² VENTURA, Margarida Garcez. *Heresias e dissidências: regalismo e anti-regalismo no século XV*. Lisboa: Lusitania Sacra, 1998.

ignorância dos fiéis quanto ao que se espera deles na matéria de fé e dos que não fazem parte da comunidade. Esta observação pode ser exemplificada com a narrativa presente no livro dos Atos dos Apóstolos capítulo 15, onde alguns homens desceram a Antioquia ensinando a necessidade da circuncisão para os cristãos. Neste exemplo vemos a ignorância de alguns fiéis a partir de seus ensinamentos equivocados e os critérios pessoais referente a contenda de Paulo e Barnabé com estes homens, o que levou a um concílio para a deliberação do assunto.

Por fim, acreditamos que no contexto da *História Eclesiástica* Eusébio entendia que a heresia é uma forma de dissidência compartilhada por um grupo de indivíduo que proferem uma posição considerada equivocada pela comunidade da qual faz parte. Tal opinião é corroborada pelo medievalista espanhol Emilio Mítre Fernández que apresenta uma definição inicial deste termo, da seguinte forma:

Uma definição estritamente acadêmica faz das heresias uma "separação produzida por um grave e obstinado erro doutrinário", uma obstinada negação, uma vez recebeu o batismo, de "uma verdade que deve ser acreditada com a fé divina e católica, ou uma dúvida obstinada sobre ela."²²³.

Se após o diálogo e discussões o indivíduo se obstinar em seu posicionamento ele é considerado herético, assim como aqueles que aceitaram e propagaram seus ensinamentos. Note que tal premissa se aplica a um conflito entre dois grupos, onde cada parte considera a outra errada e deste modo herética. A heresia se dá frente a uma base ideológica.

3.1.2 Apostasia

Outro termo que precisamos comentar ao refletirmos a questão herética presente na *História Eclesiástica* é a noção de ‘apostasia’. As discussões entre as comunidades cristãs acerca deste problema foram fontes de divergências internas que suscitaram acaloradas alterações sobre como lidar com este fato.

A palavra apostasia do grego ἀποστασία²²⁴, refere-se a um ato de deserção ou de abandono. Na *História Eclesiástica* este termo é usado basicamente para se referir a um ato de abandonar a fé, contudo no contexto dos documentos escriturísticos este termo tem um

²²³ MITRE, Emilio. *Ortodoxia y herejía entre la Antigüedad y el Medievo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2003. P. 19.

²²⁴ O termo apostasia do grego ἀποστασία segundo Daniel Wallace possui o sentido de “abandono rebelião ou apostasia”. MOUNCE, William D. *Léxico analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2012. P. 112. Segundo o dicionário organizado por Sebastián F. I. Yarza o termo denota ‘alejamiento, defección, abandono ou apostasia. YARZA, Florencio I. Sebastián (Ed.). *Diccionario griego español*. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, 1998. I e II v.

sentido mais amplo denotando uma rebelião ao que foi ensinado por Cristo (At **21**, 21; 2Ts **2**, 3). Desta forma, o sentido de apostasia (αποστάσιον) diz respeito à questão da rejeição, associado à carta de divórcio estabelecido nos textos sagrados usados pelos judeus a Torá, em que um homem pode repudiar sua esposa. Tal ato contrasta com a ilustração de a igreja ser a noiva e Cristo o noivo (Ef **5**, 25-27; Mt **25**, 1-13), demonstrando assim uma relação forte entre as partes. Desta forma o apóstata é uma pessoa que rejeita de forma veemente uma opção que fez anteriormente, uma volta atrás de uma dada opção.

Apostasia se refere aos cristãos que renunciavam sua fé. Uma pessoa era considerada apóstata quando abandonava os preceitos estabelecidos como corretos pela comunidade cristã. No tempo do bispo de Cesaréia, conforme a narrativa de seu trabalho, isto se devia, geralmente, por dois motivos: a coerção secular proporcionada pelas perseguições e pela sedução dos heresiarcas que enganavam as pessoas distorcendo a mensagem deixada por Cristo.

Segundo as normativas da *História Eclesiástica* a apostasia se enquadra no caso de um ‘erro (πλάνης)’ e como tal, o apóstata pode retornar à comunidade cristã. Os critérios para que os mesmos sejam acolhidos após a apostasia foi um ponto de reflexão para os líderes da comunidade cristã. Em geral o apóstata era confrontado por um eclesiástico conhecedor da doutrina cristã que o ouvia e argumentava sobre o erro cometido pelo apóstata, se o mesmo reconhecesse o erro ele seria aceito novamente entre os fiéis. Caso escolhesse continuar no erro, o indivíduo é considerado herético e retirado da comunidade. A questão referente à apostasia se apresenta no texto da *História Eclesiástica* sendo parte da discussão sobre o batismo, e do processo de averiguação do erro.

3.2 Os bispos e as dissidências acerca dos preceitos da igreja

Desde o início do cristianismo houve divergências quanto o melhor caminho a se seguir. Muitas dessas divergências geraram dissidências que suscitaram debates e averiguação. A fim de solucionarem estes debates e evitarem conflitos, os líderes das comunidades cristãs averiguavam o ocorrido, debatiam o assunto e buscavam entre as partes a melhor solução para o caso. Este processo de averiguação reflete o trabalho dos antigos em discutir e debater assuntos referentes à fé cristã e as multiplicidades dos cristianismos, assim como a apostasia e as heresias. Tal discussão é exemplificada nos relatos de Eusébio e nos textos escriturísticos.

Desde o início da comunidade Cristã um problema se apresenta, como saber o que é certo ou errado. No começo do movimento com a presença do fundador bastava ouvir os ensinamentos proferidos e, em caso de dúvida, perguntar ao mestre. No entanto, após sua partida definir o que seria aceito como certo passou a ser um problema. Na impossibilidade de ter uma resposta direta para a dúvida surgida a contar de uma particularidade, era necessário interpretar os eventos e ensinamentos cruzando-os, a fim de chegar a uma resposta. O processo que averigua uma distorção do que era majoritariamente aceito pela comunidade cristã até o quarto século, não se encontra redigido ou descrito em qualquer documento, sobretudo na fonte estudada ou nos textos escriturísticos. Apesar disso, podemos inferir com base nestes mesmos documentos que havia uma metodologia, seguida pelos mais sábios da comunidade cristã, para lidar com estes eventos que causavam discórdias.

Nos textos escriturísticos a primeira narrativa referente à formação de um sistema de organização e arbitragem²²⁵ numa comunidade religiosa pode ser encontrado no segundo livro que forma a Torá, denominado Êxodo²²⁶ (Ex 18, 13-27). Nesta passagem vemos Moisés julgando as demandas de seu povo, consultando a Deus quanto aos problemas e os ensinando o que era certo e aceitável aos olhos da divindade. Seu sogro ao presenciar este evento aconselha Moisés a dividir este fardo escolhendo e preparando alguns homens íntegros para julgar estas demandas trazendo-lhe apenas os casos mais difíceis. Podemos fazer uma referência entre os escolhidos de Moisés e os bispos citados por Eusébio, ambos são pessoas incumbidas de julgar seu povo e orientá-los no caminho a ser seguido. O apóstolo Paulo em uma carta direcionada a Timóteo o orienta a escolher homens íntegros para cuidar das demandas de sua comunidade (1Tm 3, 1-13). Na fonte estudada Eusébio apresenta em seus objetivos que era sua intenção preservar a sucessão dos santos, dos que “presidiram e governaram as dioceses mais ilustres” e dos que foram “deputados para ministrar a palavra divina”, ou seja, ele queria preservar informações acerca dos que eram capazes e comprometidos com a comunidade cristã, pessoas que se enquadravam nas normativas

²²⁵ Antes desta passagem encontramos narrativas de disputas interpessoais geralmente entre membros da família, como Esaú e Jacó ou entre duas famílias como no caso dos filhos de Jacó e os cananeus. Nestes casos as disputas foram tratadas sem intermediários ou consultas de normativas. No caso apresentado na narrativa de Êxodo houve uma reformulação do sistema existente que se baseava na centralização do poder na pessoa de Moisés, para um sistema de delegação gradativa de autoridade. No sistema vigente Moisés acumulava as funções de mediação entre os homens e entre o homem e Deus. O novo sistema proposto por Jetro retirava a mediação entre os homens de Moisés agilizando a soluções das disputas presentes na comunidade, permitindo que seu líder fosse mais eficiente na mediação entre seu povo e Deus. Este exemplo judaico de delegação gradativa de autoridade refletiu nas ações da comunidade cristã.

²²⁶ TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV. *Torá: A lei de Moisés*. São Paulo: Editora Sêfer, 2001, p. 210.

propostas pelos textos escriturísticos para exercerem o ofício de Bispo, de mediador, pessoas como Justino O Mártir, Orígenes e Dionísio de Alexandria.

Nesta linha de pensamento retornamos aos argumentos de Claudia Rapp²²⁷. Em seu trabalho vemos uma plausível resposta a questão de como os bispos tornaram-se relevantes, tanto em suas comunidades como no espaço público romano. Os argumentos referentes à autoridade de cunho espiritual, ascético e pragmático, serem uma antiga característica presente na liderança cristã, nos ajuda a pensar o processo de averiguação inferido no trabalho de Eusébio. Os bispos tinham a função de mediar o bom andamento das comunidades cristãs, resolvendo disputas internas e externas, averiguando questões doutrinárias, morais e espirituais. Refletir acerca do que seria uma heresia, uma forma de ameaça ao bom andamento da comunidade cristã e como identificá-la e combatê-la, seria parte de sua função. O fator da autoridade alicerçada na postura do indivíduo contribui para a validade das decisões advinda deste trabalho e, de certa forma, demonstra a influência que os bispos exercem tanto em suas comunidades cristãs quanto na comunidade em geral.

Para entendermos o processo de averiguação da controvérsia a passagem dos Atos dos Apóstolos, capítulo 15 e a descrição de Eusébio em sua obra *História Eclesiástica* referente ao “erro de Berilo” presente no Livro VI, capítulo 33.

Neste processo o primeiro passo é a constatação de que há um problema, um questionamento as normativas aceitas pela comunidade. Neste sentido, o texto de Atos dos Apóstolos já começa informando a existência de uma contenda entre os apóstolos Paulo e Barnabé com um grupo de irmãos que ensinavam em Antioquia (At 15, 1). Na narrativa de Eusébio o problema é oposto, o que ele descreve é como se deu a solução. No período de Paulo e Barnabé havia a circulação de cartas e viagens missionárias que seriam o provável meio para constatação de tais divergências. Na *História eclesiástica* há diversas citações sobre essa troca de cartas como podemos constatar na discussão que aborda o batismo e a páscoa. Provavelmente a correspondência e seus portadores eram a principal fonte de divulgação destas dissidências.

Após a constatação de que há um problema segue-se a averiguação deste, e uma investigação do que está de fato ocorrendo. Segundo Eusébio houve discussões e diálogos entre Berilo e um grande número de Bispos, semelhante à narrativa do Atos dos Apóstolos em que o autor descreve uma contenda entre os apóstolos e irmãos que proferiam uma doutrina equivocada. A constatação do problema e sua dimensão foram feitas assente nestes diálogos.

²²⁷ RAPP, Claudia. *Holy Bishops in Late Antiquity: The nature of christian leadership in na age of transition*. Los Angeles: University of Californis press, 2005.

No caso de Berilo, Orígenes foi convocado para avaliar a situação obtendo sucesso em sua empreitada de reconduzir o ofensor a “sã doutrina”.

Em posse dos fatos alguns líderes e eruditos se reuniram com o propósito de deliberarem a questão. Após chegarem a um acordo quanto à resposta adequada ao fato documentaram sua decisão. Eusébio menciona em sua obra uma ata do sínodo que foi convocado por causa deste problema²²⁸. Na narrativa dos Atos dos Apóstolos a igreja escolheu algumas pessoas que participaram e os enviaram à região do qual se constatou o conflito (a cidade de Antioquia) com Paulo e Barnabé, munidos de uma carta contendo a decisão acordada entre eles, assim como, os procedimentos a serem seguidos doravante em circunstâncias semelhantes. Tais documentos preservam a memória das comunidades cristãs

3.3. Dissidências tidas como heréticas por Eusébio de Cesaréia

Na História eclesiástica as heresias são uma posição conflitante entre as diferentes perspectivas cristãs frente as doutrinas majoritariamente aceitas pelos líderes da igreja, a qual Eusébio pertence. A Igreja sob a perspectiva de Eusébio estava interessada nas questões relacionadas à crença e à organização, isto porque o heresiarca além de manter uma postura equivocada frente a fé (com relação ao cristianismo aceito por Eusébio) induz a comunidade cristã ao erro²²⁹. Desta forma a Igreja perde força devido as suas incoerências internas. Este argumento é apresentado por Cydne Rosa Lopes Losekann em sua dissertação *A monumentalidade da história e a formação da memória cultural do cristianismo no século IV: Uma análise da “História Eclesiástica” de Eusébio de Cesaréia*²³⁰. Nesta dissertação o autor se refere ao cristianismo como um todo, contudo, neste trabalho usamos a perspectiva adotada pela Igreja da qual Eusébio fazia parte que, ao nosso ver, entendia como uma das dificuldades internas as dissidências acerca da crenças e doutrinas.

²²⁸ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000, p. 320.

²²⁹ Como exemplo deste caso citamos o caso de Berilo, bispo de Bostra na Arábia. CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*: Texto Biligüe. Version, introduccion y notas: Argimiro Velasco-Delgado, O.P. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010. p. 403.

²³⁰ LOSEKANN, Cydne Rosa Lopes. *A monumentalidade da história e a formação da memória cultural do cristianismo no século IV: Uma análise da “História Eclesiástica” de Eusébio de Cesaréia*. Dissertação (Mestrado em história) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. p. 66.

3.3.1 A heresia de Simão

O primeiro conflito doutrinário documentado por Eusébio diz respeito à conduta de Simão o Mago. A primeira referência a Simão está presente no segundo livro da *História Eclesiástica* capítulo 13 como se segue:

1 – Mas, a fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo já se difundira entre todos os homens; então, o inimigo da salvação dos homens procurou antecipadamente prevalecer na cidade imperial. Levou para lá o supracitado Simão, e por meio dos artifícios mágicos deste colaborador arrastou ao erro muitos dos habitantes de Roma.

2 – Demonstra-o Justino, que viveu pouco tempo depois dos Apóstolos e distinguiu-se na defesa de nossa doutrina. Falarei sobre ele o que for oportuno, no devido tempo. Na primeira *Apologia*, em prol de nossa doutrina e endereçada a Antonino, expressa-se da seguinte forma:

3 – “Após a ascensão do Senhor aos céus, os demônios incitaram a certos homens a proclamarem-se deuses. Não os perseguistes, mas até os cobristes de honras. Em primeiro lugar, Simão, samaritano da cidade de nominada Giton, que, sob Cláudio César, realizou na cidade imperial de Roma prodígios mágicos por artifícios dos demônios que agiam através dele; foi tido por deus e na qualidade de deus, honrado com uma estátua às margens do Tibre, entre as duas pontes, com esta inscrição latina: *Simoni deo sancto*, isto é, A Simão, deus santo”²³¹.

O texto aborda a postura dos apóstolos após a ascensão de Cristo, uma referência a narrativa do livro *Atos dos Apóstolos* 8 que diz respeito ao trabalho de Filipe na região da Samaria. Nesta passagem Filipe encontra-se com Simão uma pessoa que se dizia importante e que era conhecido nesta região. Simão se interessa pela mensagem de Filipe e se impressiona com os “sinais e maravilhas” que presenciou. Segundo o texto de Atos dos Apóstolos Simão acreditou e foi batizado. Algum tempo depois os apóstolos em Jerusalém enviaram Pedro e João a Samaria para que estes recebessem o “Espírito Santo”. Ao presenciar este evento Simão ofereceu dinheiro aos apóstolos para que eles lhes desse o poder que demonstraram. Pedro recusou a oferta alegando que seu pedido era incompatível com os preceitos da fé, o que demonstrava que “seu coração não era reto diante de Deus”. Para Eusébio o ocorrido demonstrava uma tentativa de infiltração na igreja, com o intuito de prejudicá-la, o que ele chamou na introdução de sua obra de “Lobos rapaces”.

²³¹ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p. 88.

Um pouco mais a frente no capítulo 13 do mesmo livro Eusébio apresenta um argumento quanto à postura de Simão, seus ensinamentos e o prejuízo que este causou à igreja; em suas palavras:

[...] Tivemos conhecimento de ter sido Simão o primeiro chefe de todas as heresias. Serviu de ponto de partida e até hoje os sequazes de sua heresias finge adotar a filosofia cristã, moderada e famosa pela pureza de vida, mas não tardam a recair na superstição dos ídolos, a que aparentemente haviam renunciado. Prostram-se diante de livros e imagens do próprio Simão e de sua supramencionada companheira, Helena, cultuando-os com incensações, sacrifícios e libações²³².

Com a finalidade de corroborar seus argumentos ele cita trechos da obra *I Apologia* de Justino o Mártir. Nesta obra o autor faz uma explanação de algumas pessoas que se diziam deuses e propagavam tais afirmações ensinando discípulos²³³. Justino nomeia dois deles: Simão proveniente da Aldeia de Giton na Samaria e seu discípulo Menandro que veio da aldeia de Carapatéia, também na Samaria e ele diz que era natural do Ponto. Justino argumenta que estas pessoas são consideradas cristãs, mas que embora tenham recebido esta denominação não sofrem perseguições. É interessante o fato de que Justino apresenta tanto o nome quanto o local de origem destes indivíduos, e no caso de Simão descreve seus feitos e a existência de um monumento em sua homenagem. Desta forma Justino demonstra que, embora estes sejam chamados cristãos, eles não se comportam conforme os ensinamentos de Cristo. Tendo um comportamento inadequado às concepções de Justino quanto à identidade cristã, este defensor da fé sugeria que os mesmos se enquadravam nos apontamentos citados em obras que descrevia o que era considerado como herético²³⁴. No texto da *História Eclesiástica* Eusébio utiliza a *I Apologia* para legitimar o caráter herético de Simão. Conquanto, embora Justino possa aludir tal fato ao dizer “nós mesmos compusemos uma obra contra todas as heresias que existiram até o presente. Se quiserdes lê-la, nós a colocaremos em vossas mãos²³⁵”, seu comentário não é uma afirmação. Eusébio utilizou de Justino para demonstrar uma opinião pessoal.

Ao que parece Simão foi considerado um herege ao se considerar cristão, receber o batismo, mas não viver conforme a fé que dizia aceitar. Além destes pecados Simão se

²³² CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p. 89.

²³³ ROMA, Justino de. *I e II Apologias, Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 2000. P. 22 e 23.

²³⁴ SANTOS, Samuel Nunes dos. *Identidade cristã no século II a.C.*: Uma análise da I apologia de Justino Mártir. Dissertação (Mestrado em história) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012. P. 153.

²³⁵ ROMA, Justino de. *I e II Apologias, Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 2000. P. 23.

considerava deus e espalhava sua mensagem a outros espalhando sua heresia. Por este motivo, segundo a tradição, Eusébio o considera o primeiro autor de toda a heresia²³⁶.

3.3.2 Os movimentos gnósticos

O termo gnosticismo provém da palavra grega γνῶσις geralmente traduzida por conhecimento, embora este conhecimento tenha o sentido de ser específico e direcionado a algo, sendo assim um conhecimento de alto nível²³⁷. O filósofo Florêncio I. Sebastián²³⁸, acrescenta o sentido de familiaridade, de ter intimamente com algo. O verbete do dicionário espanhol se aproxima de uma das opções presente no *A greek-english lexicon*²³⁹ que apresenta o sentido de um resultado quanto à investigação de um assunto. Desta forma, entendemos como um possível sentido para o termo gnose, um conhecimento de um determinado assunto por alguém que se dedicou a compreender o mesmo. Há outros sentidos para o termo, mas no presente trabalho nos retemos a estes com destaque para William D. Mounce por se tratar de um trabalho voltado para o grego usado nos textos que se tornariam o Novo Testamento.

Na fonte estudada o termo γνώσεως se apresenta logo no primeiro capítulo, fazendo parte da apresentação dos objetivos de Eusébio quanto a sua obra. Nesta o autor usa uma expressão presente na primeira carta a Timóteo (1Tm 6,20) “ψευδῶνυμου γνώσεως” cuja uma possível tradução seria “nomeado falsamente conhecimento”. As duas palavras gregas encontram-se na declinação genitiva que indica uma relação de posse, sendo que, neste caso o conhecimento entendido como falso era de propriedade dos que se deixaram levar pelos erros, pessoas estas que Eusébio chamou de lobos cruéis, um juízo de valor enunciado em seus objetivos a qual devemos levar em conta no decorrer de seu discurso, a fim de melhor entendermos suas escolhas. Esta expressão também foi usada por Ireneu de Lião em sua obra *Contra as heresias*²⁴⁰ redigida no segundo século. Sendo a obra de Ireneu anterior a de Eusébio é provável que o bispo de Cesaréia a tenha tomado de empréstimo, sendo ambas advindas do texto da primeira carta a Timóteo (1Tm 6,20).

²³⁶ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*: Texto Biligüe. Version, introducción y notas: Argimiro Velasco-Delgado, O.P. Madri: Biblioteca de autores cristianos, 2010. P. 85. Jean-Daniel Dubois em seu texto “Polêmicas, poder e exegese: O exemplo dos gnósticos antigos no mundo grego” argumenta a possibilidade de traçar uma genealogia dos mestres do erro, a partir do estudo das obras de Justino o Mártir, e Ireneu de Lyon tendo como o primeiro Simão de Samaria, um personagem que aparece no texto do livro de Atos os Apóstolos. ZERNER, Monique (Org.). *Inventar a heresia ?*: Discursos polêmicos e poderes antes da inquisição. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. P. 42 e 44.

²³⁷ MOUNCE, William D. *Léxico analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2013. P. 158.

²³⁸ YARZA, Florencio I. Sebastián (Ed.). *Diccionario griego español*. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, 1998. P. 303. I v.

²³⁹ LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert (Ed.). *A greek-english lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

²⁴⁰ LIÃO, Ireneu. *Contra as heresias*: Denúncia e refutação da falsa gnose. São Paulo: Paulus, 2016.

Segundo Emilio Mitre o gnosticismo é uma doutrina anterior ao cristianismo que remonta ao tempo de Alexandre Magno quando houve uma tentativa de aproximar as religiões orientais da filosofia grega²⁴¹. Em essência o gnosticismo é a busca do conhecimento verdadeiro, referente ao divino em detrimento do mundo e da matéria sensível, que seria um meio para uma vida espiritual plena e superior. Em busca desta premissa básica o gnosticismo é uma combinação de ideias que evoluíram para um grupo de sistemas, que permutam seus ritos e crenças. De acordo com Gilvan Ventura tal linha de pensamento se tornou muito popular nos três primeiros séculos influenciando as principais correntes religiosas da época²⁴².

Embora não tenha uma uniformidade, visto sua característica sincrética, os grupos que foram chamados gnósticos possuem elementos semelhantes como o detrimento da matéria que se deteriora em favor do crescimento espiritual, uma vez que, o homem possui ao menos uma parte do divino em seu corpo humano, tendo assim uma dualidade. Outro ponto em comum é o fato de que esta parte divina do homem se faz conhecer pela gnose como uma revelação do aspecto divino no homem que, uma vez revelado, este conhecimento leva a uma união com o divino. Assim a gnose seria o conhecimento de aspectos divinos reservados para um grupo que se esforça para compreendê-lo. Este esforço demonstra uma característica redentora presente tanto no cristianismo quanto no gnosticismo Márcio Gonçalves dos Santos afirma:

Desta forma, podemos inferir que tanto os cristãos eclesiásticos quanto os cristãos gnósticos possuem, ao menos, uma característica em comum: a crença que Jesus Cristo é o elemento soteriológico entre o mundo terrenal e o mundo espiritual. Mas, suas semelhanças começam e terminam neste ponto, porque as ideologias que norteiam essas modalidades de cristianismo são diferentes.²⁴³

Tal argumento é apoiado por Elena Sol Jiménez em seu argumento:

O gnosticismo compreende um elemento redentor do ser humano que desfaz esse processo iniciado pela Sabedoria, o casal pleromático que o completa chamado Salvador. Este elemento aparece para a redenção do eon caído e também existirá no corpo de Jesus de Nazaré uma vez que ele seja batizado e se identifique com o Cristo. Sua presença no mundo material inicia o processo de retorno do espiritual ao seio do Pai, a reunião de toda a natureza

²⁴¹ MITRE, Emilio. *Ortodoxia y herejía entre la Antigüedad y el Medievo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2003. P. 27.

²⁴² SILVA, Gilvan Ventura da. *Reis, Santos e Feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia (337-361)*. Vitória: Edufes, 2003. P. 21.

²⁴³ SANTOS, Márcio Gonçalves dos. *O processo de estigmatização dos gnósticos em Contra as heresias de Irineu de Lyon*. Dissertação (Mestrado em história) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009. P. 113.

espiritual em sua origem e a salvação também daqueles médiuns ao nível inferior do Demiurgo, conectando-se com a tradição judaico-cristã.²⁴⁴

Tais semelhanças demonstram que os gnósticos eram, em certa medida, cristãos embora tivessem opiniões conflitantes. Desta forma as comunidades cristãs dirigidas pelos pais da igreja nos primeiros séculos elaboraram um conjunto de doutrinas que expunham suas crenças, interessados em diferenciar-se destas outras formas de cristianismo. Neste esforço surgiram escritos que visavam normatizar o cristianismo formando uma identidade cristã como as obras de Irineu de Lyon *Contra as heresias*, e o trabalho de Justino o Mártir a *I e II Apologias, Diálogo com Trifão*. Estes escritos são mencionados e parcialmente transcritos por Eusébio em sua *História Eclesiástica*, sendo usados para alicerçar seu ponto de vista quanto à disseminação de falsas ciências. A obra de Eusébio é uma fonte indireta quanto à questão do gnosticismo que utiliza fontes seguindo apenas seus interesses, manipulando-as de forma a se adequarem ao seu objetivo, não apontando o contexto, a qual os autores escreveram nem os desígnios para o qual se destinavam estes escritos.

Destes pensamentos gnósticos três vertentes aparecem na obra de Justino e Irineu, os quais seriam abordados mais tarde por Eusébio. A primeira refere-se a Valentim que, segundo Emilio Mitre²⁴⁵, foi um dos personagens mais influente dentro dos movimentos gnósticos, sendo o segmento que leva o seu nome o sistema mais importante cuja doutrina formou a base geral do sistema gnóstico. Valentim era de origem Egípcia, porém viveu na cidade de Roma entre os anos de 136 q 165 d.C. A essência do seu pensamento era a de que a salvação do indivíduo está no conhecimento de si mesmo frente ao divino. Desta forma, no pensamento valentiniano a ressurreição de Cristo, literal ou alegórica, não era tão importante quanto sua passagem pela materialidade e sua postura diante do divino neste período. Outro segmento gnóstico presente nos documentos de Eusébio e Justino é o Marcionismo, movimento que leva o nome de seu fundador Marcião. Neste segmento tem-se como tese a contraposição entre a imagem de Deus nos escritos do judaísmo (hoje chamado Antigo Testamento) tido como a lei expressa do Deus criador e escritos dos seguidores de Cristo, os quais expressaria a manifestação do amor e da graça divina através de Jesus. Segundo Marcião a imagem de um Deus duro e vingativo dos textos antigos não se refere a do Deus amoroso e paciente apresentado por Jesus, logo, este não poderia ser o messias esperado. Ainda assim, o conhecimento deixado por Jesus poderia ser um meio viável para alcançar uma espiritualidade

²⁴⁴ JIMÉNEZ, Elena Sol. El gnosticismo y sus rituales. Una introducción general. *Revista Antesteria*. Madrid, n. 5, p. 225-240, 2016. P. 229.

²⁴⁵ MITRE, Emilio. *Ortodoxia y herejía entre la Antigüedad y el Medievo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2003. P. 180.

plena. O terceiro elemento recorrente nos documentos é a pessoa de Simão o Mago, a qual nos referimos acima. Simão tem seu nome ligado aos movimentos gnósticos onde muitos se consideram seus discípulos.

Além destas vertentes Eusébio cita várias outras vertentes gnósticas²⁴⁶ e movimentos religiosos considerados por ele heréticos ao longo do seu trabalho. Cada referência serve para alicerçar seus argumentos a favor das crenças em que acreditavam, ao mesmo tempo em que fornece elementos para denegrir estas ideias, além de perpetuar uma memória dos feitos e da postura de uma instituição idealizada.

3.3.3 Arianismo

A questão ariana, embora não seja tratada no texto da *História Eclesiástica*, é importante na história de Eusébio por se tratar de uma discussão de cunho cristológico²⁴⁷, cujo debate se arrastou por anos e envolveu diversos “ilustres”²⁴⁸ do meio eclesiástico. Dentre estes destacamos Orígenes, um personagem importante na vida do bispo de Cesaréia. Como um bom estudante do platonismo, Orígenes aceitava a pré-existência da alma, opinião que não foi aceita na comunidade cristã sendo considerada herética no século IV. O que destacamos no pensamento de Orígenes diz respeito a sua opinião quanto a pessoa de “Cristo”²⁴⁹, em que ele entendia que havia uma certa subordinação do filho frente ao Pai, uma opinião em desacordo com o comumente aceito entre os cristãos, que entendiam haver uma paridade entre

²⁴⁶ Apresentamos uma relação destes movimentos religiosos no anexo 2.

²⁴⁷ Cristologia é a parte do estudo teológico que trata da pessoa de Cristo, assim como a sua história e as doutrinas por ele ensinada.

²⁴⁸ No contexto da obra de Eusébio *História Eclesiástica*, a expressão ἐπισημοτάταις que literalmente significa notório ou ilustre, possui dois sentidos que apesar de próximos demonstra uma marcante diferença entre sua utilização. No sentido secular ἐπισημοτάταις denota uma pessoa eminente e importante, como um governante ou pessoas que detém alguma forma de poder. No sentido eclesiástico esta palavra é usada para denominar uma pessoa que detém uma marca de distinção, um tipo de emblema ou sinal dado por Deus. Provavelmente uma alusão a separação para o trabalho sagrado como a lei dos Nazireus (Nm 6). Eusébio entendia como “ilustres” homens que se dedicavam a defesa da fé cristã, como por exemplo Dionísio de Alexandria ou Orígenes, ou homem que foram tocados por Deus a fim de cumprirem uma missão como por exemplo o imperador Constantino. Apesar de esta palavra se direcionar mais a Igreja do que ao indivíduo são as pessoas que tornam algo ilustre. É provável que Eusébio tenha vinculado a notoriedade as paróquias para demonstra que na comunidade cristã a unidade era mais importante que o individualismo.

²⁴⁹ O termo Cristo, em grego Χριστός, que significa o unguido ou o messias, era usado como título. Desta forma a expressão Jesus Cristo seria na verdade ‘Jesus o unguido’, ou ‘Jesus, o messias’. Esta expressão começou a ser usada a partir do período intertestamentário, ou período de silêncio, em que o povo judeu esperava a vinda de um salvador. No Antigo Testamento havia a alusão de que no futuro viria o messias, sendo esta espera parte importante da religião do povo judeu.

as pessoas da Trindade²⁵⁰. A posição cristológica de Orígenes influenciou o pensamento de Pânfilo, Eusébio e de Ário.

Sendo Orígenes um erudito importante de seu tempo suas opiniões suscitaram um acalorado debate quanto ao tema, proporcionando o surgimento de sistemas que pretendiam racionalizar o assunto. Dentre estes sistemas o mais conhecido era o arianismo.

O sistema de pensamento cristão atribuído a Ário que causou grande alteração dentro da comunidade cristã, curiosamente não foi criado por ele, mas por seu mestre Lucian, um renomado erudito da comunidade cristã oriental que formou uma escola exegética em Antioquia, martirizado por volta do ano 311. É importante ressaltar que, Lucian fazia parte da comunidade cristã e era reconhecido por ela, embora suas opiniões tenham criado desavenças e disputas em seu seio.

O problema do “pensamento de Ário”, sendo ele, o principal defensor das ideias de Lucian, se encontra nos aspectos cristológicos. O que Ário professava era semelhante ao pensamento de Orígenes, que diz respeito à diferença de substância que se delineia entre as pessoas do Pai e do Filho no sistema da trindade. Mais do que isso, Ário entendia que Jesus era o primogênito da criação, uma posição de importância e destaque, mas como parte da criação, a diferença na essência era gritante.

Quanto à posição do Espírito Santo, a ideia de Ário era ainda mais destoante, uma vez que ele era subordinado a Jesus. Nos dois casos a posição sustentada foi considerada pela comunidade cristã como herética. Este posicionamento forçou Eusébio a fazer uma escolha entre o que ele entendia como uma correta doutrina e o que ele tinha de professar em favor do bem estar da comunidade cristã. Decidiu então acatar²⁵¹ a orientação aceita pela maioria dos bispos o que provocou uma revisão quanto à questão cristológica em seu trabalho.

²⁵⁰ O conceito da trindade é uma doutrina cristã que compreende Deus como um ser que, apresenta ao mesmo tempo a manifestação de três pessoas de mesma essência, a saber, o Pai como Deus, o Filho como Jesus e o Espírito Santo. Este aspecto doutrinário foi muito debatido pelos Pais da Igreja, suscitando muitas disputas, cismas e heresias, em especial no que diz respeito a pessoa de Jesus o Cristo. Sua base doutrinária foi inicialmente estabelecida no decorrer do século IV, no concílio de Niceia (325) definiu-se que o Filho tinha a co-essência do Pai, mas somente a partir do concílio de Constantinopla (381) aceitou-se a divindade do Espírito Santo, contudo os debates sobre o tema se estenderam. Dentre os muitos escritos sobre esta temática destaca-se o trabalho de Agostinho de Hipona “*De Trinitate*” que se tornou a base deste dogma. BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas: Editora Cultura Cristã, 2001. P. 79.

No contexto bíblico a palavra trindade não é encontrada no texto sagrado, mas existem inúmeras passagens que inferem esta doutrina, dentre estas destacamos Cl 1, 15-20; Mt 20, 19; At 2, 38-39. No Antigo Testamento destaca-se a fala do Senhor Deus referindo-se a si mesmo no plural conforme podemos ver nos textos Gn 1, 26; 5,1; 11,7; ainda no livro de Gêneses (Gn 18, 1-19) temos a aparição de três homens a Abraão o qual se curvou e os chamou de “meu Senhor”, denotando ser este o Deus que ele adorava. Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus. *A Bíblia de Jerusalém*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

²⁵¹ Embora Eusébio tenha acatado publicamente as orientações da comunidade cristã como um todo, ele deixou claro qual era sua posição à comunidade cristã que estava sob sua orientação.

Desta forma, vemos que no decorrer do terceiro e quarto séculos as querelas referentes à cristologia foram constantes dentro da comunidade cristã. Este tema foi um dos problemas eclesiais que proporcionou o concílio de Nicéia, tendo como resolução o credo niceno ficando acertado, “segundo a unanimidade da Igreja”, que o Filho e o Pai compartilham a mesma substância²⁵² mas, que o Filho se fez menor do que o pai no cumprimento de sua missão na terra. Uma opinião que parece ser uma articulação entre as opiniões e alterações vigentes em favor de uma imagem necessária de unanimidade desta comunidade que foi favorecida pelo imperador Constantino, o qual convocou seus líderes e solicitou a resolução de suas diferenças.

Resta-nos falar como Eusébio se portou frente a este embate. Oficialmente, o bispo de Cesaréia parece ter se mantido neutro a esse respeito. No primeiro livro da *História Eclesiástica*, logo após apresentar seus objetivos Eusébio apresenta um tratado cristológico, cujo primeiro argumento é o fato de que nós, os homens, não temos como entender a natureza de Deus e de Cristo, como podemos ver na passagem do Livro I, Capítulo 2, verso 2: “Palavra alguma é apta para expressar a geração, a dignidade, a substancia e a natureza de Cristo, conforme diz o Espírito de Deus nas profecias: “Quem relatará a sua geração?” (Is 53, 8), pois, “ninguém conhece o Pai senão o Filho” em sua dignidade, “senão o Pai” (Mt 11, 27)²⁵³.

Neste primeiro argumento Eusébio adota uma postura articuladora que será uma constante em sua *História Eclesiástica*. Ao que parece sua intenção é a de agradar aos mais conservadores sem, com isso, condenar os mais liberais²⁵⁴ e ao mesmo tempo justificar sua própria posição. Ao longo deste capítulo o autor apresenta argumentos que podem ser considerados dúbios como a passagem do Livro I, Capítulo 2, verso 9 e 10. Nesta passagem ele demonstra a diferença entre Deus e os anjos nas narrativas das escrituras:

Moises declarou com clareza ser o Verbo o segundo Senhor, após o Pai, nesses termos: “O Senhor fez chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindos da parte do Senhor” (Gn 19, 24). O verbo mais uma vez apareceu em figura humana a Jacó. A Escritura divina o assinala como Deus, ao dizer a Jacó: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus” (Gn 32, 29). Por isso, “Jacó deu a este lugar o nome de Visão de Deus” porque, disse ele, “vi a Deus face a face e a minha vida foi salva” (Js 5, 14). Não é lícito julgar serem as teofanias assim descritas referentes a

²⁵² O termo substancia, em grego οὐσία que foi usado no credo niceno é usado de maneira semelhante no texto Bíblico. Deste termo surgiu o conceito teológico (de vertente católica) da consubstanciação, que seria a união de dois ou mais corpos na mesma substancia.

²⁵³ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. P. 31.

²⁵⁴ Entendendo como liberais aqueles que pensavam de maneira mais heterodoxa, os que estavam dispostos a ouvir as diversas interpretações do cristianismo. Neste contexto se enquadra Eusébio, Dionísio de Alexandria, Orígenes e porque não o Imperador Constantino.

anjos inferiores e servos de Deus, pois quando um deles aparece aos homens, a Escritura não o oculta; não os denomina Deus, nem Senhor, e sim anjos, como se torna óbvio através de inúmeros testemunhos²⁵⁵.

Um pouco mais adiante ele discorre acerca da preexistência do verbo divino do Livro I, Capítulo 2, verso 14 e 15:

E que ao menos há uma substância anterior ao mundo, viva e subsistente, que serviu de ajuda ao Pai e Deus do universo na criação de todos os seres, chamada Verbo de Deus e Sabedoria. Além das provas expostas, nos foi dado ouvi-lo da própria Sabedoria em pessoa que, pela boca de Salomão, nos inicia claramente em seu próprio mistério: Eu, a Sabedoria, plantei minha lenda no conselho e invoquei o conhecimento e a inteligência; por meu intermédio reinam os reis, e os potentados administram justiça; por meu intermédio os grandes são engrandecidos; e por meu intermédio os soberanos dominam a terra. Ao que acrescenta: O Senhor me criou como princípio de seus caminhos em suas obras, antes dos séculos assentou meus fundamentos. No princípio, antes que fizesse a terra, antes que brotassem as fontes das águas, antes de firmar os montes e antes de todos os outeiros, engendrou a mim. Quando preparava os céus, eu estava com Ele; e quando tornava perenes os mananciais que estão sob o céu, eu estava com Ele a dirigir. Eu me sentava ali onde a cada dia Ele se agradava e me encantava estar diante d'Ele em toda ocasião, quando Ele se congratulava por ter terminado o universo²⁵⁶.

No decorrer deste capítulo Eusébio tenta demonstrar que estes dois pontos são aspectos divinos revelados aos homens. Estes aspectos são complexos e de difícil entendimento, logo, as discussões teológicas ao longo do tempo são compreensíveis, assim como os erros que possam ter surgido destas interpretações.

Neste sentido, devemos comentar dois pontos quanto o trabalho e pensamento de Eusébio. O primeiro diz respeito à data de composição de sua *História Eclesiástica*, um assunto que trataremos mais à frente, mas que devemos adiantar ter sido concluída pouco antes do concílio de Nicéia, tendo grande parte sido redigido antes da eclosão da contradição ariana. O segundo refere-se à adesão de Eusébio, pelo menos em parte, aos ensinamentos de Ário. O que se confirma por meio de uma carta destinada à sua comunidade cristã que transcreveremos a seguir. Em sua carta à igreja de Cesaréia (preservada por Sócrates, *H. E. I.* 8, bem como por outros autores), ele aponta que, os elementos acordados quanto a fé católica

²⁵⁵ CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000, p. 33.

²⁵⁶ Nesta citação, podemos ver uma característica marcante no trabalho de Eusébio, a transcrição. Pois, esta forma de escrita tem como ponto positivo a preservação de documentos e a possibilidade de compararmos o conteúdo dos textos, contudo deixa o escrito repetitivo e monótono. CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000, p. 35.

no Grande Concílio em Nicéia, os membros desta igreja provavelmente tenham apreendido por meio de outras fontes.

Deste modo, ressaltou que era necessário transmitir a esse “público”, num primeiro momento a fórmula de fé que legislaram nesse encontro – em Nicéia -. E num segundo momento, mostrar as adições que os Padres fizeram aos ensinamentos estabelecidos até este Concílio de Nicéia. Deste modo, Eusébio assinala que o artigo, que foi apresentado ao piedoso Imperador e, por conseguinte, foi considerado irrepreensível e bom – seguindo as orientações de Constantino -.apresentam elementos recebidos pelos Bispos oriundos dos ensinamentos dos primeiros cristãos²⁵⁷.

Creemos em um só Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Em um Senhor Jesus Cristo, a Palavra de Deus, Deus de Deus, Luz de Luz, Vida de Vida, Filho unigênito, primogênito de toda criatura, antes de todas as eras, gerado desde o Pai, por quem também todas as coisas foram feitas; que para nossa salvação se fez carne, e viveu entre os homens, sofreu e ressuscitou no terceiro dia, subiu ao Pai e voltará em glória para julgar os mortos. Acreditamos, também, em um Espírito Santo; crendo que cada um deles existe, o Pai verdadeiramente Pai, e o Filho verdadeiramente Filho, e o Espírito Santo verdadeiramente Espírito Santo” [...] Com esta fé sendo publicamente divulgada por nós, não deveria haver espaço para contradição. Nosso imperador mais piedoso, que qualquer outro anterior (Grifo nosso), testemunhou que ele compreendia a maioria das declarações ortodoxas. Ele confessou, além disso, que tais eram seus próprios sentimentos; e ele aconselhou todos os presentes a concordar com ele²⁵⁸ **(Grifo nosso)**, e a subscrever e concordar com elas, com a inserção de uma única palavra ὁμοούσιος (um em substância). Tal acréscimo o imperador interpretou como uma questão incorpórea posto a natureza imaterial, intelectual e incorpórea que não poderia ser objeto de qualquer afeto corpóreo. Com isto nos fez conceber tais coisas de maneira divina e inefável. **(Grifo nosso)**.

As partes que destacamos demonstram a situação difícil em que se encontrava a comunidade cristã e em especial a de Eusébio. Por um lado, o imperador Constantino era uma pessoa que estava disposta a favorecer esta comunidade, por outro ele deixava claro sua autoridade sobre a mesma. A escolha da comunidade cristã foi a de acatar o “conselho” do imperador. Contudo, Eusébio optou por aceitar a decisão da igreja, na esperança de que a mesma progredisse. O que inferimos sobre este episódio, remonta aos papéis relativos ao do imperador que consiste em favorecer a igreja e ao mesmo tempo buscar legitimar seu poderio

²⁵⁷ A catequese é o conjunto inicial de ensinamentos dirigidos aos noviços da comunidade cristã.

²⁵⁸ O termo ὁμοούσιος tem o sentido de mesma substância ou essência. O termo parte da junção de dois termos sendo o primeiro ὁμοιος que tem o sentido de algo que seja parecido, igual ou semelhante e o termo οὐσια que substância. Embora os dois termos que forma a expressão ὁμοούσιος são encontrados no texto bíblico ὁμοούσιος não é encontrado. O conceito de consubstanciação é usado para demonstra que as três pessoas da trindade possuem a mesma essência. No contexto cristão o termo foi popularizado a partir da formação do credo niceno. Contudo o termo foi usado pelos movimentos gnósticos

sobre esta; enquanto a igreja se submetia ao imperador desfrutando de seu apoio para cumprir seu dever religioso. Uma postura que torna possível um paralelo acerca do ensinamento bíblico, o qual seja “Então dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22,21). Ao realizar a hermenêutica desta passagem bíblica seu sentido se aproxima da ambivalência da relação que se constituiu entre o imperador e a igreja e vice-versa, visto que ambos se favoreceram neste processo.

As advertências da citação acima são relativas à fé cristã que o Imperador fez, levando em consideração, a participação dos religiosos que se fizeram presentes no Concílio de Nicéia e foram responsáveis pela elaboração que ora apresenta-se:

Cremos em um só Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis: E em Um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado do Pai, Unigênito, da mesma Substância do Pai; Deus de Deus, Luz da Luz, gerado, não feito. Um em substância com o Pai, por quem todas as coisas foram feitas, tanto as coisas no céu como as coisas na terra; que por nós homens e por nossa salvação desceu e se fez carne, se fez homem, sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu e vem julgar os mortos.” Mas aqueles que dizem: Houve uma vez que Ele não era, antes de Sua geração Ele não era, Ele veio a ser do nada, ou aqueles que fingem que o Filho de Deus é de outra substância ou substância, foi criado, passível de ser alterável ou mutável, a Igreja Católica anatematiza²⁵⁹.

Com base nesta citação, podemos elencar a escolha de Eusébio por elementos religiosos que a maioria dos membros deste Concílio professava como apropriado aos cristãos. Embora, realizasse seu trabalho de acordo com essa formulação, Eusébio não deixava de se ater, também, às suas próprias conclusões acerca desta temática. A sua posição mostra seu interesse pelo crescimento e fortalecimento da igreja nesse tempo.

A missiva elaborada pelo bispo de Cesaréia, nos leva a pensar que ele acreditava em certos aspectos da cristologia professada por Ário. Embora, com o intuito de manter o bom funcionamento da Igreja que estava sob o olhar atento do imperador que organizou e presidiu o Concílio de Niceia, o melhor para o cristianismo era acolher as ideias majoritariamente aceitas pela comunidade cristã. Ideias estas contidas no Credo Niceno.

No período da Antiguidade Tardia havia uma multiplicidade de cristianismos fruto do encontro entre a mensagem proposta por Cristo, disseminada por seus seguidores, e as diversas religiões e sistemas filosóficos presentes no vasto império romano. Este encontro

²⁵⁹ PAMPHILIUS, Eusebius. *Nicene and Post-Nicene Fathers*: Eusebius Pamphilus: Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal, [200-]. Disponível em: < <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.html>>. Acessado em: maio 2018, p. 43. Esta citação ilustra como o credo foi forjado. No anexo 2 apresentamos as principais versões da declaração de fé aceita pela Igreja, o que nos possibilita averiguarmos seu desenvolvimento, e por que não sua adequação aos interesses da comunidade cristã.

gerou dissidências e proporcionou uma mudança na ordem religiosa da sociedade romana, sobretudo no terceiro século, que passou a incluir elementos de aspectos cristãos e pagãos numa nova e complicada religiosidade. Este processo fez com que a comunidade cristã, da qual Eusébio fazia parte, iniciasse um processo para estabelecer limites quanto ao que deveria ser aceito como correto e o que deveria ser evitado em seu seio.

Era um período de sincretismo crescente²⁶⁰, de um esforço da igreja professada por Eusébio em abranger as diversas formas de cristianismo, onde não havia uma centralização da igreja. O problema referente à interpretação dos preceitos aceitos pelas comunidades cristãs, quanto aos estudos dos documentos escriturísticos, do papel dos bispos, e das relações sociais entre os cristãos e o meio que o cercam, ocuparam o pensamento cristão e levaram ao surgimento de líderes regionais que trabalharam, com o propósito de orientar o melhor caminho a ser seguido pela comunidade. Estes líderes lutavam para ordenar a zona de indefinição formada pela ignorância dos seus próprios fiéis, da população em geral e dos líderes desta sociedade, quanto as crenças, ritos e costumes da religião a qual professavam.

O delimitar das crenças a serem reconhecidas pela comunidade foram propostas em discurso entre os líderes reconhecidos como sábios, a partir de cartas, reuniões e concílios. Tais debates se ocupavam de inquietação inerentes a condição conflituosa dos homens em suas relações sociais. Eram iniciadas por um processo de averiguação quanto ao motivo das discórdias e seguiam um desenrolar como o proposto pelo processo de averiguação.

Chegar a um acordo frente a um contexto tão complexo não foi uma tarefa fácil, estas divergências ocuparam os pais da igreja ao longo de sua história, cujo trabalho desbravaram o caminho que a igreja seguiria.

²⁶⁰ SILVA, Gilvan Ventura da. *Reis, Santos e Feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia (337-361)*. Vitória: Edufes, 2003, p. 107.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No surgimento do cristianismo defendido por Eusébio havia uma comunidade que tinha como princípio a divulgação e propagação de suas crenças para todos aqueles que se dispunham a crer. O apóstolo Paulo foi um forte elemento que proporcionou esta forma de posicionamento da comunidade cristã. Sua formação heterogênea que incluía elementos romanos, helênicos e judaicos lhe proporcionou uma visão singular e eclética, a qual foi aplicada na sua concepção de como a comunidade cristã deveria se portar. Para ele não importava de onde o homem vinha, mas no que acreditava. Assim, a mensagem e os ensinamentos de Cristo alcançaram grande parte do Império Romano e dos territórios tidos como bárbaros.

Desta forma, ao longo do tempo, os cristãos passaram a ser um grupo social relevante com considerável aderência da população em geral, bem como da aristocracia. Nesse processo, os preceitos cristãos foram interpretados e adaptados aos interesses e necessidades das comunidades que os recebiam, formando, deste modo, vários cristianismos.

Até o quarto século os bispos não dispunham de influência política, mas tinham relevância na vida do império posto sua influência na comunidade cristã em crescimento, além de ser uma força estabilizadora com suas políticas assistencialistas e doutrina simples e racional. Mediante as crises do Império Romano que se intensificaram no século III, os bispos passaram a assumir funções que eram creditadas ao governo secular e, por meio dessas, marcaram presença e até alguma relevância nas relações de poder com os líderes das cidades do mundo antigo. A atuação dos bispos contribuiu para que Constantino favorecesse a igreja com a liberação do culto cristão, o que ampliou a influência da comunidade cristã (o cristianismo defendido por Eusébio fazia parte), sobretudo no que diz respeito ao poder episcopal.

Foi neste contexto que Eusébio viveu e atuou como bispo da cidade de Cesaréia. Como pupilo de Pânfilo trabalhou na biblioteca de Cesaréia, tendo acesso a um grande acervo de conhecimento em diversas áreas do saber humano. Viveu em um meio propício a reflexão, sobretudo teológica. Sendo Cesaréia uma cidade portuária é plausível que a igreja desta cidade, assim com a biblioteca de Orígenes, tenha sido um ponto de encontro para eclesiásticos de passagem, que traziam consigo informações e notícias das diversas partes do

mundo. Eusébio cresceu em meio a um ambiente que propiciava a erudição e onde eram discutidos temas acerca do cristianismo.

Na *História Eclesiástica*, Eusébio aborda vários temas dentre os quais destacamos sua preocupação com a heresia. Como bispo, uma de suas funções era zelar pelo bom andamento da Igreja, que enfrenta discordâncias doutrinárias que se originaram em seu próprio meio, além de se legitimarem frente aos diversos cristianismos que surgiram ao longo do tempo. Um quadro que se desenrola em meio a um império tido pelos cristãos como majoritariamente pagão.

No decorrer deste trabalho tivemos a intenção de demonstrar como Eusébio entendeu as vicissitudes de seu tempo referente as heresias que surgiam frente a doutrina que ele entendia como correta e suas preocupações em preservar a história de sua Igreja, produzindo uma narrativa que demonstrava a forma como os pais da igreja lidaram com as dificuldades que foram encontradas, sobretudo os desafios proporcionados pelos heresiarcas e seus ensinamentos.

Por fim, a nosso ver, Eusébio alcançou seu objetivo de produzir uma obra que fosse útil aos estudos históricos. Há muitos trabalhos nos campos da história antiga, religiosa e política que consultam seus escritos, sobretudo a *História eclesiástica*. Seu trabalho mesmo sendo fortemente influenciado pelas suas convicções cristãs nos fornece uma perspectiva de averiguação dos eventos históricos decorridos nos quatros primeiros séculos. Sua obra deixou para a posteridade elementos significativo do que os antigos bispos entendiam como correto e como os mesmo defenderam suas ideias frente às vicissitudes do seu tempo. Desta forma temos a base do que a Igreja determinou como heresia.

A conclusão a qual chegamos é que, mesmo com os problemas referente a autenticidade ou o caráter sectário de sua obra, seu trabalho é importante para os estudos referentes ao cristianismo dos quatros primeiros séculos, sobre a formação de sua ortodoxia e dos movimentos considerados heréticos.

REFERÊNCIAS

Fontes.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2014.

CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. *História Eclesiástica*. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo século, 2002.

_____. *História Eclesiástica: Texto Bilígue. Version, introduccion y notas*: Argimiro Velasco-Delgado, O.P. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010.

_____. *História Eclesiástica: Texto Bilígue. Version, introduccion y notas*: Argimiro Velasco-Delgado, O.P. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010.

_____. *Vida de Constantino*. Tradução de Martín Gurruchaga. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy. *O Novo Testamento grego analítico*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1987.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: Obra completa*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

LIÃO, Ireneu . *Contra as heresias: Denúncia e refutação da falsa gnose*. São Paulo: Paulus, 2016.

ROMA, Justino de. *I e II Apologias, Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 2000.

SOCIEDADE BÍBLICA CATÓLICA INTERNACIONAL E PAULUS. *A Bíblia de Jerusalém*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV. *Torá: A lei de Moisés*. São Paulo: Editora Sêfer LTDA, 2001.

Referências bibliográficas.

ALFOLDY, Géza. *A história social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: Quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas: Editora Cultura Cristã, 2001.
- BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no ocidente*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- CASTELLANOS, Santiago. El obispo como líder ciudadano. In: ACERBI, Silvia; MARCOS, Mar; TORRES, Juana (Org.). *El obispo em la Antigüedad Tardía*. Madrid: Editorial Trotta, 2016.p. 101-114.
- CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: Memória e o fim do fim da história*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2011.
- DANKER, Frederick W.; GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego Português*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- FRIGHETTO, Renan. *A antigüidade tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (séculos II-VII)*. Curitiba: Editora Juruá, 2012.
- FOX, John. *O livro dos mártires: A história dos sofrimentos e mortes dos cristãos primitivos e dos mártires protestantes*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- GUARINELLO, Norbeto Luiz. *História antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- GONZALES, Justo L. *História del cristianismo*. Miami: Editorial Unilit, 2008. 1 v.
- HOORNAERT, Eduardo. *Cristãos da terceira geração (100 – 130)*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exodus, 1997.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert (Ed.). *A greek-english lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- MACK, Burton L. *O evangelho perdido: O livro de Q e as origens cristãs*. Rio de Janeiro: Editora IMago, 1994.
- MAIER, Paul L. *Eusebio: História de la Iglesia*. Michigan: Editorial Portavoz, 2010.
- MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: O mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- MITRE, Emilio. *Ortodoxia y herejía entre la Antigüedad y el Medievo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2003.

- MOUNCE, William D. *Léxico analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina: I - de Paulo à era Constantiniana*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- PADOVESE, Luigi. *Introdução à teologia patrística*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- PATRICH, Joseph. *Studies in the archaeology and history of Caesarea maritima: Caput judae, metropolis palaestinae*. Danvers: Editora Brill, 2011
- POMIAN, Krzysztof. *El orden del tiempo*. Madrid: Júcar Universidad, 1990.
- RAPP, Claudia. *Holy Bishops in Late Antiquity: The nature of christian leadership in na age of transition*. Los Angeles: University of Californis press, 2005.
- RAMALHO, Jefferson. *Eusébio e Constantino: O início de uma Igreja imperialista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave linguística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- ROPS, Daniel. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988.
- RÜSEN, Jörn. *Como dar sentido ao passado: questões relevantes da meta-história*. Trad. Valdei Araújo e Pedro S. P. Caldas. *História da Historiografia*. nº 2, p. 163-209. Ouro Preto, 2009.
- _____. *Razão Histórica*. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2010.
- _____. *Reconstrução do passado*. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2010.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- _____. *História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SETERS, John van. *Em busca da história: Historiografia no Mundo Antigo e as Origens da História Bíblica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- _____. *O salvador da humanidade: Constantino*. In. *Quando o mundo se tornou cristão 312-394*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SILVA, Gilvan Ventura da. *Reis, Santos e Feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia (337-361)*. Vitória: Edufes, 2003.
- SOUZA, José Antônio de C. R. de. *As relações de poder na Idade Média Tardia; Marsílio de Pádua, Álvaro Pais O, Min e Guilherme de Ockhan O. Min*. Porto Alegre: EST Edições; Porto, Po: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

_____. (Org.). *O reino e o sacerdócio: O pensamento político na Alta Idade Média* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

VENTURA, Margarida Garcez. *Heresias e dissidências: regalismo e anti-regalismo no século XV*. Lisboa: Lusitania Sacra, 1998.

VOEGELIN, Eric. *Helenismo, Roma e cristianismo primitivo*. São Paulo: Realizações editora, 2012. 1 v.

WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: Uma sintaxe do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

YARZA, Florencio I. Sebastián (Ed.). *Diccionario griego español*. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, 1998. I e II v.

ZERNER, Monique (Org.). *Inventar a heresia ?*: Discursos polêmicos e poderes antes da inquisição. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

Meios eletrônicos

FENLON, J.F. (1910). Hexapla. In *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company. Retrieved from New Advent: <<http://www.newadvent.org/cathen/07316a.htm>>. Acessado em 16 dez 2018.

ΚΑΙΣΑΡΕΙΑΣ, ΕΥΣΕΒΙΟΥ. *Ἐκκλησιαστικῆς Ἱστορίας*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/20_30_0265-0339-_Eusebius_Caesariensis,_Sanctus.html>. Acesso em: 10 fev. 2016.

LYON, Ireneo de. *Contra los herejes*. Disponível em: <http://www.mercaba.org/Tesoro/IRENEO/00_Sumario.htm>. Acessado em 10 out. 2018.

SCHAFF, Philip (Ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers: Eusebius Pamphilius: Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal, [200-]. Disponível em : <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.html>>. Acessado em: 18 maio 2018.

VAILHÉ, S. (1908). *Caesarea Palaestinae*. In *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company. Retrieved from New Advent: <<http://www.newadvent.org/cathen/03134b.htm>>. Acessado em 16 dez 2018.

Monografias, Dissertações e Teses

ALENCAR, Rosane Dias de. *As imagens de Constantino I nos documentos textuais dos séculos IV*.: Múltiplas faces do poder em Roma. Tese (Doutorado em história) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

CARVALHO, Jane Viana Almeida de. *O barco da Galiléia: Uma reflexão sobre a arqueologia Bíblica no ambiente aquático*. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Faculdade de arqueologia, Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2014.

LOSEKANN, Cydne Rosa Lopes. *A monumentalidade da história e a formação da memória cultural do cristianismo no século IV: Uma análise da “História Eclesiástica” de Eusébio de Cesaréia*. Dissertação (Mestrado em história) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

SANTOS, Márcio Gonçalves dos. *O processo de estigmatização dos gnósticos em Contra as heresias de Irineu de Lyon..* Dissertação (Mestrado em história) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, Samuel Nunes dos. *Identidade cristã no século II a.C.: Uma análise da I apologia de Justino Mártir*. Dissertação (Mestrado em história) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

SILVA, Eliton Almeida da. *Eusébio de Cesaréia e a defesa do patrimônio imobiliário cristão (século IV d.C.)*. Dissertação (Mestrado em história) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca, 2015.

TORRE, Robson Murilo Grando Della. *A atuação pública dos bispos no principado de Constantino: As transformações ocorridas no Império e na Igreja no início do século IV através dos textos de Eusébio de Cesaréia*. Dissertação (Mestrado em história) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

Periódicos

ADLER, William. Sextus Julius Africanus and the roman near east in the third century. **The Journal of Theological Studies**, v. 55, n. 2, p. 520-550, out. 2004.

ANTIQUERA, Moisés. Era uma vez a crise do Império romano no século III: percursos de um recente itinerário historiográfico. **Revista Diálogos Mediterrâneos**. Curitiba, n. 9, p. 152-168, Dez 2015.

BARROS, José d’Assunção. Heresias na idade média: Considerações sobre as fontes e discussão historiográfica.. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Goiânia, v. 11, n. 6, p. 1-15, Fev 2010.

DA SILVA, Diogo Pereira da. O Conceito de tetrarquia no Império Romano: um debate historiográfico. **Revista Venezolana de Estudios Clásicos - PRAESSENTIA**. Carracas, v. 1, n. 14, p. 1-15, dez 2013.

DA SILVA, Uiran Gebara. Antiguidade Tardia como forma da História. **Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, v. 16 n. 30, p. 77-108, dez 2009.

JIMÉNEZ, Elena Sol. El gnosticismo y sus rituales. Una introducción general. **Revista Antesteria**. Madrid, n. 5, p. 225-240, 2016.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro Machado. A antiguidade tardia, a queda do Império Romano e o debate sobre o “fim do mundo antigo”. **Revista de História**. São Paulo, n. 173, p. 81-114, jul/dez 2015.

MALZONI, Cláudio Vianney. A carta de Jesus a Abgar, rei de Edessa. **Revista de Teologia e Ciência da Religião**. Recife, v. 5, n. 1, p. 201-211, dez 2015.

POLLITZER, María. Diocleciano y la teología tetrárquica. **Revista de la Facultad de Teología de la Pontificia Universidad Católica Argentina**. Buenos Aires, v. 60, n. 81, p. 157-166, Jan-jun 2003.

RIOS, Cesar Motta. A imponência e a importância de Cesaréia marítima conforme Atos e a arqueologia. **Vox Scripturae**. São Bento do Sul, v. 24, n. 1, p. 55-74, jan/jun 2016.

SILVA, Diogo Pereira. A reestruturação político Administrativa do império romano na época de Diocleciano e da tetrarquia (284-305). **Revista Brasileira de Estudos Clássicos**. Campinas, v. 30, n. 1, p. 85-102, Jan-jun 2017.

SILVA, Diogo Pereira da. As perseguições aos cristãos no império romano (séc. I-IV): Dois modelos de apreensão. **Revista de Estudos sobre o Jesus Históricos e sua Recepção**. Carracas, v. 7, n. 7, p. 29-44, Jan-dez 2011.

SILVA, Gilvan Ventura da; SOARES, Carolline da Silva. Autoridade episcopal e conflito político na Antiguidade Tardia: A atuação de Cipriano de Cartago e de João Crisóstomo como reformadores da igreja. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Paraná, n. 13, p. 141-160, maio 2012. p. 141.

SILVA, Uiran Gebara da. Antiguidade tardia como forma da história. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 16, n. 30, p. 77-108, dez 2009.

VENTURA, *Margarida Garcez*. Antiguidade Tardia como forma da História. **Lusitana Sacra** - Revista do Centro de estudos de história religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, v. 2 n. 10, p. 303-303, dez 1998.

Mapa.

Heck, Johann Georg. 20. 20 Carte de l'Empire Romain sous Constantin. Paris: Publisher Engelmann & Compagnie, S.F, 1832. Atlas Map: 27x34 cm. Escala 1:17.500.000. Coleção David Rumsey Historical Map Collection. Disponível em : <https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/detail/RUMSEY~8~1~291403~90062730:20--20--Carte-de-l-Empire-Romain-so?sort=Pub_List_No_InitialSort%2CPub_Date%2CPub_List_No%2CSeries_No#>. Acessado em: 22 Jan 2019.

ANEXOS

Anexo 1:

Quadro de documentos citados por Eusébio de Cesaréia em sua obra *História Eclesiástica*.

Livro	Capítulo	Verso	Autor	Documento	Observação
I	XIII	5	Abgar, filho de Ouchama.	Cópia da carta escrita pelo governador Abgar a Jesus, enviada por intermédio de Ananias, mensageiro do correio, a Jerusalém.	Pedido de cura. Ofereceu a Jesus proteção.
I	XIII	8	Jesus.	Resposta de Jesus por meio de Ananias, mensageiro do correio, ao governador Abgar.	Jesus recusa a oferta de Abgar. Atende ao pedido de curar mandando um discípulo após sua morte.
III	XXXIII	1 a 3	Plínio, o jovem.	Provavelmente uma carta.	Plínio escreve a Trajano a cerca das perseguições e martírios dos cristãos, pois devido a postura dos perseguidos ficou em duvida de como proceder.
III	XXXIII	3	Trajano. (Imperador)	Édito de Trajano.	Édito em resposta a carta de Plínio. O dialogo entre Trajano e Plínio descrito por Eusébio e uma transcrição da “Apologia de Tertuliano”.
IV	VIII	6-8	Serênio Graniano.	Carta em favor dos Cristãos.	Transcrição de Eusébio a partir de uma copia preservada por Justino.
IV	IX	1	Adriano (Imperador).	A Minucio Fundano.	Este documento foi escrito como resposta aos problemas apresentados por Serênio Graniano.
IV	XII	1	Justino, filho de Prisco.	Apologia.	Da <i>Apologia</i> de Justino dirigida a Antonino.
IV	XIII	1	Antônio (Imperador).	Uma carta de Antonino ao concílio da Ásia, sobre a doutrina cristã.	Resposta de Antônia a apologia de Justino e outras solicitações dos irmãos da Ásia.
V	XXV	1	Vários Bispos.	Carta sobre a decisão a cerca da pascoa.	Documento eclesiástico passado entre as igrejas.
VII	VII	4	Dionísio, de Alexandria.	Regra de Heraclas.	Decisão da Igreja quanto a discórdia referente a pascoa. Documento eclesiástico (Regra).
VII	XIII	1	Galiano (Imperador).	Editos e Decretos.	Eusébio faz a transcrição de um destes documentos, mas não o identifica.

VII	XXX	1	Grupo de pastores.	Carta aos bispos de Roma e de Alexandria, sobre a heresia de Paulo de Samósata.	Carta direcionada aos bispos e as províncias, comunicando a posição oficial quanto a discórdia de Paulo de Samósata. Documento Eclesiástico (Regra).
VIII	X	2	Fíleas.	Carta de Fíleas aos habitantes de Thumuis.	Carta que descreve os martírios, a fim de ser um testemunho. Documento eclesiástico.
VIII	XVII	3-10	Galério, Constantino e Licínio.	Edito de tolerância de Galério. (311)	Eusébio escreve um apêndice ao final do Livro VIII, explicando a circunstancia em que o edito foi elaborado.
IX	V	1	Pilatos (Provavelmente).	Atos de Pilatos.	Documento hipotético, sobre uma correspondência entre Pilatos e Tibério que trata do processo de Jesus. Documento contra os cristãos visando a difamação desta comunidade. Foi enviado a todos os territórios e ensinado nas escolas, o mal que vinha dos cristãos.
IX	V	2	Tribuno de uma região que os romanos denominavam “dux”.	Conhecido apenas por “Atas”.	Segundo Eusébio trata-se de uma “ata” forjada a fim de difamar os cristãos. Esta ata foi enviada ao imperador que por sua vez mandou fixa-las em todos os lugares.
IX	VII	3-14	Maximino (Imperador).	Cópia da tradução do edito de Maximino em resposta as petições inscritas na Estela de Tiro.	Edito contra os cristãos, emitido após petições votadas contra a comunidade cristã.
IX	IX	10-11	Constantino (Imperador).	Monumento. Colocação de um símbolo nas mãos da estatueta de Constantino. Inscricção referente ao símbolo salvador, que lhe foi entregue em sonho.	Alusão ao que seria o edito de Milão, no verso 12. O documento foi elaborado por Constantino e Licínio.
IX	IX-A	1-9	Maximino (Governava os povos do oriente).	Cópia da tradução da carta do tirano.	Resposta de Maximino ao edito de Constantino e Licínio.
IX	X	7-11	Maximino (Governava os povos do oriente).	Cópia da tradução do mandamento do tirano em favor dos cristãos.	Adaptação do edito de Milão por Maximino.
X	V	2-14	Constantino e Licínio.	Edito de Milão (313).	
X	V	15-17	Constantino (Imperador).	Cópia de outro mandamento imperial, emitido ainda com a finalidade de prescrever o beneficio apenas para a Igreja Católica.	Documentos que afetam somente a Igreja do ocidente, por isso aparece apenas o nome de Constantino. Devolução dos bens da Igreja.

X	V	18-20	Constantino (Imperador).	Cópia da carta do imperador pela qual ordena a convocação em Roma de um sínodo de bispos, para a união e concórdia das Igrejas.	Sínodo de Roma. Para resolver a grande crise da Igreja Africana. Heresia donatismo. Parece que a questão donatista causou dois sínodos o de Roma e o de Arles.
X	V	21-24	Constantino (Imperador).	Cópia da carta do imperador pela qual ordena a realização do segundo sínodo, para eliminar qualquer divisão entre bispos.	Concílio de Arles (ou da Gália), realizado em 314, Sendo o bispo de Roma Silvestre I. Constantino convoca em Arles, 33 bispos africanos, na tentativa de evitar o cisma donatista.
X	VI	1-5	Constantino (Imperador).	Cópia da carta imperial pela qual se concedem bens às Igrejas.	Doação de recursos financeiros.
X	VII	1-2	Constantino (Imperador).	Cópia de uma carta imperial pela qual fica ordenado que os chefes das Igrejas sejam isentos de todo encargo público.	Carta pela qual ordena que os presidentes das Igrejas sejam eximidos de toda função pública civil. Lei datada do ano de 313, sendo este o ultimo documento preservado por Eusébio.

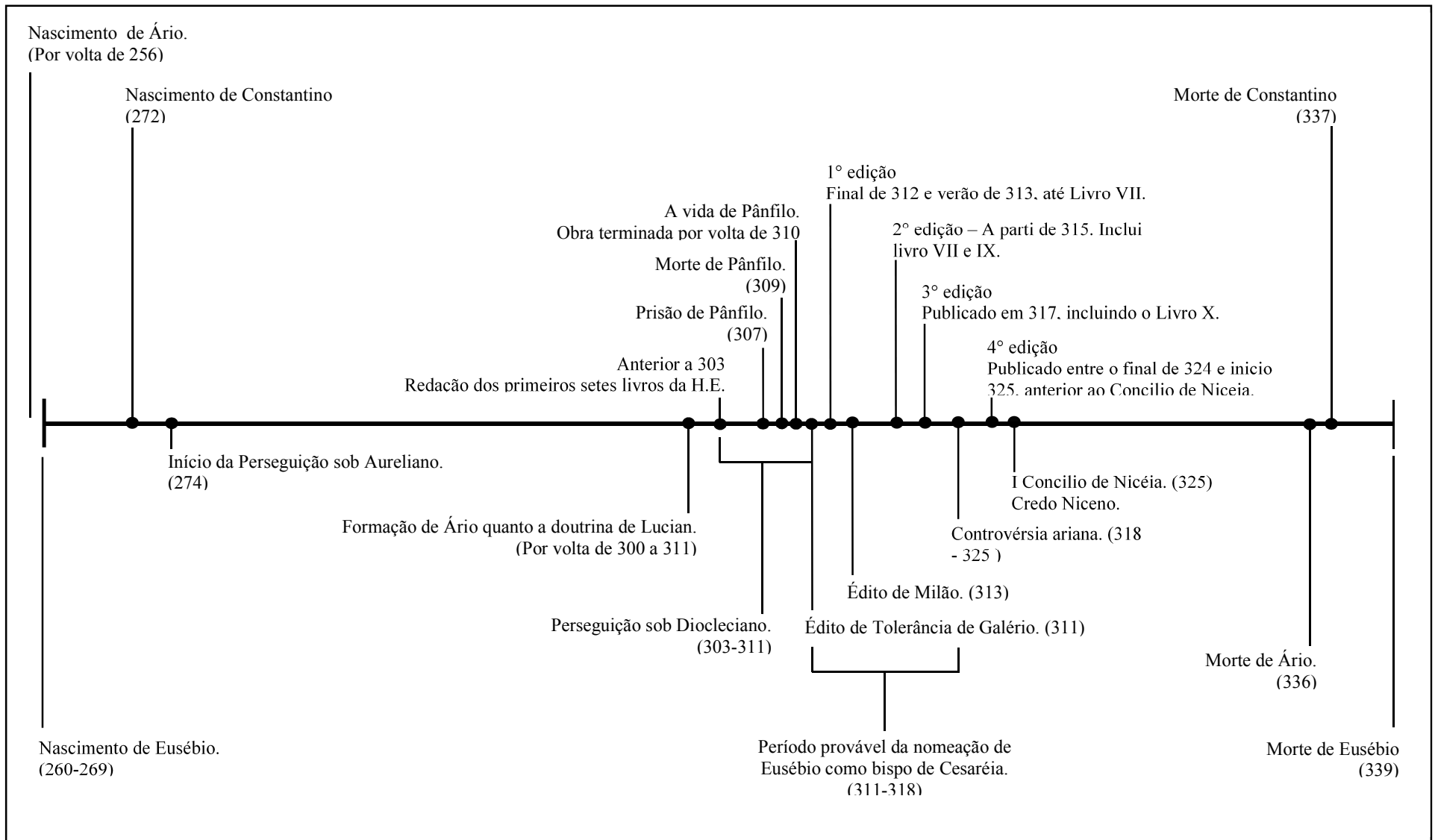
Anexo 2.

Quadro de heresias citado por Eusébio de Cesaréia em sua obra *História Eclesiástica*.Quadro de heresias citado por Eusébio de Cesaréia em sua obra *História Eclesiástica*.

Livro	Capítulo	Verso	Heresia	Heresiarca	Combatido por ...
II	I	11	Controvérsia de Simão	Simão, O Mago.	Pedro, Apóstolo.
II	XIII	5	Controvérsia de Simão.	Discípulos diretos de Simão	Justino Mártir e Irineu de Lyon.
II	XIII	6	Gnosticismo (movimento).	Diversos discípulos indiretos de Simão.	Diversos patriarcas.
II	XXV	6	Catafrigios.	Probo.	Caio.
III	XXVI	1	Gnosticismo.	Menandro.	Justino Mártir.
III	XXVII	1	Ebionismo.		Irineu de Lyon.
III	XXVIII	1	Heresia de Cerinto [Gnostico].	Cerinto.	Caio, Dionísio de Alexandria
III	XXIX	1	Nicolaísmo.	Nicolau.	Clemente de Alexandria.
IV	VII	3	Heresia de Meneandro [Gnostico].	Meneandro.	
IV	VII	3	Gnosticismo.		
IV	VII	3	Saturnionismo [Gnostico].	Saturnino, oriundo de Antioquia.	Irineu de Lyon.
IV	VII	3	Basilidianos [Gnostico].	Basilides, de Alexandria.	Agripa Castor e Irineu de Lyon.
IV	VII	9	Carpocracianismo [Gnostico].	Carpócrates de Alexandria.	Irineu de Lyon.
IV	VII	9	Gnosticismo, movimento.	Carpócrates de Alexandria.	
IV	XI	1	Valentianismo [Gnostico].	Valentino.	
IV	XI	1	Heresia de Cerdão [Gnostico].	Cerdão ou Cerdon.	Irineu de Lyon.
IV	XI	4	Marcosianismo [Gnostico].	Marcos.	Irineu de Lyon.
IV	XI	8	Marcionismo [Gnostico].	Marcião de Sinope.	Justino Mártir.
IV	XVI	1	Cinismo [Filosofia].		Justino Mártir.
IV	XVIII	7	Heresia de Trifon [Cristológia].	Trifon.	Justino Mártir.
IV	XXII	5	Heresia de Tebutis [7 seitas].	Tebutis.	Justino, Irineu, Origenes e Hipólito.
IV	XXII	5	Simonianos [7 seitas].	Simão, O Mago.	Justino, Irineu, Origenes e Hipólito.
IV	XXII	5	Cleobinianos [7 seitas].	Cleóio.	Justino, Irineu, Origenes e Hipólito.
IV	XXII	5	Dositeanos [7 seitas].	Dositeu.	Justino, Irineu, Origenes e Hipólito.
IV	XXII	5	Gorteanos [7 seitas].	Gorteu.	Justino, Irineu, Origenes e Hipólito.
IV	XXII	5	Masboteus [7 seitas].		Justino, Irineu, Origenes e Hipólito.
IV	XXII	5	Menandrianitas.		Justino, Irineu, Origenes e Hipólito
IV	XXII	5	Marcionitas [Gnostico].	Marcião de Snope.	Justino, Irineu, Origenes e Hipólito
IV	XXII	5	Carpocratianos [Gnostico].	Carpócrates de Alexandria.	Justino, Irineu, Origenes e Hipólito

Livro	Capítulo	Verso	Heresia	Heresiarca	Combatido por ...
IV	XXII	5	Valentianos [Gnostico].	Valentino.	Justino, Irineu, Origenes e Hipólito
IV	XXII	5	Basilidianos [Gnostico].	Basilides, de Alexandria.	Justino, Irineu, Origenes e Hipólito
IV	XXII	5	Saturnilianos [Gnostico].	Saturnino, oriundo de Antioquia.	Justino, Irineu, Origenes e Hipólito
IV	XXIV	1	Heresia de Hermógenes	Hermógenes.	Teófilo, Bispo de Antioquia.
IV	XXVII	1	Montanismo.	Montano, da Frigia.	Apolinário.
IV	XXVIII	1	Encratismos [Gnostico].	Taciano.	Musano.
IV	XXIX	1	Heresia de Taciano [Gnostico].	Taciano.	Irineu de Lyon.
IV	XXIX	4	Severianos.	Severo.	Irineu de Lyon.
V	VII	1	Gnosticismo (movimento).		Irineu de Lyon.
V	XIII	1	Heresia de Taciano [Gnostico].	Taciano.	Rodon.
V	XIII	2	Varição dos Marcionitas [Gnostico].	Apeles, líder da variante desta heresia.	Rodon.
V	XIII	3	Varição dos Marcionitas [Gnostico].	Polito, líder da variante desta heresia.	Rodon.
V	XIII	3	Varição dos Marcionitas [Gnostico].	Basilico .	Rodon.
V	XIII	4	Varição dos Marcionitas [Gnostico].	Sineros.	Rodon.
V	XIV	1	Montanismo.	Montano, da Frigia.	
V	XV	1	Heresia de Blastos [cisão].	Blastos.	
V	XV	1	Heresia de Florino [cisão].	Florino.	
V	XVI	1	Heresia Catafrigia [montanhismo].	Montano, da Frigia.	Apolinário e outros apologistas.
V	XXVIII	1	Heresia de Artemão [Cristológica].	Artemão.	Vitor (?)
VI	XVII	1	Ebionismo [Cristológica].		
VI	XXXIII	1	Erro de Berilo [cisão].	Berilo.	Orígenes [Ὠριγένης].
VI	XXXVII	1	Discórdia dos Arabes.		Orígenes [Ὠριγένης].
VI	XXXVII	1	Elquesaitas.		Orígenes [Ὠριγένης].
VI	XLIII	1	Heresia de Novato [cisão].	Novato.	Tratado em Concílio.
VII	VI	1	Sabelianos [Cristológica].	Sabélio.	Dionísio de Alexandria.
VII	VII	1	Novacianos [Cristológica].	Noeto.	Dionísio de Alexandria.
VII	IX	1	Batismo de Hereges.		Vários apologistas.
VII	XXIV	1	Heresia de Nepos [cisão].	Coraquim.	Dionísio de Alexandria.
VII	XXV	2	Cerentianismo [Gnostico].	Cerinto	Dionísio de Alexandria.
VII	XXVII	1	Heresia de Paulo de Samósata.	Paulo de Samósata.	Dionísio de Alexandria.
VII	XXXI	1	Maniqueus [Gnostico].	Manes.	

Anexo 4:
Cronologia: Eusébio e a História Eclesiástica.



Anexo 5:**Representação artística da Cidade de Cesaréia Marítima.**

Caesarea Maritima por Jean-Claude Golvin.
<https://br.pinterest.com/pin/295126581827424321/?lp=true>